



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANGÉLICA PAULA FERREIRA GOMES

**OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE  
JOVENS MULHERES BOA-VISTENSES**

Belém  
2022

ANGÉLICA PAULA FERREIRA GOMES

**OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE  
JOVENS MULHERES BOA-VISTENSES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de mestrado.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Profa. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Belém

2022

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**  
**Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém - PA**

---

Gomes, Angélica Paula Ferreira

Os sentidos da experiência escolar de jovens e mulheres boa-vistenses / Angélica Paula Ferreira Gomes; orientação de Lucélia de Moraes Braga Bassalo. - Belém, 2022.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2022.

1. Experiência escolar. 2. Ensino Médio - Estudo e ensino. 3. Mulheres-Educação. I. Bassalo, Lucélia de Moraes Braga (Orient.). II. Título.

305.4

---

Regina Coeli A. Ribeiro - CRB-2/739

ANGÉLICA PAULA FERREIRA GOMES

## OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR DE JOVENS MULHERES BOA-VISTENSES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de mestrado.

Linha de Pesquisa: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Profa. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Data de defesa: 25/08/2022

Banca Examinadora:



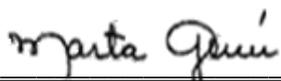
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo — Orientadora



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Denise Gisele De Britto Damasco — UNB — Examinadora Externa



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Gilcilene Dias da Costa — PPGEDUC/UFPA — Examinadora Externa



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marta Genú Soares — PPGED/UEPA — Examinadora Interna

Belém

2022

Para todas as juventudes de São Sebastião da Boa Vista que vivem/viveram o desafio de ser boa-vistense.

## AGRADECIMENTOS

À minha avó, Guilhermina Gomes, a mulher mais bondosa, forte e corajosa que eu já conheci na vida. Obrigada por todo o tempo dedicado em minha formação. Pelo carinho, estando perto ou distante. Por me lembrar, em cada ligação telefônica, que pensa em mim e sente a minha falta, especialmente quando todos os netos estão reunidos. Ouvir isso é muito revigorante, me recorda que eu ainda tenho um porto para ancorar e que ele é bastante seguro. Obrigada por entender minhas ausências e desejar a minha presença. Por sempre me convidar a retornar à sua casa, ao seu aconchego, mas também compreender meus anseios e desejos de respirar novos ares, de viver em busca da realização dos meus planos e sonhos. Obrigada por me tratar com a mesma atenção dada àqueles que estão ao seu lado. Sempre lembro dos seus conselhos sobre a vida desse lado da Baía. Sim, é difícil, mas, apesar das adversidades, eu tenho caminhado bem. Muito obrigada por todos os ensinamentos. Obrigada por tudo!

Aos meus pais, irmãos, sobrinhos e tia, que embora não saibam ou imaginem a magnitude do que isso tudo representa para mim, demonstram apoio por meio de diferentes linguagens, dentre essas, o grande cuidado diário com a minha avó. Se não fosse por vocês, a trajetória que venho trilhando nos últimos anos seria muito mais difícil. Obrigada por toda a atenção dedicada à nossa matriarca. Saber que ela e vocês estão bem, me deixa tranquila para concentrar meus esforços nos desafios do dia a dia na capital do Estado.

À Lucélia Bassalo, professora mais influente que eu já tive, por ser um grande farol em minha trajetória acadêmica, me apontar caminhos e iluminá-los com seu toque suave e precioso. Por me ensinar com tanta maestria, paciência, sutileza e carinho. Pelas ricas contribuições nos meus trabalhos, as quais eu carrego com muito amor e consideração. Por ajudar a mudar o rumo da minha vida, me apresentar ao mundo da pesquisa e, assim, resgatar o que eu chamo de espírito escritor, aquele que durante a minha adolescência era intrigado com questões relacionadas aos jovens boa-vistenses e, naquela época, falava em investigá-los. Obrigada por transformar o percurso no mestrado em uma jornada tranquila e alimentar meus planos e sonhos. Por essa parceria que me encoraja e inspira em querer desenvolver muitos outros estudos desse tipo. Tu me mostraste, desde a primeira aula, ainda na graduação, um caminho que eu sempre acreditei que seria possível e hoje tenho certeza que é. Este trabalho tornou-se potente, como o

julgaste desde o princípio, devido ao teu apoio, equilíbrio, compromisso e atenção. Obrigada por insistir em mim, (tentar) me compreender, escutar, enxergar e incentivar. A maneira como tu acreditas em mim, no que eu escrevo e no que desejo investigar, me estimula a almejar sempre o melhor. Te encontrar nesse caminho é comparável a um suspiro após a travessia da Baía: leve e esperançoso. A tua serenidade me transmite segurança e paz, me faz acreditar que as maresias logo cessarão. Não encontro palavras suficientes para descrever a tua importância em minha caminhada do lado de cá da Baía de Marajó. Só sei dizer que é grande. Muito, muito grande! Obrigada por tudo!

À Elaine Queiroz, por toda a amizade e carinho. Por ser uma das minhas maiores incentivadoras. Por acreditar neste estudo, nos meus planos, desejos e sonhos. Obrigada por me empurrar infinitas vezes para que eu tivesse coragem de continuar essa caminhada. Pela cumplicidade e companheirismo de sempre. Por todas as experiências partilhadas diariamente. Obrigada por estar ao meu lado e ser uma grande amiga.

À Elcione Silva, Joicieli Pereira, Stéphanie Farias, Jamille Lopes e Ana Carolina Corrêa, pela amizade que há muitos anos ultrapassa as barreiras marajoaras. Obrigada por me acompanharem, torcerem por mim, apoiarem e vibrarem com cada conquista, desde as acadêmicas até as mais pessoais. Pelos reencontros que sempre acabam com relatos de experiências sobre a vida em diferentes contextos. Por contribuírem de forma ímpar para esta pesquisa, indicando caminhos, discutindo detalhes e ideias. Este trabalho é sobre vocês também. É para vocês!

À Beatriz Galvão e Clarissa Barros, por entrarem na minha vida durante a graduação e escolherem permanecer, ainda que estejamos em momentos e caminhos completamente diferentes. Obrigada por serem tão ocupadas quanto eu e entenderem todas as nossas ausências e sumiços frequentes e mais ainda pelos reencontros repletos de cumplicidade, amizade, companheirismo e risos. Nós mudamos muito, especialmente nos últimos anos, mas o afeto e preocupação continua o mesmo. Eu estou aqui para vocês também. Obrigada por seguirem comigo e pelo apoio e incentivo de sempre.

À Lucideia Magno, por todo apoio e incentivo. Por indicar caminhos, discutir ideias e propor soluções. Por me receber em tua casa e fazer dela o meu abrigo. Obrigada por todas as conversas e conselhos. Obrigada por tudo!

À Jefferson Galvão, por todos os cafés inesperados regados a boas conversas. Obrigada por todo apoio, incentivo e preocupação comigo e com este estudo. Por

compartilhar informações, ideias, percepções, planos e crenças. Por todo conhecimento multiplicado, especialmente nos últimos meses.

À Aynara Gaia, por contribuir no prolongamento da minha trajetória estudantil, a partir dessa Pós-Graduação, construindo uma ponte para eu conseguir cursar o mestrado, permanecendo no trabalho. Obrigada por doar aqueles dez minutos tão disputados em meio a rotina escolar de uma quarta-feira, me escutar atentamente e mais ainda por entender a necessidade e desejo que sinto em continuar a vida acadêmica. Obrigada por me orientar os passos que foram importantíssimos para que eu continuasse ali. Teu olhar acolhedor e solícito sobre a minha situação, naquele momento, trouxe-me ao lugar em que me encontro hoje. Obrigada pela atenção e gentileza de sempre.

Aos jovens entrevistados, por acreditarem na seriedade deste estudo e confiarem as narrativas de suas experiências a mim. Obrigada por compartilharem vivências, sentimentos, memórias, dificuldades, desejos e sonhos. Vocês me emocionaram inúmeras vezes com suas histórias repletas de significados que enriqueceram este trabalho. Isto é sobre e para vocês.

Ao grupo de pesquisa Juventude, Educação e Sociabilidades, por me proporcionar a base teórica necessária para desenvolver minhas pesquisas e por ser uma fonte riquíssima de discussões e compartilhamento de ideias.

Às professoras Denise Damasco, Gilcilene Dias e Marta Genú, por todas as contribuições realizadas neste estudo. Obrigada pelas ideias e partilha de conhecimentos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, por proporcionar o prolongamento da minha trajetória acadêmica. Por todos os conhecimentos aprendidos nessa instituição.

Às juventudes de São Sebastião da Boa Vista. Jovens estudantes. Jovens formados. Jovens técnicos. Jovens trabalhadores. Jovens que não estudam. Jovens que não trabalham. Jovens que não estudam nem trabalham. Jovens que desejavam prolongar os estudos, mas ainda não tiveram oportunidade. Jovens que, por algum motivo, abandonaram a vida escolar. Jovens que não sentiram a necessidade de continuar os estudos. Jovens que têm vontade de retornar... Jovens boa-vistenses. Esta pesquisa tem um pouco de cada um de vocês. Vocês me inspiraram com suas trajetórias e experiências.

A experiência sempre tem algo de imprevisível (do que não se pode ver de antemão), de indizível (do que não se pode dizer de antemão, do que não está dito), de imprescritível (do que não se pode escrever de antemão, do que não está escrito). E mais, a incerteza lhe é constitutiva. Porque a abertura que a experiência dá é a abertura do possível, mas também do impossível, do surpreendente, do que não pode ser. Por isso a experiência sempre supõe uma aposta pelo que não se sabe, pelo que não se pode, pelo que não se quer. A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade (LARROSA, 2011, p. 19).

## RESUMO

Este trabalho é vinculado à linha de pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. O objetivo está em compreender os sentidos da experiência escolar de jovens boa-vistenses, no Ensino Médio, no decurso de suas trajetórias biográficas após essa etapa e, para isso, buscamos identificar os elementos que se destacam na experiência escolar; analisar as singularidades das experiências nas trajetórias biográficas que marcaram as suas escolhas após o Ensino Médio; e delinear os fatores que dificultaram ou impediram o prolongamento dos estudos. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa reconstrutiva, baseada na Fenomenologia Social. O corpus da pesquisa é constituído por entrevistas narrativas que foram analisadas por meio do Método Documentário. A investigação foi realizada no município de São Sebastião da Boa Vista, no estado do Pará, com cinco participantes, todas do sexo feminino, sendo jovens formadas no Ensino Superior, universitárias, técnicas ou estudantes de curso técnico, trabalhadoras e aquelas que não estudam nem trabalham, egressas do Ensino Médio da Escola João XXIII do período compreendido entre 2010 e 2019. A reflexão das visões de mundo das entrevistadas revelou a existência de três modelos de orientação: a) laços positivos; b) intenções e realidade; e c) inconstância. Nesses, identificamos que os sentidos atribuídos à experiência escolar representam uma esperança, relacionada ao que passou, mudou, transformou e, principalmente, ao que ainda virá, assim como influenciam nos percursos seguidos após a Educação Básica, porque a intenção de prolongar os estudos vem das expectativas criadas no espaço de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Experiência escolar. Ensino Médio. Jovens mulheres. Método Documentário.

## ABSTRACT

This work is linked to the research line Teacher Training and Pedagogical Practices of the Graduate Education Program of the Pará State University. The purpose is to understand the meanings of the school experience of young people from Boa Vista, in high school, in the way of their biographical trajectories after this stage and, for that, we seek to identify the elements that stand out in the school experience; to analyze the singularities of the experiences in the biographical trajectories that marked their choices after high school; delineate the factors that made it difficult or impossible for them to prolong their studies. This is a research of reconstructive qualitative approach, based on Social Phenomenology. The research corpus consists of narrative interviews that were analyzed through the Documentary Method. The research was carried out in São Sebastião da Boa Vista city, in the state of Pará, with five participants, all female, being young graduates in Higher Education, being young people graduated from college, university students, technical or technical course students, workers, and those who neither study nor work, egresses from João XXIII High School, the period between 2010 and 2019. Reflection of the interviewees' worldviews revealed the existence of three orientation models: a) positive relationships; b) intentions and reality; and c) inconstancy. In these, we identified that the meanings attributed to the school experience represents hope, related to what has passed, changed, transformed, and, mainly, to what is yet to come, as well as influence the paths followed after elementary school, because the intention to prolong studies comes from the expectations created in the learning space.

**Keywords:** School experience. High School. Young women. Documentary Method.

## LISTA DE ABREVIATURAS DE SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores
SEDUC	Secretaria de Educação do Estado do Pará
UEPA	Universidade do Estado do Pará

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Produções acadêmicas identificadas.....	27
Tabela 2: Produções acadêmicas por tipo.....	28
Tabela 3: Produções acadêmicas por Grande Área de Conhecimento.....	28
Tabela 4: Produções acadêmicas por ano.....	29
Tabela 5: Produções acadêmicas na Região Norte.....	31
Tabela 6: Produções acadêmicas por universidade.....	32
Tabela 7: Colaboradores da pesquisa.....	53

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>I. OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR: O ESTADO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>26</b>
<b>II. JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA ESCOLAR.....</b>	<b>34</b>
2.1. A experiência é o que fica e não o que passa.....	34
2.2. A experiência juvenil na escola.....	36
<b>III. PERCURSOS INVESTIGATIVOS.....</b>	<b>42</b>
3.1. O estudo da vida cotidiana.....	42
3.2. Aproximação com o contexto e seus sentidos.....	45
3.3. Sobre os colaboradores da pesquisa.....	51
<b>IV. EXPERIÊNCIAS AO LONGO DA TRAJETÓRIA ESCOLAR.....</b>	<b>59</b>
4.1. Entre dificuldades, distrações e obrigações.....	59
4.2. Da inspiração à falta de interesse.....	67
4.3. Balanço das trajetórias.....	72
<b>V. EXPERIÊNCIAS NAS TRAJETÓRIAS APÓS O ENSINO MÉDIO</b>	<b>78</b>
5.1. Persistência, impasses e dificuldades.....	78
5.2. Balanço das trajetórias.....	90
<b>VI. DIFICULDADES E IMPEDIMENTOS: AS EXPERIÊNCIAS APÓS O ENSINO MÉDIO.....</b>	<b>95</b>
6.1. Desafios para continuar estudando.....	95
6.2. Balanço das trajetórias.....	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>107</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>115</b>

<b>ANEXOS</b> .....	121
Códigos utilizados na transcrição das entrevistas.....	122
<b>APÊNDICES</b> .....	124
APÊNDICE I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	125
APÊNDICE II: Lista para indicação inicial de possíveis sujeitos.....	127
APÊNDICE III: Questionário.....	128
APÊNDICE IV: Tópico-guia da entrevista narrativa para jovens formados no Ensino Superior, universitários ou pré-vestibulandos.....	133
APÊNDICE V: Tópico-guia da entrevista narrativa para jovens técnicos ou estudantes de Curso Técnico.....	135
APÊNDICE VI: Tópico-guia da entrevista narrativa para jovens trabalhadores.....	137
APÊNDICE VII: Tópico-guia da entrevista narrativa para jovens que não estudam nem trabalham.....	139

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, apresentado como dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará — UEPA, se trata de uma pesquisa social reconstrutiva que buscou compreender os sentidos da experiência escolar das jovens boa-vistenses, no Ensino Médio, no decurso de suas trajetórias biográficas após essa etapa. Para tanto, de acordo com Sposito (2009), nos últimos anos, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES registrou um aumento bastante expressivo de produções com temáticas envolvendo as juventudes. Contudo, apesar do crescimento do número de pesquisas, ainda podemos falar em uma escassez de estudos desenvolvidos no contexto amazônico e, em especial, com jovens da Região Norte. Conforme Zago (2016), há poucas informações a respeito de jovens do meio rural com acesso ao Ensino Superior, seus projetos, escolarização e perspectivas profissionais. Para ela, isso deve-se ao fato da pesquisa em educação visar, principalmente, a condição urbana, tanto na infância quanto na juventude.

Considerando tal situação e tendo em vista a necessidade e importância de investigar as diferentes juventudes amazônicas, desenvolvemos um estudo que se propôs a realizar uma discussão com e sobre jovens a respeito de assuntos que envolvem professores, escola e sociedade. Porém, não apenas isso. Esta pesquisa traz, ainda, uma reflexão de temas que ultrapassam portas e janelas de salas de aula, muros de instituições e quiçá limites de um pequeno município localizado a 136 km da capital do estado do Pará. O que estamos apresentando é uma investigação pensada a partir de situações vividas, vistas e ouvidas; de transformações ocorridas em um cenário que, durante muito tempo, foi marcado por caminhos pré-determinados, frequentemente, passados de geração para geração; de rotinas escolares repletas de alegrias e frustrações; de trajetórias biográficas ressignificadas; de continuidades e adiamentos; de desafios e oportunidades; de coragem, incertezas e perseverança; de esperanças e realidades distintas.

Nessa perspectiva, lembramos que, antes de ser dividido regionalmente da forma como conhecemos hoje, o Brasil foi fragmentado diversas vezes pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE até os anos de 1970, quando ficou estabelecido apenas 5 regiões: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul, sofrendo algumas pequenas alterações com a Constituição Federal de 1988. Respeitando essa divisão, apontamos o

universo macro desse estudo: a Região Norte. Compreendendo uma área de 3.850.509,943 km<sup>2</sup>, essa região é composta por sete estados, dentre eles o Pará, um dos maiores em extensão territorial do país e com a população estimada em 8.801.043 habitantes. Desses, 1.615.435 são jovens na faixa etária de 15 a 29 anos de idade, segundo dados apresentados pelo IBGE<sup>1</sup> no ano de 2021.

Estamos considerando uma pluralidade de jovens espalhados por 144 municípios do estado do Pará, com diferentes estilos e modos de ser e viver. Nos referimos a uma juventude que, de acordo com Mannheim (apud WELLER; BASSALO, 2020), “não é nem progressista nem conservadora por natureza, mas, em função de forças que estão adormecidas dentro dela, está pronta para tudo o que há de novo” (p. 403); aos grupos geracionais engajados com lutas sociais, políticas, culturais e educacionais, que expõem preconceitos e injustiças, compartilham experiências e demais movimentos a favor dos direitos humanos, organizam atos e fecham ruas para demonstrar a indignação diante de arbitrariedades; aos jovens que usam o tempo livre para apreciar festas até o amanhecer, participam de blocos de ruas no carnaval, grupos religiosos ou que optam por aproveitar folgas com filmes, séries, videogames, livros, músicas e redes sociais; àqueles que possivelmente estudam desde os três anos de idade e apresentam expectativas relacionadas a uma carreira profissional, através da educação.

Todavia, não podemos afirmar que tais características são comuns a todas as juventudes paraenses, pois há aquelas que vivenciam experiências completamente diferentes e, muitas vezes, repletas de desafios devido residirem em áreas afastadas dos centros urbanos e, mais especificamente, nas zonas rurais de alguns pequenos municípios, sem acesso até mesmo aos recursos básicos de sobrevivência. Nesses lugares, é comum encontrar pessoas que constituíram família ainda na adolescência ou que trabalham desde a infância. Há quem nunca tenha frequentado uma escola, assim como outros que cursaram o Ensino Fundamental com muita dificuldade, adiando o ingresso no Ensino Médio e Superior, dada a necessidade de deslocamento ou ainda a mudança para locais com acesso a esses níveis educacionais.

Tal situação nos fez refletir sobre o acesso à educação no Estado e sobretudo na oferta de escolas de Ensino Médio. Destacamos que o Pará concentra 643 instituições

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=sidra%20popula%C3%A7%C3%A3o&start=0>>.

públicas ativas que disponibilizam esse nível escolar, sendo 1 da rede municipal, 20 da federal e 622 da estadual, atendendo jovens estudantes da zona urbana e rural<sup>2</sup>. Cientes disso, a priori podemos constatar que esse total é pouco diante do quantitativo populacional da região. Muitas áreas, principalmente na zona rural, dispõem de apenas uma escola de Ensino Médio para atender a população local e arredores, algo que exige do público que mora distante um deslocamento diário, árduo e fatigante, caso desejem prolongar a escolarização.

Esta pesquisa tem origem em uma área semelhante a que descrevemos acima, no Nordeste paraense, em um território pertencente a Mesorregião do Marajó e a Microrregião de Furos de Breves. Distante 136 km da capital do Estado, São Sebastião da Boa Vista, inicialmente, era um simples vilarejo com pouquíssimos habitantes, mas repleto de espaço para receber novos moradores e estabelecer-se como um município. Assim, formada por um povo que vivia da agricultura, com o cultivo e a produção de milho, farinha, palmito, açaí e outros alimentos que contribuía, inclusive, para o autossustento, essa região vem crescendo, desde 1872, ano de sua fundação segundo Monfredo (1979), em níveis demográficos, estruturais, sociais, culturais e educacionais.

Segundo o IBGE (2021), a população atual de São Sebastião da Boa Vista é constituída por 27.302 habitantes, conhecidos como boa-vistenses, havendo, entre os moradores, funcionários públicos, pequenos comerciantes, trabalhadores de microempresas, autônomos, pescadores, aposentados e estudantes. É um município que possui uma sede — zona urbana — além de povoados, vilas, rios, furos, igarapés e outras comunidades que compõem a zona rural. Por localizar-se em uma ilha, o acesso é possível somente através de transportes aéreos ou fluviais, em embarcações que podem levar de três a doze horas de viagem (GOMES, 2018).

Atualmente, São Sebastião da Boa Vista dispõe de diferentes serviços públicos e particulares para atender a população local e arredores. Entretanto, apesar das inúmeras mudanças ocorridas no cenário boa-vistense, o município permanece com apenas uma instituição de Ensino Médio regular, desde 1964, localizada na zona urbana. Assim, a Escola Estadual de Ensino Médio João XXIII oferta o Ensino Médio regular; Sistema de Organização Modular de Ensino — SOME; 1ª e 2ª etapa da Educação de Jovens e Adultos — EJA; e Atendimento Educacional Especializado — AEE, nos períodos

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?dashboard>>.

matutino, vespertino e noturno, concentrando, no ano de 2021, cerca de 1.316 estudantes de toda a região, disponibilizando 32 professores especialistas em diversas áreas, de acordo com a Secretaria de Educação do Estado do Pará — SEDUC<sup>3</sup>.

Sendo a única da região a oferecer esse nível de ensino, em 57 anos de existência a Escola João XXIII formou diversas turmas. Inicialmente, os estudantes concluintes dessa etapa recebiam um certificado comprovando a aptidão para lecionar em turmas de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental (GOMES, 2018). Logo, parte dos jovens boa-vistenses, naquela época, tornaram-se professores apenas com essa qualificação e colaboraram para a formação de outras gerações, assim como houve aqueles que se especializaram através de um curso de graduação. Todavia, destacamos que essa segunda trajetória, caracterizada pelo prolongamento da escolarização após a Educação Básica, durante muito tempo, não era tão comum, uma vez que não havia polos universitários na região, sendo necessário buscar Ensino Superior em outros municípios distantes de São Sebastião da Boa Vista.

Dessa maneira, por longos anos, a principal trajetória percorrida pelos egressos do Ensino Médio boa-vistense resumia-se a trabalhar sem muita qualificação profissional, em pequenos comércios localizados ali mesmo, e/ou constituir família. Isso é afirmado com base em minhas experiências pessoais, enquanto moradora desse município, e também fundamentada nas pesquisas divulgadas através do Censo realizado pelo IBGE, na qual, até 2010, de 22.904 habitantes apenas 143 possuíam um curso de graduação completo. No entanto, de acordo Dayrell (2013), diante da expansão do Ensino Médio e do Ensino Superior no Brasil, os jovens passaram a incluir a perspectiva de uma trajetória de longevidade escolar em seus planejamentos futuros, situação que raramente ocorria na geração dos seus pais. Logo, com o aumento populacional e as diversas transformações no cenário social e educacional da região, percebe-se que o grupo de jovens que continuou os estudos após a conclusão da Educação Básica, em São Sebastião da Boa Vista, vem crescendo gradativamente.

Segundo Dayrell (2013) “ainda neste âmbito, a própria trajetória escolar é muito relacionada ao incentivo da família, a partir do discurso de que os filhos deveriam estudar para não passar as dificuldades dos pais” (p. 71). Essa ideia é apontada também em

---

<sup>3</sup> Disponível em:

<[http://www.seduc.pa.gov.br/porta/escola/consulta\\_matricula/RelatorioMatriculas.php?codigo\\_ure=20&codigo\\_municipio=45250](http://www.seduc.pa.gov.br/porta/escola/consulta_matricula/RelatorioMatriculas.php?codigo_ure=20&codigo_municipio=45250)>.

outra pesquisa<sup>4</sup>, desenvolvida por mim na graduação, na qual revelo a importância da escolarização para a família de estudantes boa-vistenses. Nesse estudo, os jovens descrevem planos de ingressar na universidade e caracterizam a escola como o caminho mais certo para obter um amanhã favorável, além de ser uma forma de orgulhar seus genitores e proporcionar-lhes melhores condições de vida. Desse modo, os sujeitos entrevistados admitem receber total apoio dos pais que, apesar de não gozarem de uma longa trajetória estudantil, incentivam os filhos para que se dediquem, exclusivamente, aos estudos.

Entretanto, o ingresso na universidade é definido por uma forte concorrência que pressupõe uma educação anterior favorável, porém, os critérios que definem os resultados de escolaridade não são iguais nas instituições (ZAGO, 2006). Assim, alguns estudantes possuem mais dificuldades que outros na trajetória que envolve lutar pelo acesso e permanência no Ensino Superior, e nesse caso estamos nos referindo, especialmente, àqueles que saem de seu local de origem para buscar qualificação profissional em áreas distantes, como acontece com os egressos do Ensino Médio boa-vistense.

Nessa perspectiva, a reflexão acerca dos caminhos seguidos por esses jovens nos coloca diante de situações que antecedem a conclusão dessa etapa. Uma vez que, além de suas finalidades sociais e econômicas, a escola se constitui também em um lugar de experiências, de encontros intergeracionais, bem como um espaço caracterizado por objetos e práticas culturais (CARVALHO, 2017). Assim, os estudantes tendem a dividir acontecimentos da vida, planos, sonhos, dilemas, sofrimentos e desafios, entendendo-se e construindo a sua identidade, com a ajuda dos amigos e professores.

Por isso, podemos dizer que a experiência escolar está relacionada às percepções, memórias, vivências e aprendizagens na instituição de ensino. Todavia, ao concluírem a Educação Básica, é possível que esses jovens carreguem muito mais que conhecimentos específicos, amizades e lembranças, uma vez que “o sujeito da experiência é como um território de passagem, como uma superfície de sensibilidade em que algo passa e que ‘isso que me passa’, ao passar por mim ou em mim, deixa um vestígio, uma marca, um rastro, uma ferida” (LARROSA, 2011, p. 8). Logo, cada indivíduo

---

<sup>4</sup> Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Juventude e Ensino Médio: trajetórias, desafios e perspectivas de futuro de estudantes de São Sebastião da Boa Vista”, desenvolvido no ano de 2018, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

tem uma experiência singular que forma e transforma, caracterizada por uma aposta pelo que não se sabe, por um talvez ou pela liberdade (LARROSA, 2011).

Inicialmente nos interessava estudar os e as jovens egressas do Ensino Médio na referida escola, chegando inclusive a entrevistar rapazes e moças. Entretanto por razões apontadas no capítulo III, nos detivemos na análise das jovens boa-vistenses. Partindo desse pressuposto e tendo em vista a curta escolarização de grande parte da população de São Sebastião da Boa Vista, as mudanças na forma de se projetar o futuro, considerando a necessidade e também o desejo de ingressar na universidade demonstrado hoje mais fortemente pelos estudantes, e as transformações ocorridas no cenário educacional do município, construímos este estudo tendo como questão central: como os sentidos da experiência escolar de jovens boa-vistenses, no Ensino Médio, impactam/movem/afetam o decurso de suas trajetórias após essa etapa? E, para nortear esta pesquisa, buscamos, ainda, respostas às seguintes indagações:

- Quais os elementos que se destacam na experiência escolar dos jovens boa-vistenses?
- Quais as singularidades das experiências nas trajetórias biográficas que marcaram as escolhas das jovens boa-vistenses após o Ensino Médio?
- Quais fatores dificultaram ou impediram o prolongamento dos estudos das jovens boa-vistenses?

Tais questões nos levam a refletir sobre os sentidos atribuídos à experiência escolar, especialmente no Ensino Médio; as diferentes trajetórias seguidas pelas egressas da Educação Básica; as perspectivas de estudantes boa-vistenses no prolongamento dos estudos; os motivos que impedem algumas jovens de concretizarem seus planos de ingressar no Ensino Superior; bem como as mudanças ocorridas no cenário social e educacional de São Sebastião da Boa Vista, entre tantos outros aspectos relacionados à população desse pequeno município.

Ao pensar nas trajetórias seguidas pelas egressas do Ensino Médio boa-vistense, refletimos também sobre os recentes acontecimentos ocasionados pela pandemia do novo Coronavírus. Para muitos, 2020 seria o ano em que buscariam qualificação profissional, seja por meio de um curso superior ou técnico. Porém, devido as medidas de prevenção à Covid-19, que impôs o fechamento de escolas e demais instituições a fim de diminuir a taxa de contágio do vírus, precisou-se adiar esse passo; diversos

estudantes universitários trancaram o curso e aqueles que moravam em áreas distantes retornaram à São Sebastião da Boa Vista por não dispor de instrumentos para participar das aulas virtuais, bem como por sentir dificuldades em custear alimentação e moradia nesse momento tão complicado; e alguns que ingressaram direto no mercado de trabalho, a fim de financiar os próprios estudos, foram surpreendidos por uma demissão que os obrigou a rever os planos. Esses são apenas uns de muitos exemplos de situações vividas nos últimos anos por jovens de diferentes localidades do Brasil.

Portanto, este estudo visou aprofundar o debate acerca dos sentidos da experiência escolar das jovens boa-vistenses, no Ensino Médio, considerando a percepção de mulheres formadas no Ensino Superior, universitárias ou pré-vestibulandas, técnicas ou estudantes de curso técnico, trabalhadoras e aquelas que não estudam nem trabalham, a fim de identificar elementos que se destacam e repercutem até os dias de hoje em suas trajetórias.

À vista disso, este estudo é fruto de indagações que me acompanham desde a adolescência, quando ainda fixava morada em São Sebastião da Boa Vista. Nascida e criada nesse pequeno município, acompanhei diversas trajetórias escolares marcadas por caminhos que, durante muito tempo, aparentavam levar ao mesmo fim. É como se existisse uma estrada onde os estudantes boa-vistenses caminhavam na mesma direção buscando algo que parecia ser comum a todos, mas ao chegar em um determinado perímetro (e muitas vezes até antes desse), o que poderia ser um encontro com novas direções se tornava um limite ultrapassado por pouquíssimos.

Me refiro aos anos iniciais do século XXI, aos quais comecei a perceber recorrentes situações de curta escolarização e abandono escolar, começando na minha família. Nossa matriarca, mãe do meu pai, não teve acesso à educação formal; minha tia se formou no antigo Magistério e retornou aos estudos recentemente conseguindo concluir o curso de Pedagogia pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Universidade do Estado do Pará — PARFOR/UEPA, em 2020. Meu pai quase não estudou, tornou-se um pedreiro ainda muito novo para ajudar nas despesas. Minha mãe certa vez relatou que foi proibida de frequentar a escola porque, segundo o seu genitor, se aprendesse a ler e a escrever iria mandar cartas para um namorado, porém, muitos anos depois de casada, cursou o supletivo e adquiriu o diploma do Ensino Médio, mas não foi além disso.

Minha família não é tão grande comparada a muitas ali. Tenho cinco irmãos (três homens e duas mulheres) dos quais apenas uma, além de mim, concluiu a Educação Básica, na idade considerada adequada, e outra, depois de muitas reprovações escolares, obteve o certificado pela modalidade EJA. Ambas constituíram família, têm filhas e, recentemente, apenas a primeira, após anos sendo concursada pelo município de São Sebastião da Boa Vista, decidiu retornar aos estudos, ingressando numa faculdade particular localizada ali mesmo. No que se refere aos rapazes, dois não finalizaram o Ensino Fundamental e um estagnou no penúltimo ano do Ensino Médio, reiniciando-o várias vezes até o abandonar. Desses, um formou família, tem filhos e trabalha como pedreiro, e os demais continuam morando com nossos pais e realizando alguns serviços de ajudantes de vez em quando.

Foi assistindo a essas trajetórias que cresci e passei de um ano escolar a outro sem saber exatamente se conseguiria atravessar os limites daquela estrada, mas alimentando expectativas de um futuro com formação acadêmica e profissional. Naquela época, próximo a mim também caminhavam diversos estudantes, alguns, devido a diferença de idade, estavam mais à frente que outros, porém, como o município é pequeno a maioria da população se conhece. Então, para quem viveu ali por longos anos, é relativamente fácil identificar quem concluiu a Educação Básica e seguiu para o Ensino Superior ou buscou qualificação através de um curso técnico, assim como aqueles que ingressaram direto no mercado de trabalho, entre tantos percursos possíveis na região.

Como nascida e criada ali, posso afirmar que é perceptível as mudanças ocorridas, principalmente, nas visões acerca do acesso e permanência na universidade, pois se antigamente os moradores de São Sebastião da Boa Vista utilizavam discursos que subestimavam a educação e o desejo dos jovens de sair do município em busca de qualificação profissional, por meio de uma graduação, hoje aqueles que, nos últimos anos, conseguiram vencer os obstáculos relacionados a luta por uma vaga em uma instituição pública e se formar no Ensino Superior, são considerados exemplos para quem julgava impossível concorrer com estudantes que moram nos grandes centros urbanos e dispõem de cursos e professores que favorecem a preparação para a prova do vestibular. Aliás, essa percepção marcada por uma espécie de sentença que depreciava os egressos do Ensino Médio boa-vistense perdurou por longos anos,

levando os próprios jovens a desacreditarem de uma provável trajetória de longevidade escolar.

Assim, ao concluir o Ensino Médio tive apoio financeiro para continuar os estudos em Belém, iniciando um cursinho pré-vestibular e morando com um casal de amigos da minha tia, devido não ter parentes fora de São Sebastião da Boa Vista. Porém, alguns empecilhos me obrigaram a retornar meses depois para o Marajó. Na época consegui trabalho em uma microempresa e permaneci naquela situação por pouco mais de dois anos. Durante esse tempo, apesar de não ter a carreira acadêmica como foco central, sempre vinha a capital realizar provas de seleção das universidades públicas, não obtendo sucesso. Certo dia, descontente com aquela situação que parecia cômoda demais, decidi pedir demissão e partir para Belém a fim de tentar novamente o ingresso no Ensino Superior. Em resumo, após um ano bastante tumultuado e de muita persistência, fui aprovada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na UEPA.

Nas viagens de Belém para São Sebastião da Boa Vista ou vice-versa, existe um momento em que as maresias aumentam, o vento sopra mais forte e, algumas vezes, o navio sacode como se fosse virar. Isso acontece quando a embarcação entra na Baía de Marajó, formada pela confluência dos rios Tocantins, Guamá, Moju e Acará, por cerca de três a quatro horas, sendo muito fácil identificar que chegamos naquele perímetro, pois aparentemente existe uma linha dividindo o encontro das águas. Após ultrapassar os limites, a viagem se torna serena novamente. Pensando nisso, costumo dizer que a minha vida antes e depois do ingresso no Ensino Superior é separada por uma linha parecida com essa que descrevi, visto que ao conseguir a vaga na universidade logo senti uma calma, como quem tem a certeza de que está chegando ao seu destino. Todavia, eu sabia que após atravessá-la, ainda tardaria a chegar, e não seriam horas e sim anos. Em muitos momentos tive a impressão de estar cruzando outra vez a “Baía”, mas me reconfortava lembrar que logo avistaria o “porto”.

Na escola, especialmente no último ano da Educação Básica, já tinha noção dos desafios não apenas para ingressar, mas também para permanecer na universidade. No entanto, nem em meus maiores sonhos imaginei que seriam tantos. Lembro-me das falas da minha tia solicitando que eu aprendesse a limpar a casa, cozinhar, lavar, porque se quisesse continuar os estudos teria que “morar de favor” em casas de outrem e esses saberes seriam essenciais. Foi então que compreendi porque diversos jovens boa-

vistenses não ultrapassavam aquele limite da estrada. Na verdade, isso é algo que, naquela época, quase ninguém falava. Muitos moradores locais tinham o hábito de julgá-los como alguém sem perspectiva, planos e ambições, mas logo percebi que era uma situação independente dos desejos e projetos dos estudantes. Para sair dali precisa-se de apoio financeiro, moral, psicológico e também muita coragem para atravessar a Baía, chegar a um local novo, algumas vezes sem conhecer ninguém, e abrir caminhos. Havia comentários sobre a dificuldade para continuar, mas geralmente vinham acompanhados de críticas e raramente de detalhes que explicassem tais empecilhos. Diversos jovens que saíram de São Sebastião da Boa Vista, viveram um pouco esses impasses. Aqueles que não têm parentes próximos ou condições financeiras para alugar uma residência, sofreram (e alguns ainda sofrem) por precisar viver em casa de famílias alheias.

Na realidade, o que ninguém fala até hoje é da escassez de políticas públicas que garantam de fato o acesso e a permanência do jovem na universidade; da inexistência de uma casa de apoio ao estudante boa-vistense; do esforço que muitos pais precisam fazer para dividir um salário mínimo com a família, em São Sebastião da Boa Vista, sem deixar o filho que estuda distante desamparado; da dificuldade que muitos jovens encontram em conciliar estudo e trabalho para não sobrecarregar financeiramente os parentes que o ajudam a todo custo; da falta de apoio emocional; e, principalmente, do quanto os jovens sofrem nessa trajetória após o Ensino Médio e são obrigados a se tornarem adultos praticamente do dia para a noite.

Atualmente, escrevo em nome daquela estudante que viveu grandes experiências escolares marcadas por desafios, incentivos e lutas travadas em busca de uma educação de qualidade; que chegou ao Ensino Médio entusiasmada e ao mesmo tempo preocupada com o futuro; como alguém que um dia elaborou projetos de vida voltados para a continuidade dos estudos no Ensino Superior, mas inicialmente foi obrigada a adiar os planos por se deparar com inúmeras dificuldades; como aquela que recebia ligações da família pedindo que retornasse para casa quando a situação se complicava e insistia que “era uma fase e logo passaria”, continuando a pelejar; como alguém que há nove anos saiu definitivamente de São Sebastião da Boa Vista, morou com algumas famílias, a priori desconhecidas, até conseguir um pedacinho de chão (ainda que alugado) para chamar de seu; como uma jovem que chegou até aqui ultrapassando limites e barreiras. Ademais, disserto como uma pesquisadora que se interessa pelo

campo de estudo da juventude e, sabendo de todas essas situações, investigou em 2018 a trajetória biográfica de jovens boa-vistenses, buscando ouvir seus relatos acerca do cotidiano vivenciado no município e na Escola João XXIII.

Tal pesquisa sanou determinadas dúvidas, porém surgiram outras e, junto delas, o interesse de novamente buscar respostas a partir das ideias de quem viveu ou vive o cotidiano de São Sebastião da Boa Vista, uma vez que, nos últimos anos, vem crescendo o grupo de jovens que ingressou em um curso superior ou técnico, seja no município ou em áreas distantes dali, assim como há aqueles que, por motivos particulares, não prolongaram a escolarização, desenvolvendo planos diferentes sem abandonar a região do Marajó. Todavia, ao pensar nas juventudes boa-vistenses e em suas distintas trajetórias seguidas após a conclusão da Educação Básica, entendemos que independentemente do que tenham articulado para o futuro, de alguma forma, as experiências vividas no Ensino Médio colaboraram para formar opiniões, desejos, percepções, sonhos, ambições e projetos de vida.

Constatamos, dadas as dificuldades de encontrar referências no campo da educação quanto a pesquisas que tratem das juventudes amazônicas e suas trajetórias de formação, sobretudo aquelas que vivem o cotidiano de São Sebastião da Boa Vista, que esse estudo torna-se relevante na medida em que contribui para caracterizar o jovem egresso do Ensino Médio boa-vistense, os diferentes caminhos seguidos após a conclusão dessa etapa, as marcas que esses sujeitos carregam de suas experiências escolares, bem como os fatores que possibilitaram ou impediram o prolongamento dos estudos.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo compreender os sentidos da experiência escolar de jovens boa-vistenses, no Ensino Médio, no decurso de suas trajetórias biográficas após essa etapa e, para isso, fez-se necessário identificar os elementos que se destacam na experiência escolar; analisar as singularidades das experiências nas trajetórias biográficas que marcaram as suas escolhas após o Ensino Médio; e delinear os fatores que dificultaram ou impediram o prolongamento dos estudos.

Diante disso, organizamos esta pesquisa em sete capítulos caracterizados da seguinte maneira:

O primeiro capítulo, intitulado “Os sentidos da experiência escolar: o estado do conhecimento”, apresenta um mapeamento dos trabalhos desenvolvidos nos Programas

de Pós-Graduação em Educação sobre os sentidos da experiência escolar de jovens egressos do Ensino Médio. Em síntese, é onde descrevemos a pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações do portal da CAPES acerca dos estudos relacionados a essa temática.

O segundo capítulo, identificado como “Juventude e experiência escolar”, se trata de uma análise acerca do conceito de experiência escolar, fundamentada em autores que investigam e discutem tal temática. Nesse, é possível encontrar a base teórica utilizada para realizar esta pesquisa.

O terceiro capítulo, denominado “Percurso investigativos”, descreve os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta investigação. Dividido em três tópicos, inicialmente, discutimos a abordagem qualitativa reconstrutiva e a fenomenologia social; em seguida, detalhamos a técnica da entrevista narrativa e da amostragem Bola de Neve e o método documentário; e, por fim, caracterizamos o locus e corpus da pesquisa, através da definição dos sujeitos e da descrição da reunião de informações.

No quarto, quinto, sexto e sétimo capítulo, trazemos a análise das informações reunidas nesta pesquisa. Inicialmente, identificamos os elementos que se destacam na experiência escolar das jovens boa-vistenses; em seguida, apontamos as singularidades nas trajetórias após o Ensino Médio; logo depois, descrevemos os fatores que dificultaram ou impediram o prolongamento da escolarização no Ensino Superior; e, por fim, revelamos as dificuldades enfrentadas, pelas participantes entrevistadas, no percurso estudantil após a Educação Básica.

Nas considerações finais, apresentamos as visões de mundo das jovens boa-vistenses, a partir dos modelos de orientação identificados, bem como sintetizamos os sentidos atribuídos à experiência escolar no Ensino Médio e as trajetórias seguidas após a conclusão dessa etapa.

## I. OS SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR: O ESTADO DO CONHECIMENTO

O estudo sobre os jovens e as juventudes tornou-se foco de muitas pesquisas, principalmente na área da educação. A partir do ano 2000, sob a coordenação da professora Dra. Marília Pontes Sposito, um grupo de pesquisadores de várias instituições realizou a obra intitulada “Juventude e Escolarização” que analisou dissertações e teses apresentadas e defendidas nos programas de Pós-Graduação em Educação no período de 1980 a 1998. Nessa, foram identificadas 387 produções acadêmicas envolvendo tal temática. Posteriormente, sob a mesma organização, houve outro levantamento nomeado como “O Estado da Arte sobre a juventude na Pós-Graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social” que examinou trabalhos desenvolvidos entre 1999 e 2006, revelando 1.427 dissertações e teses. Diferente do primeiro balanço, como o próprio título revela, essa última pesquisa foi expandida para outras áreas, demonstrando que as investigações acerca das juventudes cresceram também em outros campos.

Diante disso, as produções acadêmicas com foco nas juventudes continuaram emergindo. Atualmente, se realizarmos outro balanço, é possível encontrar centenas e até milhares de estudos com essa temática relacionando-a aos diversos modos juvenis de ser, pensar, viver, entre outras pautas de investigação que geram grandes discussões. Contudo, neste levantamento, voltamos nossos olhos às pesquisas que analisam a experiência escolar de jovens egressos do Ensino Médio, buscando identificar aquelas que consideram a compreensão desses acerca da importância da escola, os elementos que se destacam em suas relações com o ambiente de aprendizagem e as repercussões nas trajetórias após essa etapa, bem como os fatores que possibilitaram ou impediram o prolongamento da escolarização após a Educação Básica.

Nessa perspectiva, esta pesquisa foi realizada no Catálogo de Teses e Dissertações do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, em novembro de 2021, com o objetivo de mapear os trabalhos desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação em Educação, no período compreendido entre 2010 e 2019, que investigam os sentidos da experiência escolar de jovens egressos do Ensino Médio. Intentávamos, ainda, conhecer o que já foi construído sobre esse assunto para, a partir desse conhecimento, analisar possíveis concordâncias e discordâncias, lacunas, contribuições e expectativas futuras. Para tanto, escolhemos

esse recorte temporal (2010-2019) devido ser quando desponta o quantitativo de estudos envolvendo as juventudes brasileiras nos Programas de Pós-Graduação.

Inicialmente, selecionamos as palavras-chave e determinamos os filtros que usaríamos para identificar as produções acadêmicas. Assim, o levantamento foi realizado utilizando o descritor: “juventude”, “experiência escolar” e “Ensino Médio”<sup>5</sup>. Para tornar possível a análise dos trabalhos apontados pela Plataforma, refinamos os resultados buscando apenas pesquisas do tipo Mestrado e Doutorado, considerando como recorte temporal o período 2010-2019, classificados na grande área de conhecimento das Ciências Humanas, concentrados na área da Educação e desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação de universidades localizadas na Região Norte.

Entretanto, a fim de organizar as informações, distribuimos o quantitativo em tabelas, classificando-as desde a busca inicial, considerando o resultado geral apresentado pela Plataforma, até a última, baseada na refinação das pesquisas, através da aplicação de filtros. As informações a seguir exemplificam o número de estudos identificados:

**Tabela 1: Produções acadêmicas identificadas**

DESCRITOR	NÚMERO DE PRODUÇÕES
“Juventude”, “experiência escolar” e “Ensino Médio”	26.175
<b>Total</b>	<b>26.175</b>

Fonte: Compilação da pesquisadora.

A Tabela 1 apresenta o resultado das produções identificadas na Plataforma sem a aplicação de filtros. Esse total (26.175) está distribuído em pesquisas de Mestrado (M), Mestrado Profissional (MP), Profissionalizante (P) e Doutorado (D), sendo que a concentração dos estudos aparece na Pós-Graduação em nível de Mestrado, como mostramos abaixo.

<sup>5</sup> O descritor utilizado em nossa consulta foi redigido entre aspas e sem a utilização de vírgulas ou conjunções aditivas. Destacamos que qualquer alteração, seja por letras maiúsculas e minúsculas, acentos ou sinais de pontuação, altera o resultado total da pesquisa, pois a Plataforma não identifica expressões escritas de forma diferente, bem como o ato de copiar a palavra de um lugar e colar na caixa de busca do Catálogo também aumenta demasiadamente o número de produções geradas.

**Tabela 2: Produções acadêmicas por tipo**

DESCRITOR	NÚMERO DE PRODUÇÕES			
	M	MP	P	D
“Juventude”, “experiência escolar” e “Ensino Médio”	15.247	6.147	3.789	992
<b>Total</b>	<b>15.247</b>	<b>6.147</b>	<b>3.789</b>	<b>992</b>

Fonte: Compilação da pesquisadora.

Como exposto, de 26.175 produções identificadas, mais da metade são pesquisas de dissertação de Mestrado. Também é possível perceber um número bastante considerável de estudos realizados no Mestrado Profissional, seguido pelo Profissionalizante e, por fim, Doutorado.

Nesse primeiro momento, como ainda não foi feita a refinação dos resultados com a aplicação dos filtros, a Plataforma identifica estudos considerando todas as grandes áreas de conhecimento cadastradas no Catálogo de Teses e Dissertações. Logo, a Tabela 3 apresenta o quantitativo de pesquisas reveladas de acordo com essas áreas.

**Tabela 3: Produções acadêmicas por Grande Área de Conhecimento**

GRANDE ÁREA DE CONHECIMENTO	NÚMERO DE PRODUÇÕES
	“Juventude”, “experiência escolar” e “Ensino Médio”
Ciências Agrárias	57
Ciências Agrárias	55
Ciências Biológicas	151
Ciências Biológicas	52
Ciências da Saúde	826
Ciências da Saúde	698
Ciências Exatas e da Terra	2.897
Ciências Exatas e da Terra	139
Ciências Humanas	5.941
Ciências Humanas	5.504

Ciências Sociais Aplicadas	776
Ciências Sociais Aplicadas	687
Engenharias	97
Engenharias	72
Linguística, Letras e Artes	1.421
Linguística, Letras e Artes	1.151
Multidisciplinar	3.928
Multidisciplinar	1.723
<b>Total</b>	<b>26.175</b>

Fonte: Compilação da pesquisadora.

Primeiramente, ressaltamos que, na Plataforma, a classificação das grandes áreas de conhecimento é descrita a partir de duas opções. Portanto, para se obter uma pesquisa mais completa, é necessário selecionar ambas as alternativas. Desse modo, é possível perceber que as Ciências Humanas acumulam boa parte das obras identificadas com base nesse descritor.

As produções identificadas no Catálogo também podem ser classificadas de acordo com o ano de defesa do trabalho, assim como mostra a Tabela 4.

**Tabela 4: Produções acadêmicas por ano**

ANO	NÚMERO DE PRODUÇÕES
	“Juventude”, “experiência escolar” e “Ensino Médio”
1988	4
1989	4
1990	12
1991	7
1992	18
1993	13
1994	26
1995	27
1996	23

1997	59
1998	77
1999	155
2000	241
2001	293
2002	403
2003	424
2004	476
2005	564
2006	628
2007	865
2008	981
2009	1.056
2010	1.163
2011	1.246
2012	1.340
2013	1.958
2014	2.143
2015	2.468
2016	2.899
2017	2.927
2018	1.965
2019	1.536
2020	7
2021	167
<b>Total</b>	<b>26.175</b>

Fonte: Compilação da pesquisadora.

A Tabela 4 apresenta o quantitativo de pesquisas identificadas entre 1988 e 2021, apontando um crescimento significativo de trabalhos desenvolvidos nos Programas de Pós-Graduação. Tal progresso se manteve até o ano de 2017, iniciando-se uma queda em 2018 que perdura até 2020.

Diante desse quantitativo (26.175), refinamos a consulta, aplicando os filtros, a fim de buscar apenas trabalhos do tipo Mestrado e Doutorado apresentados e defendidos entre 2010 e 2019, classificados na grande área de conhecimento das Ciências Humanas, dedicados somente à Educação e desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação de universidades localizadas em estados da Região Norte. O número de estudos gerados consta na tabela a seguir.

**Tabela 5: Produções acadêmicas na Região Norte**

ESTADO	NÚMERO DE PRODUÇÕES
	“Juventude”, “experiência escolar” e “Ensino Médio”
Acre	8
Amapá	0
Amazonas	16
Pará	70
Rondônia	20
Roraima	0
Tocantins	0
<b>Total</b>	<b>114</b>

Fonte: Compilação da pesquisadora.

As informações geradas a partir da refinação dos resultados correspondem ao total de 114 pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação em Educação de universidades da Região Norte. Como mostra a Tabela 5, há áreas com total escassez de investigações que considerem temáticas relacionadas às palavras-chave destacadas nesse levantamento, como o estado do Amapá, Roraima e Tocantins, assim como mais da metade dos estudos foi realizada no Pará.

Torna-se importante destacar que, após a aplicação dos filtros, a Plataforma apontou apenas pesquisas desenvolvidas em universidades públicas e, majoritariamente, em instituições federais, havendo concentração de estudos em Programas de Pós-Graduação em nível de Mestrado, como mostra a Tabela 6.

**Tabela 6: Produções acadêmicas por universidade**

UNIVERSIDADE	NÚMERO DE PRODUÇÕES	
	MESTRADO	DOCTORADO
Universidade Federal do Acre	8	0
Universidade Federal do Amazonas	14	2
Universidade do Estado do Pará	17	0
Universidade Federal do Oeste do Pará	8	0
Universidade Federal do Pará	28	17
Universidade Federal de Rondônia	20	0
<b>Total</b>	<b>95</b>	<b>19</b>

Fonte: Compilação da pesquisadora.

A tabela acima apresenta o quantitativo de produções acadêmicas desenvolvidas em cursos de Mestrado e Doutorado de Programas de Pós-Graduação em Educação de universidades da Região Norte. Como destacado anteriormente, em alguns Estados não há registros de pesquisas que considerem as palavras-chave utilizadas nesse levantamento, assim como, entre 2010 e 2019, encontramos mais dissertações do que teses aprofundadas a partir de tal temática.

Os dados também revelam que as instituições do Pará acumulam mais da metade das produções desenvolvidas na Região Norte, somando um total de 70 pesquisas, sendo 53 dissertações e 17 teses. Considerando esse número, lembramos que o estudo que nos propomos a aprofundar tem os jovens paraenses como foco central. Logo, atentamo-nos, principalmente, às obras realizadas nesse Estado e, a partir desse número, iniciamos a revisão parcial analisando título, palavras-chave e resumo de cada trabalho, a fim de identificar semelhanças com o nosso objeto de investigação.

Nessa perspectiva, após a revisão parcial dos trabalhos, observamos que, no Catálogo de Teses e Dissertações, não há registro de pesquisas que se assemelhem à esta que nos move, uma vez que a busca a partir das palavras-chave “juventude”, “experiência escolar” e “Ensino Médio” possibilitou a identificação de obras com o foco centrado no Ensino Médio Técnico e Integrado, Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, assim como em disciplinas específicas como Matemática, Filosofia e Educação Física. Desse modo, vale lembrar que o nosso objeto de estudo está relacionado aos

sentidos da experiência escolar de jovens, logo, as obras analisadas não demonstram quaisquer similitudes. Portanto, destacamos que apresentamos uma pesquisa ímpar, singular e bastante necessária, que inicia a inclusão dessa temática como discussão bibliográfica para a comunidade acadêmica e social.

## II. JUVENTUDE E EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Este capítulo apresenta uma discussão a respeito do conceito de experiência na perspectiva de Jorge Larrosa Bondía articulando-o aos estudos sobre juventude circunscrito na relação de jovens estudantes com a escola de Ensino Médio e às experiências vividas no ambiente de aprendizagem.

### 2.1. A experiência é o que fica e não o que passa

Para o senso comum, experiência é um termo associado a um conhecimento obtido através da prática. A partir dessa ideia, podemos entender que para ser experiente é necessário, apenas, viver um acontecimento ou realizar uma atividade. É como se o fato de passar por uma determinada situação resultasse em experiência. Esse conceito nos leva, ainda, a refletir sobre tudo o que vivemos ao longo de nossa existência: escola, trabalho, relacionamentos, família, entre tantas outras circunstâncias. Assim, podemos dizer que temos experiência nessas áreas porque fizeram parte da nossa trajetória? E se pensarmos, por exemplo, em jovens egressos do Ensino Médio que tentaram continuar os estudos na universidade, mas viveram dificuldades que impossibilitaram o prolongamento da escolarização, diremos que têm experiência em abandonar os estudos e seguir por outro caminho? Se analisarmos atentamente a realidade que nos cerca, compreenderemos que não se trata, somente, da vivência, da prática, mas da maneira que aquele acontecimento, nos tocou e marcou, dos sentimentos, sentidos e significados atribuídos ao processo vivido, bem como dos efeitos que tiveram.

Trazendo essa reflexão para o âmbito escolar, observamos que nos últimos anos a escola adquiriu um espaço central na vida dos estudantes constituindo-se não apenas como um lugar de estudos, mas também um ambiente que favorece o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais, pensamento crítico e coletivo, assim como a construção de identidade, preparação para o futuro profissional e o exercício da cidadania, ou seja, é um local de convivência, socialização, compartilhamento de ideias, experiências, perspectivas e projetos de vida, onde se estabelecem amizades e outros vínculos que, muitas vezes, perduram por anos e seguem para além dos muros da instituição de ensino.

Assim, os estudantes brasileiros têm passado, no mínimo, quinze anos frequentando uma ou mais instituições de ensino, adquirindo novos conhecimentos, construindo vínculos com colegas de classe, professores e/ou demais funcionários, e com a própria escola. Nessa perspectiva, é na escola que os jovens costumam viver momentos que serão significativos para o seu desenvolvimento pessoal e profissional; é onde procuram meios de planejar a vida após o Ensino Médio, buscam refúgio diante das adversidades e conhecem pessoas capazes de mudar a sua expectativa futura.

Diante dessa interpretação, compartilhamos a ideia de Larrosa (2011) sobre o conceito de experiência. Para ele, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (p. 21). Com isso, o autor se refere a algo que, ao passar, nos forma e transforma. Assim, refletir sobre a relação dos jovens estudantes com o espaço de aprendizagem e os sentidos atribuídos a experiência escolar, conduz-nos à percepção de que, ao longo de quinze anos de estudos, houve diversas turmas, inúmeros conteúdos, professores, colegas de classe, aulas, trabalhos, desafios e conquistas que, de alguma maneira, marcaram suas trajetórias estudantis, visto que

a escola é polissêmica, ou seja, tem uma multiplicidade de sentidos. Sendo assim, não podemos considerá-la como um dado universal, com um sentido único, principalmente quando este é definido previamente pelo sistema ou pelos professores. Dizer que a escola é polissêmica implica levar em conta que seu espaço, seus tempos, suas relações, podem estar sendo significadas de forma diferenciada, tanto pelos alunos, quanto pelos professores, dependendo da cultura e projeto dos diversos grupos sociais nela existentes (DAYRELL, 2001, p. 144).

Nessa perspectiva, a escola se apresenta como um potencial lugar de experiências, marcado por encontros intergeracionais com um conjunto de objetos e práticas culturais (CARVALHO, 2017), pois os sujeitos que a frequentam costumam atribuir significados a ela, considerando as relações, vivências escolares e aprendizagens (DAYRELL, 2013). Assim, “todos os alunos têm, de uma forma ou de outra, uma razão para estar na escola” (DAYRELL, 2001, p. 144), seja pessoal, profissional, familiar ou coletiva. O fato é que algo ou alguém atrai esse jovem todos os dias para aquele ambiente de aprendizagem, especialmente no Ensino Médio. Assim, consideramos que os percursos estudantis possuem aspectos singulares, mesmo que se assemelhem a outros, pois carregam significados individuais e também coletivos referentes às relações

interpessoais, aos espaços da instituição, bem como às aprendizagens e contribuições de tudo isso para o futuro. Desse modo,

se definirá la experiencia escolar como la manera en que los actores, individuales y colectivos, combinan las diversas lógicas de la acción que estructuran el mundo escolar. Esta experiencia posee una doble naturaleza. Por una parte, es un trabajo de los individuos que construyen una identidad, una coherencia y un sentido, en un conjunto social que no los posee a priori. En esta perspectiva, la socialización y la formación del sujeto son definidas como el proceso mediante el cual los actores construyen su experiencia, de la escuela primaria al liceo para el caso que nos interesa. Pero por otra parte, las lógicas de la acción que se combinan en la experiencia no pertenecen a los individuos; corresponden a los elementos del sistema escolar y se han impuesto a los actores como pruebas que ellos no eligen (DUBET; MARTUCCELLI, 1996, p. 79).

Partindo desse pressuposto, entendemos a instituição de ensino como um espaço que proporciona diferentes experiências a partir de acontecimentos diários que marcam, talvez para sempre, o percurso dos estudantes. Nesse aspecto, conforme Larrosa (2002) afirma, “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (p. 25), logo, o fato de muitos jovens recordarem a trajetória estudantil e descreverem momentos específicos com detalhes minuciosos, indica a existência de um significado particular ao que passou. Desse modo, “não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (LARROSA, 2002, p. 27). Então, ao atribuírem sentidos às experiências vividas na escola, e em especial no Ensino Médio, os jovens indicam muito mais do que lembranças de bons ou maus momentos, uma vez que caracterizam, através de uma dimensão subjetiva, sentimentos, memórias, alegrias, tristezas, entre outras inúmeras traduções daquilo que foi experimentado enquanto esteve “ex-posto”.

## **2.2. A experiência juvenil na escola**

Diante do conceito de experiência apresentado por Larrosa (2002), atentamo-nos aos estudos desenvolvidos por Abramovay (2003), Dayrell (2001; 2007), Pereira (2018), Leão; Carmo (2014), Weller (2014) e muitos outros autores que investigam juventudes e a relação com a escola e demonstram diferentes percepções de jovens sobre a instituição de Ensino Médio. O olhar de estudantes é capturado da seguinte maneira:

Para a maioria, a escola se constitui como um campo aberto, com dificuldades em articular seus interesses pessoais com as demandas do cotidiano escolar, enfrentando obstáculos para se motivarem, para atribuírem um sentido a esta experiência e elaborarem projetos de futuro. Mas, no geral, podemos afirmar que se configura uma ambiguidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura, uma forma de garantir um mínimo de credencial para pleitear um lugar no mercado de trabalho, e pela possível falta de sentido que encontram no presente (DAYRELL, 2007, p. 1122).

Assim, considerando essa ambiguidade e as inúmeras experiências vividas e compartilhadas no ambiente escolar, especialmente no último nível da Educação Básica, podemos identificar alguns elementos mencionados com bastante frequência por jovens participantes de estudos desenvolvidos por diferentes autores ao descreverem a trajetória estudantil. Embora reconheçamos a existência de uma pluralidade de fatores que interferem na vida e percepção dos estudantes sobre o espaço de aprendizagem, assim como os marcam, formam e transformam, atentamo-nos, a priori, somente a dois: os relacionamentos interpessoais formados na escola de Ensino Médio e a relação com os espaços institucionais.

No que se refere aos relacionamentos interpessoais desenvolvidos no ambiente de aprendizagem, seja com os colegas de classe, professores, coordenadores ou demais funcionários, entendemos que, durante o Ensino Médio, é provável que alguns vínculos afetivos se fortifiquem ainda mais, pois se trata de um período que, aos poucos, vai encerrando uma rotina e iniciando outra com a chegada de novas responsabilidades, escolhas a serem feitas, além das inúmeras mudanças que irão interferir nos próprios caminhos dos jovens estudantes. Por isso, essa etapa costuma ser desfrutada energeticamente, seja através de brincadeiras, atividades em grupo, competições esportivas, participação em eventos escolares e/ou em momentos de desabafos, conversas descontraídas, dentre outros.

Por viverem um período comum, os estudantes costumam apreciar a companhia dos colegas com mais intensidade, encontrando também apoio uns nos outros, como se fosse uma força fundamental para continuar a caminhar e insistir na escolarização, apesar dos desafios encontrados no percurso. Desse modo, compartilham experiências, opiniões, dúvidas, anseios, conhecimentos e estratégias de aprendizagens, mas não apenas isso, os estudantes partilham a vida pessoal e os planos profissionais para o amanhã. Dessa forma,

os estudantes permanecem juntos durante longos períodos de tempo e, em muitos casos, estabelecem uma coesão interna (ainda que sejam frequentes as subdivisões, os famosos grupinhos dentro da sala de aula). Suas interações contínuas e a construção de mecanismos de sociabilidade paralelos à escola criam uma rede de interdependências entre os próprios alunos, geram expectativas de comportamentos, normas informais e uma verdadeira cultura dos alunos. Ou seja, eles estão vivendo a escola ao mesmo tempo em que estão construindo uma vivência como adolescentes e jovens, se interessando por assuntos, desenvolvendo um linguajar próprio, criando um estilo para si e buscando o reconhecimento do olhar do outro, principalmente de seus colegas (CORTI, 2014, p. 318).

Todavia, assim como é possível identificar vínculos amistosos entre os jovens, também é provável que existam relações conflituosas caracterizadas por divergências de opiniões, brigas e discussões nem sempre originadas dentro do ambiente de aprendizagem, uma vez que os estudantes, ao adentrarem as escolas, carregam consigo diferentes experiências individuais e coletivas adquiridas em diversos ambientes, desde o familiar até outras áreas frequentadas ao longo da vida. Logo, os jovens chegam à instituição de ensino “marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola” (DAYRELL, 2001, p. 140). Desse modo, os relacionamentos escolares nem sempre são percebidos de maneira positiva, pois é um espaço onde, muitas vezes, há competições entre os estudantes, algo que prejudica a troca de experiência (PEREIRA, 2018). É possível destacar também conflitos ocasionados por ciúmes, traição, inseguranças, exclusão, dentre inúmeros outros passíveis de acontecerem em instituições escolares, uma vez que falamos de um local com centenas de jovens conciliando o estudo com as cobranças na vida pessoal, familiar e profissional.

Outro vínculo importante é aquele construído com os professores. Geralmente, ao falar de tal relação, os jovens costumam evidenciar com mais veemência um docente específico. Ao longo da trajetória acadêmica, dentre a diversidade de educadores que passam pela vida dos estudantes, há sempre um que deixa marcas, seja através do modo de ensinar, pela relação de amizade, carinho, palavras, gestos, motivações e incentivos, como se vê com a autora a seguir:

Na perspectiva de estudantes e membros do corpo técnico-pedagógico, o professor amigo dos alunos é aquele que interage com eles. Ou seja, é aquele professor que sabe ouvir, sabe conversar, brinca em sala de aula, está a par das necessidades e dificuldades dos alunos, consegue falar a mesma linguagem dos estudantes e estabelece relações de convivência afetiva (ABRAMOVAY, 2003, p. 423).

Desse modo, para os estudantes do Ensino Médio, um bom educador é quem apresenta essas características, mas também pode ser aquele que, apesar de não demonstrar afeição publicamente, possui métodos pedagógicos considerados interessantes e eficazes, foge da monotonia proporcionando atividades fora dos muros da instituição, tem paciência em ensinar e desperta o pensamento crítico, através de debates com temáticas relevantes para entender questões sociais. São esses aspectos que atraem os estudantes e proporcionam a criação de vínculos que futuramente serão lembrados. Entretanto, os jovens também apresentam reclamações, destacando a inexistência desses mesmos elementos em outros docentes, além de apontarem fatores que contribuem para a ausência de uma boa relação com os mesmos. Desse modo, de acordo com Abramovay (2003) os estudantes destacam os seguintes defeitos ao se referirem a alguns professores: “não saber ensinar, ser estúpido ou mal educado, ser arrogante ou autoritário, ser enrolador ou fingir dar aula e desinteresse pelo aluno” (p. 425). Assim, frequentemente podemos encontrar uma relação dual entre professor-estudante, onde uns são mais queridos que outros.

Para além dos vínculos desenvolvidos na instituição de ensino, podemos destacar, também, o apego a determinados espaços físicos da escola. Dessa maneira, áreas como o pátio, corredores, quadras de esportes e o famoso “fundão”, caracterizado pelos assentos dispostos no fundo das salas de aula, tornam-se palco de inúmeras rodas de conversas, brincadeiras, entre outras atividades de passatempos, configurando-se como “ponto de encontro e de socialização, de construção de identidades, de afinidades e de convivência entre os jovens, dos mais diferentes grupos e espaços” (NETTO; BARREIRO, 2016, p. 199). São ambientes marcados por momentos de cumplicidade, companheirismos, compartilhamento de ideias e interesses. Logo, os estudantes tendem a transformá-los em cenários agradáveis, onde há lugar para namoros, reuniões com os amigos e conversas entre uma aula e outra (PEREIRA; LOPES, 2016). Entretanto, apesar dos jovens demonstrarem simpatia por tais lugares, também manifestam insatisfação diante das condições infraestruturais. Assim,

os jovens, quando falam da escola, em geral, fazem muitas críticas. Mesmo que de forma pouco elaborada, eles revelam um olhar aguçado sobre os problemas da escola pública. A falta de investimentos, as condições de trabalho dos professores, o modo como muitas aulas acontecem, a relação com os professores, tudo isso é objeto de um olhar, às vezes “desencantado” para o universo escolar. De uma maneira geral, há muitas queixas em relação aos problemas de funcionamento e organização das escolas públicas. Isso é percebido como falta de compromisso do Estado. Em geral, os jovens alunos se sentem muito insatisfeitos com o ambiente físico da escola. Escolas feias, mal cuidadas, com grades e funcionando precariamente causam um grande mal-estar (LEÃO; CARMO, 2014, p. 29).

Desse modo, ao descreverem as relações com o ambiente de aprendizagem, é comum os jovens lembrarem dos momentos vividos com os colegas em determinados espaços, mas também tecerem comentários a respeito da infraestrutura da instituição, descrevendo salas de aulas precárias, com paredes sujas, sem ventiladores ou ar condicionado, sem portas, cheias de goteiras e funcionando em estados, muitas vezes, decadentes; criticando, ainda, a ausência de instrumentos que possibilitem atividades diversificadas, bem como programações que utilizem as áreas da instituição para o entretenimento nos intervalos e horários vagos, entre outras reclamações que interferem e influenciam na percepção acerca da instituição e, principalmente, nos sentidos atribuídos à experiência escolar.

Diante desses elementos enfatizados com bastante frequência em estudos sobre jovens e o ambiente escolar, assim como muitos outros que constituem a trajetória estudantil das juventudes brasileiras, acreditamos que se tratam de acontecimentos que constantemente passam e deixam marcas na vida dos jovens. No entanto, embora seja possível identificar tais aspectos descritos da mesma maneira em narrativas distintas, não se trata da mesma experiência, pois “o acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida” (LARROSA, 2002, p. 27). Logo, os jovens estudantes, ao saírem do Ensino Médio, carregam experiências singulares repletas de sentidos, memórias, desejos e planos.

Portanto, podemos entender a experiência escolar como um conjunto de acontecimentos passados pelos jovens estudantes que podem estar relacionados a vínculos amistosos, espaços institucionais, além de outros elementos que, de alguma maneira, modificaram ou transformaram a percepção sobre a escola e, possivelmente, influenciaram as trajetórias estudantis. Larrosa (2002), ao falar sobre o sujeito da

experiência, caracteriza-o como “um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (p. 19). Logo, entendemos que, os grupos geracionais que concluem a Educação Básica, saem da instituição não apenas formados no Ensino Médio, mas transformados por inúmeras experiências repletas de sentidos individuais e também coletivos. E essas são lembradas, seja em uma pesquisa a respeito da temática ou no meio da rua, ao reencontrar um amigo da escola e observar as trajetórias seguidas após essa etapa.

No próximo capítulo, apresentamos o percurso trilhado para a realização da investigação.

### III. PERCURSOS INVESTIGATIVOS

Considerando as particularidades expostas na introdução deste estudo, nos colocamos à escuta de jovens boa-vistenses, a fim de identificar ideias, percepções, significados e sentidos atribuídos às experiências escolares vivenciadas no Ensino Médio e as repercussões em suas trajetórias biográficas após essa etapa. Para tanto, foram adotados procedimentos metodológicos relacionados aos objetivos propostos e contemplaram cada etapa desse percurso investigativo.

Este capítulo apresenta os métodos utilizados, descreve os participantes e detalha como se deu a reunião de informações. Dividido em tópicos, o primeiro discorre sobre a abordagem qualitativa reconstrutiva e a fenomenologia social; o segundo discute a técnica da Entrevista Narrativa e da amostragem Bola de Neve, além de caracterizar o Método Documentário; por fim, o terceiro versa sobre o *locus* e o corpus da investigação, a partir da apresentação dos sujeitos e da descrição da realização das entrevistas.

#### 3.1. O estudo da vida cotidiana

Este estudo é caracterizado a partir da abordagem qualitativa reconstrutiva, uma vez que se baseia na sociologia do conhecimento, de Karl Mannheim, visando compreender a relação entre a vivência e a formulação teórica dos sujeitos (WELLER, 2005), ou seja, nosso interesse estava em estudar a experiência escolar e a visão de mundo, construída a partir do processo vivido e refletido, de jovens egressos do Ensino Médio do município de São Sebastião da Boa Vista. Nessa perspectiva, buscamos informações detalhadas de ações, acontecimentos, situações, motivações, sentimentos e percepções a respeito da realidade vivida pelas juventudes boa-vistenses, com a intenção de entender de que maneira esses sujeitos são formados, de acordo com o contexto em que estão inseridos.

Como afirma Severo (2017), a origem do pensamento se dá por um processo existencial em que as experiências atuam como base para a formulação teórica que define a perspectiva do sujeito, logo,

as perspectivas dos sujeitos são formuladas de acordo com sua inserção no mundo social, sendo esta construída mediante pertencimento a um grupo social que partilhará de uma visão de mundo comum. Para Mannheim, as correntes de pensamento não são fruto da genialidade

individual, alheia a sua inserção social, mas são fontes de inspiração para que os sujeitos formulem suas teorias, que advêm do pertencimento a um grupo, pois é de maneira coletiva que são formuladas as visões de mundo. O sujeito está aí colocado, mas não agindo de forma solitária (SEVERO, 2017, p. 307).

Assim, esta é uma investigação que explora a realidade e prioriza um universo estabelecido a partir de informações recolhidas através de palavras e não de números, analisando toda a riqueza dos elementos e respeitando a forma como esses foram registrados ou transcritos (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Diante disso, a sociologia do conhecimento nos possibilitou a compreensão da perspectiva do jovem egresso do Ensino Médio boa-vistense, através do ingresso em um mundo de significados, de ações e de uma forma não acessível e não captável em equações e estatísticas.

Dessa maneira, buscamos por conhecimentos a respeito de uma questão em que as informações disponíveis eram insuficientes. Nessa perspectiva, estimulamos os participantes a pensar e falar livremente sobre as experiências escolares vividas no Ensino Médio, pois nos preocupávamos em compreender fenômenos a partir da percepção dos sujeitos e produzir uma interpretação baseada na reconstrução dos sentidos e significados que transitam em suas falas.

Assim, tendo como foco a jovem boa-vistense, seu mundo e, principalmente, os sentidos que atribuem à experiência escolar, essa abordagem provou-se ideal para desenvolver esse estudo, pois possibilitou uma discussão acerca da intencionalidade de sujeitas formadas no Ensino Superior, universitárias ou pré-vestibulandas, técnicas ou estudantes de Curso Técnico, trabalhadoras e aquelas que não estudam nem trabalham sobre as experiências vividas no Ensino Médio no município de São Sebastião da Boa Vista e em suas trajetórias após essa etapa.

Esta pesquisa baseia-se no estudo dos fenômenos, no mundo da vida cotidiana, nas experiências vividas por jovens do município de São Sebastião da Boa Vista. Assim, adotamos a Fenomenologia Social como enfoque metodológico para desenvolvê-la, uma vez que a preocupação não estava em algo desconhecido, possivelmente encontrado atrás de um acontecimento, mas naquilo que é dado, sem a intenção de decidir se é uma realidade ou uma aparência. Diante disso, nossa finalidade era buscar relatos de experiências vividas pelas juventudes boa-vistenses, suas percepções e opiniões a partir do significado que atribuem aos objetos e situações, logo,

o centro da questão é compreender o sentido que a ação humana tem para o ator, a interpretação subjetiva do sentido, ou, ainda, a maneira concreta como os seres humanos interpretam, na vida diária, sua própria conduta e a conduta dos demais (WELLER; ZARDO, 2013, p. 133).

Para a Fenomenologia Social o significado é subjetivo, ou seja, o sujeito é quem determina o sentido das situações e ações, pois é algo que se origina de uma circunstância biográfica particular. Assim, “o modo como o senso comum se apresenta depende das experiências que os indivíduos constroem no curso de sua existência correta” (WELLER; ZARDO, 2013, p. 132). Portanto, o objeto do conhecimento não é a pessoa nem o mundo, mas aquilo que tem sentido para o indivíduo.

Nessa perspectiva, cabe destacar que Alfred Schütz trouxe grandes contribuições para a Fenomenologia Social, baseado nas teorias de Edmund Husserl. Em seus estudos, Schütz (1979) aprofundou o significado da ação do homem no mundo, bem como buscou compreender os fatos através do sentido dado pelo sujeito àquela ação. O sociólogo amparou-se em conceitos como intencionalidade e intersubjetividade, já que para ele, os fenômenos sociais possuem uma intenção, ou seja, a consciência do sujeito atribui um significado a uma dada experiência. Logo, cada indivíduo interpreta-o de acordo com seus interesses, visto que

a pessoa nasce num mundo que existia antes do seu nascimento e que logo de partida, não é um mundo simplesmente físico, mas também um mundo sociocultural. Esse último é um mundo pré-construído e pré-organizado, cuja estrutura especial é resultado de um processo histórico e diferente, em cada cultura ou sociedade (SCHÜTZ, 1979, p. 79).

Assim, as pessoas interpretam o mundo através da perspectiva de seus interesses, motivações, percepções e desejos. Pensando nessa situação, este estudo buscou exatamente isso: o sentido atribuído pelos jovens boa-vistenses à experiência escolar a partir de suas concepções, vivências, aspirações e crenças, pois essas possuem marcas pessoais e intransferíveis, porque “são as experiências anteriormente vividas que dão o significado das ações e estabelecem seu grau de importância na biografia do sujeito” (BASSALO et al, 2019).

Nessa perspectiva, este estudo se preocupou em expor e explicar aquilo que é dado. Não tínhamos a intenção de utilizar leis para comprovar algo, mas de considerar a

consciência dos jovens sujeitos desta pesquisa. Aliás, nosso interesse estava no modo como se dá o conhecimento do mundo, pois

o mundo social no qual o homem nasce e no qual ele precisa encontrar seu caminho é experienciado por ele como uma estreita rede de relações sociais, de sistemas de signos e símbolos, com sua estrutura particular de significados, de formas institucionalizadas de organização social, de sistemas de status e prestígio etc. O significado de todos esses elementos do mundo social em toda sua diversidade e estratificações, assim como o padrão de sua própria tessitura, é sempre assumido como algo natural (SCHUTZ, 1979, p. 80).

Portanto, a partir do enfoque fenomenológico, buscamos compreender a forma como os jovens interpretam o cotidiano escolar vivido no município de São Sebastião da Boa Vista, bem como descrever a trajetória biográfica, durante e após o Ensino Médio, considerando as contribuições das experiências vivenciadas para a vida dos sujeitos participantes dessa pesquisa.

### **3.2. Aproximação com o contexto e seus sentidos**

Como técnica de reunião de informações utilizamos a Entrevista Narrativa por se caracterizar como uma ferramenta que visa a profundidade de aspectos específicos, a partir dos quais surgem histórias de vida do entrevistado e do contexto situacional (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Assim, ao estimular os participantes deste estudo a relatarem a experiência escolar vivida no Ensino Médio, no município de São Sebastião da Boa Vista, buscamos não apenas ouvir suas histórias, mas entender os sentidos das ações relatadas naquele momento, porque

a história de vida é uma sedimentação de estruturas processuais maiores ou menores, que estão ordenadas sequencialmente, e, que por sua vez, estão ordenadas sequencialmente entre si. Com a mudança da estrutura processual dominante no decorrer do ciclo da vida, altera-se também a respectiva interpretação da história de vida como um todo por parte do portador da biografia (SCHÜTZE, 2011, p. 2).

Ao narrar um acontecimento, o entrevistado relaciona fatos, pessoas, palavras, atitudes, sentimentos e percepções, a fim de dar um sentido àquilo que está sendo relatado. Assim, as narrativas são ricas de indícios, porque se referem à experiência

pessoal e tendem a ser detalhadas com foco em situações e ações. Por isso, através dela podemos acessar perspectivas particulares dos sujeitos de forma natural (WELLER; ZARDO, 2013), pois

diferentemente dos outros modelos de entrevistas, o pesquisador não formula perguntas indexadas, com referências explícitas, e sim, propõe um tema acerca da realidade sob investigação para que o entrevistado o desenvolva da maneira como considerar conveniente, no momento de seu relato (RAVAGNOLI, 2018, p. 2).

Nessa perspectiva, considerando que “a história de vida está impregnada de forma marcante pelos modelos de análise e pelas interpretações do portador da biografia” (SCHÜTZE, 2011, p. 2), entendemos que, através dessa técnica, os sujeitos “lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

Diante disso, a Entrevista Narrativa como técnica de reunião de dados possui, logo após a preparação através da exploração do campo e formulação de questões exmanentes<sup>6</sup>, quatro passos essenciais para o desenvolvimento de uma pesquisa, são eles: iniciação, onde há a elaboração do tópico guia para a narrativa e o emprego de auxílios visuais; a narração central, em que é solicitado a não interrupção, somente encorajamento não verbal e espera por sinais de finalização da fala do entrevistado; fase de perguntas, momento para indagar sobre o “que aconteceu então?”, sem dar opiniões ou interpelar atitudes e contradições, mas apenas ir de questões exmanentes, aquelas que partem dos objetivos da pesquisa, para imanentes, formuladas a partir do relato do entrevistado; e, por fim, a fala conclusiva, em que são permitidas interrogações do tipo “por quê?” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Essas etapas possibilitam o acesso a relatos de experiências biográficas e da trajetória cotidiana, através de uma linguagem bastante aproximada de situações significativas para os sujeitos informantes (WELLER; ZARDO, 2013), logo

---

<sup>6</sup> Expressão utilizada por Jovchelovitch e Bauer (2002) para identificar as perguntas que refletem os interesses do pesquisador, suas formulações e linguagens.

o resultado é um texto narrativo que apresenta e explicita de forma continuada o processo social de desenvolvimento e mudança de uma identidade biográfica, isto é, sem intervenções ou supressões decorrentes da abordagem metodológica ou dos pressupostos teóricos do pesquisador (SCHÜTZE, 2011, p. 4).

Portanto, tendo em vista as vantagens e possibilidades proporcionadas pela técnica da Entrevista Narrativa, bem como as perspectivas em realizar este estudo, a fim de interpretar acontecimentos a partir das experiências particulares dos jovens do município de São Sebastião da Boa Vista, essas que são construídas segundo seus próprios critérios de utilização e relevância, utilizamos esse instrumento para a reunião de informações desta pesquisa, buscando “compreender os contextos em que essas biografias foram construídas e os fatores que produzem mudanças e motivam as ações dos portadores da biografia” (WELLER; ZARDO, 2013, p.134). Desse modo, os tópicos-guia que orientaram as entrevistas realizadas junto aos egressos do Ensino Médio estão apresentados nos Apêndices IV, V, VI e VII.

Pensando nas características e nos caminhos para identificar os jovens participantes dessa investigação, buscamos um meio que abrangesse a todos os grupos de sujeitos, considerando suas trajetórias e individualidades. Assim, encontramos a técnica de amostragem Bola de Neve (*snowball sampling*), um método não probabilístico em que os participantes indicam outros até que se alcance os objetivos propostos. Nessa perspectiva, a dinâmica acontece da seguinte forma:

para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chave, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista (VINUTO, 2014, p. 203).

Essa técnica apresenta características muito úteis para este estudo, visto que incentiva os participantes a identificarem outros possíveis sujeitos a partir das particularidades que interessa para a investigação. Nessa pesquisa, por exemplo, buscamos informações através de egressos do Ensino Médio do município de São

Sebastião da Boa Vista, logo, os jovens entrevistados conheciam e indicaram mais membros da população boa-vistense com o perfil que estávamos investigando. Assim,

compreende-se que a amostragem em bola de neve é mais indicada para pesquisas com grupos menores ou, em caso de grupos maiores, em que haja a possibilidade de encontrar diversas sementes, que elas sejam capazes de indicar membros em seu círculo social de diversos níveis de “popularidade” ou até mesmo sementes com contatos mais diversificados dentro do grupo. Essas estratégias podem levar a uma amostra mais representativa do grupo social a ser pesquisado (BOCKORNI; GOMES, 2021, p. 109).

Portanto, a técnica de amostragem Bola de Neve possibilitou o aprofundamento deste estudo através do acesso a jovens de uma pequena população com diferentes trajetórias, experiências e perspectivas, que estavam em constante contato uns com os outros, além de ser um instrumento que favoreceu a aproximação com uma diversidade de grupos suficiente de sujeitos. Desse modo, para sistematizar tal técnica utilizamos um quadro que se encontra disponível no Apêndice II.

Para interpretar as informações reunidas, utilizamos o Método Documentário a fim de explorar as entrevistas narrativas, buscando reconstruir a ação e sentido, através do entendimento da visão conjuntiva e do contexto vivido pelos jovens do município de São Sebastião da Boa Vista.

Criado por Karl Mannheim, o Método Documentário possui características que possibilitam a compreensão das práticas cotidianas, que também expressam perspectivas com base nas visões de mundo, resultado de “uma série de vivências ou de experiências ligadas a uma mesma estrutura que, por sua vez, constitui-se como base comum das experiências que perpassam a vida em múltiplos indivíduos” (MANNHEIM apud WELLER et al, 2002, p. 378). Para que o pesquisador compreenda essas visões de mundo, é necessária uma mudança de postura através do foco de análise a partir da modificação da pergunta “o que é tal realidade?” para “como se constitui tal realidade?”, buscando centralizar o enfoque no sujeito que está inserido em um determinado contexto (SEVERO, 2017).

Dessa forma, Mannheim (apud WELLER; OTTE, 2014) propôs um sistema considerando três aspectos no processo de interpretação do sentido das ações sociais: o objetivo, que se dá de forma natural e no qual se observa o sujeito atuando; o expressivo, dado pelo indivíduo através das palavras e atitudes, sem separá-los do

mundo da experiência; e o documentário, referente entendimento daquilo que é explicitado pelas pessoas não de forma intencional, mas inconscientemente. Em resumo, o objeto a ser estudado é o homem em ação, logo

a veracidade dos fatos narrados ou mesmo a índole do informante não constituem objeto de preocupação da análise documentária: a tarefa do pesquisador consiste no questionamento daquilo que está documentado nas descrições dos entrevistados sobre suas atitudes, seus *habitus* e padrões de orientação (WELLER, 2005, p. 270).

Nesta pesquisa, buscávamos encontrar uma forma de acessar o conhecimento implícito dos jovens boa-vistenses, esclarecê-los e defini-los teoricamente, uma vez que as visões de mundo e orientações coletivas são possíveis apenas através da explicação e conceitualização teórica de um conhecimento ateórico, visto que esse é “transmitido, por um lado, através de narrações e descrições, ou seja, de forma metafórica e por intermédio de metáforas que representam graficamente as cenas sociais” (BOHNSACK, 2007, p. 290). Por isso,

as visões de mundo não podem ser construídas aleatoriamente como teorias. Dessa forma, essas práticas são constituídas a partir do conhecimento ateórico. Assim, a conceitualização teórica se constitui em instrumento para a compreensão das ações coletivas que produzem esse conhecimento ateórico (TAVARES, 2012, p. 589).

Desse modo, o Método Documentário apresenta-se como uma maneira de “buscar reconstruir através da narrativa de seus produtores as práticas que se constituem e, conseqüentemente, constroem suas biografias, as quais auxiliam a compreender as formas de produção social” (SEVERO, 2020, p. 205). Nessa perspectiva, baseado na diferenciação dos três níveis de sentidos apresentados por Mannheim, Bohnsack segundo Weller et al (2002) desenvolveu outra leitura e aplicação do Método Documentário, atualizando a técnica de interpretação e transformando-a em um instrumento de análise para a pesquisa social empírica com caráter reconstrutivo. Assim, conforme os autores, o autor dispôs o nível documentário no centro da análise empírica, ou seja, a compreensão daquilo que é expresso pelo indivíduo de modo inconsciente, ao invés do nível objetivo, isto é, o significado da ação do sujeito. Diante disso,

o método documentário como teoria e prática da interpretação sociológica pode ser visto como um instrumento que auxilia na inserção do pesquisador em contextos sociais que lhe são alheios assim como na compreensão e conceituação de suas visões de mundo, suas ações e formas de representação (BOHNSACK; WELLER, 2011, p. 6).

Ao atualizar o método e a metodologia da interpretação documentária, criada por Mannheim, Bohnsack (2020) a dividiu em etapas como:

- **Interpretação formulada:** fase em que se busca a identificação dos principais assuntos surgidos, destacando quem os introduziu (pesquisador ou participantes), e divisão em temas e subtemas; seleção de passagens pela relevância temática e comparabilidade com outras discussões; destaque de trechos que apresentam uma densidade interativa e metafórica especial; os excertos separados serão submetidos a uma interpretação mais detalhada.

- **Interpretação refletida:** fase que objetiva a reconstrução da organização temática do texto, a partir da análise tanto do conteúdo da entrevista como do quadro de referência que orienta as ações dos participantes e as motivações que estão por trás de suas atitudes;

- **Análise comparativa:** fase em que se busca identificar os aspectos característicos de um indivíduo por meio das suas narrativas tematicamente diferentes e em níveis distintos. Nessa etapa, há uma expansão das possibilidades de interpretação. Logo, procuramos reconhecer a maneira como as participantes responderam uma determinada questão, analisando semelhanças ou diferenças. A comparação é um exercício que auxilia, também, na construção de tipos.

Seguir essas etapas nos possibilitou descrever, refletir e compreender as falas e ações práticas dos jovens participantes desse estudo em diferentes contextos, analisando percepções, ideias e vivências diante das experiências vividas na escola de Ensino Médio no município de São Sebastião da Boa Vista, adentrando em um mundo repleto de significados e perspectivas construídas ao longo de suas trajetórias biográficas.

Para tanto, esta pesquisa foi realizada com jovens, egressos do Ensino Médio boavistense, especialmente sujeitos formados no Ensino Superior, universitários ou pré-vestibulandos, técnicos ou estudantes de curso técnico, trabalhadores e indivíduos que não estudam nem trabalham, a fim de identificar elementos que se destacam e

repercutem até os dias de hoje em suas trajetórias. Como demonstraremos a seguir, o grupo inicialmente composto por ambos os sexos, reconfigurou-se para apenas mulheres.

### **3.3. Sobre os colaboradores da pesquisa**

Como já apontado, o lócus da investigação se circunscreve a São Sebastião da Boa Vista, um município que, durante muito tempo, não dispunha de faculdades para atender àqueles que desejassem continuar os estudos após a Educação Básica. Contudo, essa situação mudou, especialmente nos últimos anos, quando houve a implantação de polos de instituições particulares, disponibilizando cursos de nível técnico e superior na região. Contudo, a procura por uma graduação específica e, algumas vezes em universidade pública, ainda é algo que impulsiona muitos jovens a saírem da região com o intuito de cursá-la.

Diante dessa nova realidade, marcada pela aposta na educação como uma oportunidade futura, observa-se que muitos jovens boa-vistenses têm resistido aos impasses relacionados ao ingresso e permanência no Ensino Superior. Logo, apesar dos desafios, é possível identificar uma parcela bastante significativa de egressos da Escola João XXIII que prolongou os estudos após o Ensino Médio. No entanto, esse grupo ainda é pequeno diante do quantitativo de estudantes que concluem a Educação Básica a cada ano. Tal situação nos leva a considerar, ainda, outras trajetórias seguidas, atualmente, pelos jovens desse pequeno município, como, por exemplo, a formação profissional por meio de um curso técnico.

Nos últimos anos, o curso técnico também foi um caminho que chamou a atenção de muitos estudantes boa-vistenses. A procura por tal formação cresceu tanto entre os egressos do Ensino Médio de São Sebastião da Boa Vista que, atualmente, é possível encontrar, entre a população, técnicos em diferentes setores. Todavia, ainda há poucas opções de instituições e cursos no município, situação que ainda obriga muitos jovens a saírem da região em busca de uma qualificação profissional específica. Logo, muitos abandonam a rotina marajoara durante um período, geralmente correspondente ao tempo das atividades, e retornam com o intuito de ingressar no mercado de trabalho na área de formação.

Em contrapartida, assim como há egressos do Ensino Médio que se qualificam através de um curso superior ou técnico e, posteriormente, encaminham-se para o mercado de trabalho, em São Sebastião da Boa Vista também é possível encontrar estudantes que buscam um emprego logo após a conclusão da Educação Básica. Aliás, essa ainda é a trajetória mais seguida pela população boa-vistense, porém, torna-se importante destacar que, por se tratar de um município pequeno, as oportunidades de emprego são poucas. Então, é comum ver jovens atuando como vendedores em lojas, supermercados e outros empreendimentos localizados na região, em geral, sem carteira assinada e outras garantias.

Para além dessas trajetórias, não podemos deixar de mencionar aquela seguida pelos jovens chamados de “nem-nem”, um grupo que nem estuda nem trabalha. Alguns são recém-saídos do Ensino Médio, outros estão nessa situação há um tempo, assim como existe uma parcela considerável que iniciou um curso superior ou técnico e abandonou, ou esteve empregada por um período e hoje encontra-se em tal posição. Na verdade, esse público é bastante diverso e apresenta diferentes características que, muitas vezes, respondem dúvidas relacionadas a condição atual. Contudo, embora não desenvolvam atividades remuneradas ou de qualificação profissional, os egressos da Educação Básica que vivem essa realidade possuem perspectivas futuras, seja a respeito do ingresso no mercado de trabalho e/ou numa faculdade, entre outros.

Considerando essas possíveis trajetórias, realizamos a reunião das informações para a presente pesquisa com 15 egressos do Ensino Médio boa-vistense, sendo dez mulheres e cinco homens. Dentre os entrevistados, como já apresentamos na introdução, há formados no Ensino Superior, universitários, formados em Curso Técnico, trabalhadoras e jovens que não estudam nem trabalham. Após a transcrição das entrevistas e a realização da interpretação formulada, reavaliamos esse grupo de participantes, a fim de identificar temas relevantes para a pesquisa, bem como o ponto de saturação e casos semelhantes, considerando os seguintes critérios: a) densidade das respostas, ou seja, aprofundamento das narrativas com riqueza de detalhes e argumentações; b) desenvolvimento de uma narrativa e, conseqüentemente, exclusão de casos sem explicações, com informações simples e/ou diretas; c) entrevistas representativas, isto é, respostas que retratam a maioria das ideias evidenciadas pelos participantes; d) singularidades em contextos semelhantes, em outras palavras, experiências particulares

vivenciadas em situações parecidas. Desse modo, selecionamos apenas cinco jovens mulheres, como mostra a tabela abaixo:

**Tabela 7: Colaboradores da pesquisa**

JOVEM	IDADE	CATEGORIA	CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO
Andrea	24 anos	Formada no Ensino Superior	2012
Maria	26 anos	Universitária	2014
Bete	23 anos	Formada em Curso Técnico	2015
Janaína	20 anos	Trabalhadora	2010
Carolina	19 anos	Não estuda nem trabalha	2020

Fonte: Compilação da pesquisadora.

Desse modo destacamos como singulares as narrativas de cinco participantes, todas do sexo feminino. Devemos ressaltar que as mulheres são maioria entre os entrevistados, bem como apresentaram trajetórias biográficas repletas de singularidades. Para tanto, o Método Documentário é constituído por um sistema que despersonaliza os participantes da pesquisa através da substituição do nome por uma letra do alfabeto seguida por f (feminino) ou m (masculino), sendo identificadas como af (uma mulher) e bm (um homem), por exemplo. Utilizamos essa recomendação no momento de construção da interpretação formulada, no entanto, neste texto, atribuímos um nome fictício às entrevistadas, como um modo de humanizá-las, protegendo-as e ao mesmo tempo personificando-as, de modo que as denominamos a partir de uma aproximação entre letras de músicas que versam sobre mulheres e características das trajetórias de vida de cada jovem identificada a seguir:

- **Andrea**<sup>7</sup>: Mulher de 24 anos. É bacharela por uma instituição de ensino particular. Solteira. Afirma não ter religião. Considera-se branca. Natural de São Sebastião da Boa Vista. Concluiu o Ensino Médio em 2012 e mudou-se para Belém quase cinco anos depois, formando-se em 2020. Nesse período, morou com vários parentes até os pais conseguirem alugar um apartamento. Após a conclusão do curso, e, principalmente, a partir do agravamento da pandemia do novo Coronavírus, retornou à Ilha de Marajó.

<sup>7</sup> Nome inspirado na música Andrea Doria, da Legião Urbana.

Informa estar desempregada e nunca ter exercido atividade remunerada, mas declara a procura por trabalho, no momento, em qualquer área. Reside com seus pais em casa própria localizada na sede municipal. Filha de pedagogos, sua mãe é aposentada e seu pai está desempregado. Possui três irmãos, dois estudaram até o 9º ano do Ensino Fundamental II (antiga 8ª série), constituíram família e hoje residem na área rural de outro município da mesma região, trabalhando com aluguel de embarcações; e um concluiu o Ensino Médio, atua como mototáxi na área local e mora com seus pais.

- **Maria**<sup>8</sup>: Mulher de 26 anos. É acadêmica de uma faculdade particular a distância e frequenta um Curso Técnico em modo presencial. Solteira. Tem um filho. É evangélica. Considera-se parda. Natural de São Sebastião da Boa Vista. Concluiu o Ensino Médio em 2014. Mudou-se para Belém e frequentou um curso preparatório para o vestibular por poucos meses, residindo com parentes, mas, após alguns impasses, voltou para São Sebastião da Boa Vista. Trabalha desde antes de completar 14 anos, atualmente com vendas em loja virtual, recebendo de meio a um salário mínimo. Reside com o namorado em casa própria localizada na sede municipal. Tem pais casados. Sua mãe concluiu o Ensino Médio e não exerce atividade remunerada. Seu pai estudou até o 9º ano do Ensino Fundamental II (antiga 8ª série) e hoje atua como carpinteiro. Por fim, tem uma irmã universitária de uma instituição privada, situada ali mesmo.

- **Bete**<sup>9</sup>: Mulher de 23 anos. É técnica em Radiologia. Solteira. Católica. Considera-se branca. Natural de São Sebastião da Boa Vista. Concluiu o Ensino Médio em 2015 e mudou-se para Belém a fim de qualificar-se profissionalmente, formando-se em 2018. Nesse período, morou com parentes, tios e primos, mas voltou a fixar morada na Ilha de Marajó logo após a conclusão das atividades do curso. Trabalha desde seus 18 anos, atualmente como vendedora de roupas em tempo integral, de segunda a sábado, sem carteira assinada e recebe menos de meio salário mínimo. Reside com sua namorada em casa própria localizada na sede municipal. Filha de pais separados, sua mãe concluiu o Ensino Médio e trabalha como autônoma em uma loja de roupas. Seu pai estudou até o 5º ano do Ensino Fundamental (antiga 4ª série) e hoje atua como vendedor de madeira. Tem uma irmã que terminou a Educação Básica recentemente e, até o momento, não estuda nem trabalha e mora com sua mãe.

---

<sup>8</sup> Nome inspirado na música Maria, Maria, de Milton Nascimento.

<sup>9</sup> Nome inspirado na música Bete Balanço, de Cazuza.

- **Janaína**<sup>10</sup>: Mulher de 20 anos. Solteira. Católica. Considera-se branca. Natural de Belém. Foi criada em São Sebastião da Boa Vista. Concluiu o Ensino Médio em 2017 e mudou-se para a capital no ano seguinte a fim de prolongar os estudos no Ensino Superior. Morou e trabalhou na casa de uma tia por cerca de um ano. Nesse período, não conseguiu estudar devido a rotina exaustiva e a situação financeira. Logo, retornou à Ilha de Marajó. Ali frequentou o curso de Licenciatura em Pedagogia em uma faculdade particular, abandonando-o ainda no 1º semestre após dificuldades para custeá-lo. Atualmente é funcionária pública em tempo parcial e complementa a renda com vendas de churrasco, recebendo de um até dois salários mínimos. Reside com seus pais em casa própria localizada na sede municipal. Ambos estudaram até o 9º ano do Ensino Fundamental (antiga 8ª série), estão desempregados e vivem de aluguel de um espaço comercial e auxílio Bolsa Família. Tem quatro irmãos, duas concluíram o Ensino Médio, mas não continuaram os estudos, constituíram família, têm filhos e moram com o namorado; uma estudou até o 9º ano do Ensino Fundamental II e, aos 27 anos, foi morta pelo ex-companheiro, deixando quatro filhos; por fim, o caçula está cursando a última etapa da Educação Básica, mora com seus pais e ainda não trabalha.

- **Carolina**<sup>11</sup>: Mulher de 19 anos. Solteira. Afirma não ter religião. Considera-se amarela. Natural de São Sebastião da Boa Vista. Concluiu o Ensino Médio em 2020<sup>12</sup>. Admite estar desempregada e declara que, nesse momento, não procura por trabalho. Reside com seus pais em casa própria localizada na sede municipal. Ambos são casados e não terminaram a Educação Básica. Sua mãe não exerce atividade remunerada. Seu pai é aposentado e também trabalha como barbeiro. Tem sete irmãos: a primeira completou o Ensino Médio e trabalha em uma empresa de Telemarketing em um estado do Sul do país; o segundo é autônomo e estudante de Licenciatura em Matemática em uma faculdade particular da região; dois estão cursando a Educação Básica e não trabalham (esses três moram com os pais); os outros são irmãos paternos, uma é formada em Psicologia e os demais trabalham sem qualificação profissional (esses residem na capital do Estado).

Todas essas jovens colaboraram através de uma entrevista realizada pessoalmente no município de São Sebastião da Boa Vista entre os dias 5 e 21 de julho

---

<sup>10</sup> Nome inspirado na música Janaína, de Biquini Cavado.

<sup>11</sup> Nome inspirado na música Carolina, de Chico Buarque.

<sup>12</sup> O ano letivo de 2019 terminou em 2020.

de 2021. Durante esse período, entrei em contato via mensagens e ligações telefônicas, apresentei-lhes o estudo e convidei-lhes a participar. Após aceitarem, sugeri que escolhessem um local e horário, respeitando os protocolos de prevenção à Covid-19. Desse modo, a reunião de informações ocorreu em lugares e turnos diversificados, de acordo com a disponibilidade de cada participante e foi efetuada com o auxílio de um aparelho celular, usado para gravar todas as narrativas.

Inicialmente, entrei em contato por telefone com a coordenadora pedagógica da Escola João XXIII. A mesma concordou em colaborar e solicitou que fosse em sua residência naquela manhã. Atuante na referida instituição há muitos anos, é uma figura que demonstra conhecer não apenas os jovens que estudaram ali, mas algumas trajetórias dos estudantes após a saída do Ensino Médio. Ciente disso, nos reunimos e expliquei-lhe a pesquisa, bem como a sua participação. Logo, entreguei-lhe um documento (Apêndice II) e solicitei que indicasse, em cada coluna descrita, cinco<sup>13</sup> nomes de jovens egressos do Ensino Médio no período compreendido entre 2010 e 2019. Nessa perspectiva, considerando todas as categorias, tivemos vinte nomes apontados como possíveis sujeitos desse estudo.

Após a indicação dos nomes, entrei em contato com alguns jovens. Desse modo, a primeira entrevista aconteceu por volta de 19h do dia 5 de julho de 2021. Nesse horário, estive na residência da Bete, localizada na área urbana do município de São Sebastião da Boa Vista, a mesma havia chegado do trabalho há pouco mais de uma hora. Expliquei-lhe a pesquisa e os objetivos. Em seguida, entreguei-lhe o TCLE (Apêndice I) e o questionário (Apêndice III). A participante afirmou estar nervosa e “não saber falar direito”. Após ler os documentos, demonstrou-se um pouco acanhada. Conversamos por um momento, a fim de tranquilizá-la e, posteriormente, informei-lhe que iniciaria a gravação. Durante a entrevista, a jovem solicitou que parássemos diversas vezes. Estava muito emocionada e chorou bastante, principalmente, ao falar sobre o adiamento dos planos após o Ensino Médio e as dificuldades enfrentadas para continuar os estudos. Revelou que “lembrar das situações vividas traziam gatilhos”. Seus relatos, encerrados em meio a choro, somam aproximadamente 11 minutos.

---

<sup>13</sup> Quantidade pensada na possibilidade de haver desistência ou recusa por parte dos participantes.

A próxima entrevista ocorreu por volta de 16h do dia 6 de julho. Andrea<sup>14</sup> escolheu ir à minha residência. Conversamos por um momento e expliquei-lhe a pesquisa. Após ler e assinar os documentos, afirmou ser bastante objetiva ao falar e acreditar que não conseguiria acrescentar muito nesse estudo. Iniciei a gravação e suas narrativas eram calmas, repletas de risos e reflexões. A jovem expressou suas percepções de forma tranquila por cerca de 17 minutos.

Em seguida, nesse mesmo dia, entrevistei Maria<sup>15</sup>. A jovem também optou por ir à minha residência e chegou ali por volta de 17h. Estava tranquila e bastante segura. Afirmou já ter participado de outra pesquisa semelhante a essa. Expliquei-lhe os objetivos do estudo e entreguei-lhe os documentos que foram assinados e preenchidos atenciosamente. Logo depois iniciamos a gravação e suas narrativas seguiram-se reflexivas e confiantes por aproximadamente 14 minutos.

Na manhã do dia 14 de julho, após muitas tentativas de encontrar um horário disponível, consegui um espaço na agenda da Janaína<sup>16</sup>. A jovem enviou-me uma mensagem afirmando estar disponível naquele momento e perguntando se podia ir em minha casa. Chegou ali por volta de 9h, estava risonha e um pouco tímida, mas bastante curiosa. Expliquei-lhe a pesquisa e entreguei-lhe os documentos que foram preenchidos e assinados em meio a comentários e relatos de sua vida. Em seguida, informei-lhe que iniciaria a gravação e apesar do acanhamento, a mesma demonstrou-se muito segura ao se expressar. Seus relatos duraram pouco mais de 9 minutos.

A última entrevista ocorreu na tarde do dia 19 de julho, às 17h na residência da Carolina<sup>17</sup>. A mesma estava tranquila e receptiva. Apresentei-lhe a pesquisa e entreguei-lhe os documentos para assinatura. De início, a jovem ficou impressionada, principalmente, após ler o TCLE. Fez inúmeras perguntas sobre o texto escrito ali, o estudo que estava sendo desenvolvido, o curso de Mestrado, dentre tantas outras. Então, após uma longa conversa, informei-lhe que iniciaria a gravação. Carolina demonstrou-se bastante reflexiva durante toda a entrevista. Suas narrativas duraram aproximadamente 42 minutos.

---

<sup>14</sup> Indicada pela técnica pedagógica.

<sup>15</sup> Indicada por outra participante.

<sup>16</sup> Indicada pela técnica pedagógica.

<sup>17</sup> Indicada por outra participante.

Diante desse resumo, torna-se importante lembrar que São Sebastião da Boa Vista é um município pequeno onde geralmente todos se conhecem. Logo, a técnica de amostragem Bola de Neve nos permitiu observar que os círculos de amizades dos entrevistados são compostos por uma diversidade de jovens estudantes, trabalhadores, graduados, dentre outros das categorias destacadas anteriormente, contudo, ao solicitar que os participantes indicassem alguém, especialmente com características semelhantes a situação atual deles, houve quem apontasse pessoas que não faziam parte de seus grupos sociais. Desse modo, podemos perceber que os entrevistados concluíram o Ensino Médio em anos variados e nem todos possuem especificamente um vínculo com as suas indicações, sendo, muitas vezes, apenas “conhecidos”.

O desenvolvimento dessa pesquisa exigiu cuidados e técnicas para preservar os sujeitos participantes. Assim, a reunião de informações, junto aos jovens boa-vistenses, foi realizada com o auxílio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido — TCLE (Apêndice I), utilizado para apresentar o estudo, seus objetivos, riscos, benefícios e, a partir disso, convidá-los a contribuir para o processo de investigação, garantindo o anonimato, a livre participação e a opção de desistência a qualquer momento.

## IV. EXPERIÊNCIAS AO LONGO DA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Este capítulo apresenta a análise dos segmentos narrativos a partir dos quais buscamos a compreensão acerca dos elementos que se destacam na experiência escolar das jovens egressas do Ensino Médio do município de São Sebastião da Boa Vista.

Entendemos que a experiência escolar é caracterizada a partir de aspectos relacionados às vivências na instituição de ensino, mas esses podem estar associados, ainda, a fatores externos ao ambiente de aprendizagem. Amizades, brincadeiras, conhecimentos, desafios, conflitos, entre tantos elementos, constituem a vida estudantil de inúmeros estudantes. Alguns marcam mais, outros menos, o fato é que é quase impossível passar anos convivendo diariamente com diferentes pessoas, estudando diversos conteúdos científicos, participando de atividades, conhecendo professores e não carregar lembranças de uma trajetória vivenciada por, no mínimo, 14 anos.

### 4.1. Entre dificuldades, distrações e obrigações

De um modo geral, as jovens participantes deste estudo carregam memórias de uma trajetória estudantil vivida completamente no município de São Sebastião da Boa Vista. Assim, as experiências escolares narradas nos permitem classificá-las de acordo com três posições. A primeira, identificada como “dificuldades no percurso estudantil”, é descrita a partir do trecho a seguir:

- 5 **Y:** Você pode falar sobre as suas experiências na escola?  
 6 **Bete:** Sim é:: (4) foi boa (.) complicada também um pouco em relação a::: (3) foi muito  
 7 (2) ruim de aprender assim de prestar atenção (2) e:: (várias vezes) a gente não tem  
 8 professor que chegue assim pra ti e vê as tuas dificuldades né é:: então passava muita  
 9 dificuldade em relação a isso (2) mas de resto assim foi normal.

Bete afirma ter vivido uma boa experiência na escola, mas também descreve alguns empecilhos relacionados, principalmente, à dificuldade de concentração na sala de aula, situação que prejudicava a sua aprendizagem, pois, de acordo com a narrativa acima, era “ruim de aprender”. A jovem enfatiza, ainda, a ausência de professores atenciosos e preocupados com as necessidades apresentadas em seu processo de escolarização. Contudo, apesar dos impasses revelados, a técnica em radiologia

considera que teve uma experiência escolar “normal”, uma vez que os problemas eram referentes apenas a essas questões.

No trecho em destaque, podemos observar que Bete, inicialmente, afirma ter vivenciado experiências “boas”, mas em seguida, um pouco descontente, descreve algumas situações que prejudicaram a sua aprendizagem. Em meio a uma narrativa com pausas frequentes e pronúncias esticadas, a jovem revela dificuldades enfrentadas para apropriar-se dos conteúdos partilhados em sala de aula. A frase “foi muito (2) ruim de aprender assim de prestar atenção”, indica um dilema caracterizado pela tentativa de adquirir novos conhecimentos e o encontro de obstáculos que a impossibilitavam de obtê-los, devido a exigência de concentração.

Esse breve relato apresenta, ainda, a insatisfação da jovem com o trabalho docente no município de São Sebastião da Boa Vista. A fala “a gente não tem professor que chegue assim pra ti e vê as tuas dificuldades”, revela a frustração ao não identificar, nos educadores boa-vistenses, o perfil de alguém interessado com a aprendizagem dos estudantes. A narrativa de Bete evidencia uma relação de distanciamento entre educador e educando, onde não se nota afeição, escuta, confiança, afinidade e acolhimento. Diante da ausência desses elementos, surgiram os impasses que colaboraram para complexificar a sua experiência escolar.

Ainda na primeira posição, identificamos a narrativa da jovem trabalhadora Janaína, que relata o seguinte sobre as suas experiências escolares:

5 **Janaína:** Sim as minhas experiências foram (.) boas né até então no meio escolar  
6 com os colegas e professores (2) consegui aprender algumas coisas que o Ensino  
7 Médio propo- tava pro- propondo né lá no=no João XXIII mas passei por algumas  
8 dificuldades que a escola=as escolas estaduais oferecem né tipo algumas greves é::  
9 falta muita ausência de professores é:: falta de livros algumas vezes e:: enfim essas  
10 coisas.

A passagem acima revela memórias que se relacionam à narrativa de Bete. Nesse trecho, Janaína também descreve problemas enfrentados na instituição, dando ênfase à experiência escolar no Ensino Médio. A jovem aponta greves, ausência de professores e de livros como elementos que dificultaram seu processo de escolarização. No entanto, mesmo com todos os déficits evidenciados, considera que teve boas experiências “com os colegas e professores”, pois conseguiu aprender “algumas coisas”, referindo-se aos conhecimentos partilhados na sala de aula.

Analisando o trecho em destaque, observamos que Janaína expõe uma visão positiva sobre suas experiências escolares. Tal percepção é comprovada através da frase “foram boas (.) até então no meio escolar com os colegas e professores”, na qual é atribuído um significado especial às relações interpessoais desenvolvidas no ambiente de aprendizagem, demonstrando que os vínculos estabelecidos ali colaboraram para uma boa experiência. A jovem revela, ainda, que houve obstáculos em sua trajetória estudantil. O excerto “passei por algumas dificuldades que a escola=as escolas estaduais oferecem”, apresenta uma avaliação sobre as instituições públicas, devido a fatores que, muitas vezes, contribuem para um resultado negativo. Janaína destaca esses problemas enfatizando as paralizações dos servidores públicos, as faltas dos docentes e de livros didáticos.

Caminhando para uma segunda posição, nomeada de “distrações”, identificamos narrativas que caracterizam as experiências escolares relacionando-as a elementos associados a fatores que ocorrem fora da sala de aula. No trecho a seguir, Andrea revela o seguinte:

19 **Andrea:** Bom eu sempre fui uma aluna que (2) assim eu não vou me gabar muito mais  
 20 eu era meio inteligente né então eu não precisava estudar muito pra (.) pra pe-  
 21 aprender as matérias e pegar elas assim de (2) fáceis pra mim eram fáceis (3) deixa  
 22 eu ver o que mais (3) então depois que eu=que eu meio que comecei a fazer os  
 23 amigos e como as matérias eram fáceis e a maioria dos professores eram chatos  
 24 então a escola virou pra mim só um momento de diversão @(10)@ eu era literalmente  
 25 da galera que sentava no fundão e ficava tirando graça e era expulsa da sala (3) ficava  
 26 no corredor pra jogar dominó pra jogar bola pra jogar vôlei (3) só que por incrível que  
 27 pareça as minhas notas nunca foram baixas@ por incrível que pareça justamente por  
 28 causa do déficits dos professores as vezes a gente saía da sala (.) literalmente sem  
 29 fazer nada porque a gente (.) olha teve uma vez que tava eu e o meu amigo (.) e aí  
 30 gente tinha trocado de professor de Biologia só que quando ela chegava na aula ela  
 31 literalmente só lia o livro e pô pra ler o livro a gente lia em casa né que a gente tinha  
 32 o livro (.) então meio que não fazia sentido a aula (.) e aí a gente bateu de frente com  
 33 isso (.) e então ela expulsou a gente da sala (.) então toda vez que tinha aula dela (2)  
 34 que ela olhava e via a gente lá ela logo expulsava a gente@ sério a gente não assistia  
 35 aula dela (.) mas a gente nunca pegou nota baixa@ sempre eram os alunos que  
 36 pegavam 8 9 (.) porque era literalmente só ler o texto só ler o livro.

A narrativa acima revela experiências relacionadas a identificação da escola como um espaço para distração, onde o período passado ali era considerado um “momento de diversão”. Nesse trecho, Andrea descreve a incomplexidade dos conteúdos partilhados pelos professores, revelando a ausência de esforços para aprendê-los, visto que eram “fáceis”. Desse modo, a jovem admite que “sentava no fundão” da sala de aula, “ficava tirando graça e era expulsa”, assim como distraía-se com os amigos no corredor do

colégio. A bacharela em Relações Internacionais também ressalta aspectos referentes aos docentes, caracterizando-os como “chatos” e aponta os “déficits dos professores” como fator que influenciava, positivamente, no rendimento de suas notas nas avaliações escolares.

Andrea inicia a narrativa descrevendo aspectos relacionados à aprendizagem, afirmando, sem desejar vangloriar-se, que era uma estudante inteligente e, através da fala “eu não precisava estudar muito pra (.) pra aprender as matérias”, revela a tranquilidade diante dos conhecimentos partilhados em classe, assim como a compreensão imediata do que estava sendo explicado. Para ela, os assuntos trabalhados em sala de aula eram tão “fáceis” que não exigiam muitos esforços. No trecho em destaque, observamos que a jovem repete essa expressão três vezes, buscando enfatizar a facilidade em assimilar os conteúdos estudados. Por esse motivo, Andrea admite uma mudança de postura, caracterizada pelo sentimento de conforto perante as atividades escolares, a partir da descrição de um comportamento despreocupado e indiferente durante as aulas, e afirma que constituía o grupo de estudantes “que sentava no fundão e ficava tirando graça e era expulsa da sala”. Contudo, a internacionalista admite que nunca foi prejudicada, pois sempre obteve notas positivas nos exames escolares.

Nessa narrativa, há outro elemento que se refere a relação com os docentes dentro do ambiente de aprendizagem. Tal aspecto é caracterizado a partir de uma visão negativa sobre a maioria dos professores. Na passagem acima, Andrea demonstra não ter desenvolvido grandes vínculos com seus educadores, pois, ao recordar as experiências escolares, lembrou de conflitos vividos, principalmente, nas aulas de Biologia. A jovem revela o descontentamento e a recusa diante dos métodos pedagógicos utilizados pela professora dessa disciplina e aponta um fator que a incomodava e contribuía para a postura apresentada anteriormente: o uso excessivo do livro. Através da frase “não fazia sentido a aula”, Andrea mostra certo desânimo, comprovado também na fala “pra ler o livro a gente lia em casa né”, no qual observa a necessidade de atividades que fujam do tradicionalismo, envolvendo dinâmicas, grupos de discussões e trabalhos práticos fora da sala de aula. A internacionalista descreve, ainda, as consequências obtidas ao expor sua opinião acerca da conduta da educadora, entre as quais é enfatizada a restrição do acesso às aulas. Logo, constatamos que Andrea utiliza a má percepção a respeito dos

professores para justificar a desatenção nas aulas e concede os créditos dos resultados adquiridos nas avaliações à insuficiência do trabalho docente.

Por fim, a narrativa de Andrea revela, ainda, elementos que caracterizam a sua relação com a instituição de ensino. O excerto “a escola virou pra mim só um momento de diversão @(10)@”, demonstra a percepção do ambiente de aprendizagem como um espaço de lazer, onde era possível encontrar os amigos, brincar, conversar, entre outras formas de distrações. Essa interpretação é descrita de forma tão espontânea que, ao apresentá-la, a jovem é tomada por uma pequena crise de risos. Assim, rememorar as experiências escolares colaborou para o destaque às situações em que “ficava no corredor pra jogar dominó pra jogar vôlei”, indicando que carrega boas lembranças dos momentos passados com os colegas.

Ainda na segunda posição, e demonstrando semelhanças com a percepção de Andrea, destacamos a narrativa de Carolina. Seu relato nos diz o seguinte:

5 **Carolina:** @(5)@ Vontade de rir@ assim acho que desde o 1º ano eu sempre fui muito  
6 entusiasmada assim aí (3) aquela coisa né Ensino Médio eu comece::i aí fiz amizades  
7 pessoas que eu não conhecia (.) aí eu fui conhecendo (.) e aí foi um pouco difícil  
8 porque foi o 1º ano né muitos assuntos novos aí já a partir do 2º ano eu achei que foi  
9 mais de boa foi mais acho que foi o ano que eu mais me esforcei foi o ano que eu  
10 mais me esforc@ porque acho que eu já tinha pegado a manha né não era eu estudei  
11 no turno da tarde aí:: sempre pra mim foi um turno assim bom porque eu sempre tive  
12 muito sono de manhã eu estudava sempre de manhã durante o Ensino Fundamental  
13 e aí isso me atrapalhava muito no aprendizado no aprendizado geral né aí a partir do  
14 3º ano eu tive alguns problemas emocionais relacionado a::: assim não sei acho que  
15 eu fiquei mais assim pensativa sobre o que que eu queria fazer e aí problemas  
16 emocionais com relação assim acho que a família também acho que foi um conjunto  
17 de coisas que me distraíam muito (.) aí tanto é que eu não fiz o Enem na:: no 1º ano  
18 e nem no 2º deixei pra fazer só no 3º (.) só que aí no 3º foi um ano assim um pouco  
19 conturbado pra mim porque parece que eu já tava de saco cheio assim sabe eu não  
20 queria mais é:: não sei parece que eu tava tão animada desde o 1º no 2º e aí as  
21 coisas desandaram assim com as minhas relações assim por exemplo:: (2) eu não  
22 pensava tanto sabe no Ensino Médio parecia que eu queria assim tipo assim me  
23 divertir eu saía eu saía::a nos finais de semana e muitas vezes eu deixava meus  
24 trabalhos de lado (2) aí então (2) muitas vezes também eu faltava na aula tipo assim  
25 eu=eu ia pra escola mas eu não entrava @eu ficava no pátio no pátio da escola@ eu  
26 fica::va eu ficava mexendo no celu- eu ficava muito no celular acho que foi o ano que  
27 eu ficava tipo assim de chamar atenção os professores sempre me chamavam  
28 atenção assim guarda o celular ou desliga o teu celular eu sempre ficava no celular  
29 ficava respondendo mensagem (.) e aí eu deixava muito assim trabalho de lado.

As experiências escolares descritas acima revelam elementos relacionados, especificamente, à trajetória no Ensino Médio. Carolina aponta o entusiasmo sentido ao ingressar em uma nova etapa escolar e o encontro inicial com dificuldades referentes aos conteúdos partilhados em sala de aula. Nesse trecho, há um destaque dado à relação com as aprendizagens, no qual é apontado o esforço diante das atividades acadêmicas,

após ter “pegado a manha”. Contudo, a jovem revela que, no último ano da Educação Básica, viveu alguns conflitos emocionais, envolvendo relações afetivas e familiares, assim como referentes às perspectivas futuras, que colaboraram para sua dispersão e favoreceram o distanciamento da escola.

É interessante destacar que a jovem descreve aspectos relacionados a sua trajetória estudantil separando-os de acordo com cada série escolar da última etapa da Educação Básica. Na narrativa acima, identificamos dois elementos que estão interligados e influenciam em toda a experiência vivida: a relação com as aprendizagens e os problemas emocionais. No que diz respeito ao primeiro, Carolina aponta as dificuldades percebidas logo ao iniciar o Ensino Médio. A frase “foi um pouco difícil porque foi o 1º ano né muitos assuntos novos”, demonstra o impacto sentido diante do excesso de conteúdos exigidos nesse nível educacional. Entretanto, para ela, o 2º ano escolar tornou-se mais tranquilo, uma vez que houve a mudança para o turno vespertino, situação que favoreceu sua rotina, pois o período da manhã a “atrapalhava muito no aprendizado”. Essa alteração no horário serviu como um incentivo e colaborou para que a mesma se dedicasse aos estudos, esforçando-se bastante. Contudo, a partir do 3º ano, Carolina viveu alguns problemas emocionais que favoreceram a disposição da escola em um lugar preterido, onde a concentração e o empenho adquiridos, deram lugar a distrações e desinteresse pelas atividades estudantis.

Os problemas emocionais constituem o segundo elemento identificado na narrativa acima. Carolina relata que esses tiveram início a partir do 3º ano do Ensino Médio e demonstra na frase “eu fiquei mais assim pensativa sobre o que que eu queria fazer”, como as dúvidas e indecisões acerca do futuro perturbam muitos estudantes, especialmente, nessa etapa. Os questionamentos somados a conflitos familiares e afetivos resultaram em um misto de sentimentos que a distraíram e tornaram o ano “um pouco conturbado”. O fragmento “eu faltava na aula tipo assim eu=eu ia pra escola mas eu não entrava @eu ficava no pátio no pátio da escola@”, descreve a mudança de postura diante dos dilemas vividos. Tal excerto sugere, ainda, a ideia de perceber uma importância na instituição de ensino, pois ainda que não acompanhasse ou participasse das atividades desenvolvidas em classe, a jovem permaneceu frequentando-a até a conclusão da Educação Básica. Podemos observar que o comportamento de menosprezo pela sala de aula, identificado também na frase “eu fica::va eu ficava

mexendo no celu- eu ficava muito no celular”, foi uma consequência de conflitos pessoais que afetaram diferentes esferas de sua vida, inclusive a acadêmica. Logo, Carolina frequentava as aulas, mas dificilmente se envolvia com as atividades desenvolvidas ali, reforçando, mais uma vez, um significado em comparecer àquele ambiente todas as tardes.

Por fim, a análise refletida da narrativa em destaque revelou a descrição de um período extenuante, vivido por Carolina, o qual é identificado na frase “parece que eu já tava de saco cheio assim sabe eu não queria mais”, indicando haver um cansaço ocasionado por diferentes fatores que envolvem a rotina escolar, a chegada de novas responsabilidades, a necessidade de refletir sobre escolhas futuras, entre outros associados a relacionamentos. Diante de alguns questionamentos, a jovem se viu buscando uma forma de ocupar a mente com outras atividades apontadas na fala “eu queria assim tipo assim me divertir eu saía eu saía:::a nos finais de semana e muitas vezes eu deixava meus trabalhos de lado”, porém, conciliar as atividades acadêmicas com a euforia da juventude e o desejo de aproveitar os momentos com os amigos, tornou-se um desafio, onde a escola ficou em um segundo plano.

Apresentando características distintas das narrativas destacadas anteriormente, identificamos a terceira posição, denominada de “obrigação e prazer”. No trecho abaixo, Maria descreve sua experiência escolar da seguinte maneira:

9 **Maria:** A minha experiência na escola não era muito boa não porque eu sempre fui  
10 gordinha e então eu não gostava era uma luta pra mim ir pra escola porque eu tinha  
11 o problema do bullying lá mas eu tinha que ir pra escola@ eu tinha eu era obrigada a  
12 ir mesmo no começo na verdade eu tinha que estudar mesmo porque eu era obrigada  
13 mas não que eu gostasse (9) é durante meus anos né depois os anos foram passando  
14 e aí eu comecei a me interessar mesmo pela vida acadêmica é: eu gostava muito das  
15 aulas de Português então é o que eu mais me identifico hoje em dia eu não sei nem  
16 porque que eu segui a área da contabilidade mesmo porque eu não gostava da parte  
17 da Matemática eu vim gostar já depois de grande é: os meus professores o que que  
18 eu tenho pra falar deles eu amava os meus professores do Ensino Médio todos eles  
19 eu amava meus professores do Ensino Médio em especial o professor Milton que era  
20 uma pessoa muito legal compartilhava experiências de vida então eu aprendi muita  
21 coisa mesmo na escola na=na parte do Ensino Médio já.

Inicialmente, Maria revela a vivência de problemas associados ao bullying e admite que frequentava a escola apenas porque “era obrigada” e não por gostar ou sentir-se bem naquele ambiente. Em seguida, a jovem afirma que, ao longo dos anos, começou a se interessar pela vida acadêmica e por aulas específicas, como as de Língua Portuguesa. Em sua narrativa, também há um destaque para a relação com os

professores, especialmente, no Ensino Médio. Maria descreve uma percepção positiva relacionada aos docentes dessa etapa e destaca um educador “muito legal”, caracterizado por ter um perfil singular.

A interpretação refletida da narrativa de Maria revela que o início da escolarização foi um pouco conflituoso, tendo em vista os problemas vividos com relação ao bullying. A jovem afirma que a “experiência na escola não era muito boa” e aponta a sua estrutura física como motivo para humilhações. Na frase “eu não gostava era uma luta pra mim ir”, a universitária demonstra o sofrimento ao ser obrigada a frequentar a instituição de ensino, assim como a percepção negativa que estava se formando sobre o espaço escolar, em função de agressões intencionais ocorridas ali. Contudo, no decorrer dos anos, as intimidações cessaram e Maria passou a ter outra visão acerca do ambiente de aprendizagem. Na frase “eu comecei a me interessar mesmo pela vida acadêmica”, a jovem revela o entusiasmo com as atividades estudantis, identificadas também no fragmento “eu gostava muito das aulas de Português”, no qual é indicado a preferência e afinidade com essa disciplina.

A passagem acima apresenta, ainda, outro elemento caracterizado pela relação com os docentes, especialmente na última etapa da Educação Básica. O excerto “eu amava os meus professores do Ensino Médio”, revela a existência de vínculos afetivos estabelecidos entre professores e estudantes, indicando admiração, respeito e amizade por aqueles que fizeram parte da sua escolarização. É possível observar que a jovem repete essa frase duas vezes, reforçando a ideia de bons relacionamentos com a classe educadora. Ademais, Maria aponta um docente específico, “o professor Milton<sup>18</sup> que era uma pessoa muito legal compartilhava experiências de vida”, indicando ter apreço e simpatia por esse, devido ao perfil atencioso e orientador, uma vez que partilhava histórias vividas, também, como forma de aconselhar os estudantes. Por fim, a universitária demonstra carregar lembranças positivas dessa época e afirma na frase “aprendi muita coisa mesmo na escola na parte do Ensino Médio”, a conquista de aprendizagens para além dos muros da instituição.

Diante das narrativas expostas acima, observamos que ao solicitar às participantes desse estudo que dissertassem sobre as experiências escolares, a maioria lembrou daquelas vividas no último nível da Educação Básica. Assim, compreendemos

---

<sup>18</sup> Nome inspirado no autor da música Maria.

essa etapa como um período que marca a vida dos estudantes de uma maneira diferente, porque a rotina, caracterizada pelas diversas aulas e atividades, encontros diários com os amigos, conversas, brincadeiras e outras vivências, é composta por hábitos que passarão e dificilmente serão desfrutados de novo com tamanha frequência e intensidade. Também é nesse período que os estudantes passam por mudanças biológicas, psíquicas e sociais; é quando se iniciam preocupações, inseguranças e perspectivas relacionadas a distintos aspectos da vida.

#### 4.2. Da inspiração à falta de interesse

Nesse sentido, na crença de identificar elementos associados, especificamente, à trajetória estudantil no Ensino Médio, questionamos as participantes sobre a experiência escolar vivida nesse período. Logo, as jovens boa-vistenses ressaltam aspectos distintos, entre os quais identificamos duas posições: a primeira, nomeada de “relações amistosas e inspiração profissional”, é representada, inicialmente por Bete, no trecho a seguir:

- 10 Y: Pensando no Ensino Médio, como foi a sua experiência nessa etapa?  
 11 Bete: Como foi a minha experiência (8) foi boa (5) não tem muito o que falar foi (6)  
 12 não tenho muitas ideias assim pode parar um pouco? ((Pedi que repetisse a  
 13 pergunta)) foi maravilhosa@ em relação aos amigos que eu fiz conheci muitos  
 14 professores bons que me ensinaram muitas coisas e que=que me fez querer também  
 15 seguir nas áreas que eles atuavam né que=que eu quis aprender mais sobre com o  
 16 que eles trabalhavam o que eles explicavam.

A passagem acima revela elementos associados aos vínculos amistosos estabelecidos no ambiente de aprendizagem. Bete descreve a sua experiência escolar no Ensino Médio destacando os bons relacionamentos com os colegas de classe e educadores da instituição. A jovem também demonstra uma percepção positiva sobre os professores dessa etapa e destaca os ensinamentos partilhados, assim como a convivência com figuras profissionais que aguçaram o desejo de formação na área da docência.

Podemos observar que Bete inicia sua narrativa um pouco tímida, mas esse comportamento muda ao longo da entrevista. No trecho em destaque, a técnica em radiologia demonstra ter lembranças positivas de sua experiência escolar no Ensino Médio, principalmente relacionadas aos vínculos afetivos formados na instituição. Ao usar

a frase “foi maravilhosa@ em relação aos amigos que eu fiz”, revela, entre risos, uma rotina estudantil agradável devido às amizades fortalecidas nessa etapa.

Bete também enfatiza elementos relacionados ao papel do professor. No fragmento “conheci muitos professores bons que me ensinaram muitas coisas e que=que me fez querer também seguir nas áreas que eles atuavam”, descreve docentes que, além de desenvolverem um trabalho eficaz, através do compartilhamento de novos conhecimentos e da aprendizagem reconhecida por parte da jovem, também se destacaram pelo perfil profissional que a inspirou a desejar seguir o caminho da docência. Esse interesse é demonstrado, ainda, na passagem “eu quis aprender mais sobre com o que eles trabalhavam o que eles explicavam”, onde é exposta a curiosidade quanto ao ofício do educador, assim como pelos conteúdos estudados em sala de aula.

Ainda na primeira posição, com características semelhantes à percepção de Bete, identificamos a narrativa de Maria, destacada abaixo:

31 **Maria:** No Ensino Médio na época do Grêmio logo que lançaram o Grêmio Estudantil  
 32 na Escola no João XXIII então eu sempre fui muito empenhada assim né com escola  
 33 com amigos sempre tive assim sempre tive muitos amigos até hoje tenho muitos  
 34 amigos aí eu resolvi me candidatar a ser do Grêmio e aí eu fui foi uma experiência  
 35 muito legal pra mim porque eu acho que eu ganhei muita é responsabilidade nessa  
 36 época muita responsabilidade e me acarretou também um é muito conhecimento  
 37 conhecer muita gente né é: muitos professores e foi uma experiência muito boa na  
 38 época do Ensino Médio quando foi lançado o Grêmio Estudantil na escola eu participei  
 39 primeiro comecei como tesoureira depois já fui presidente e foi uma coisa que me  
 40 marcou muito eu gostava muito dessa época do Grêmio.

Na passagem acima, Maria admite o empenho escolar e o envolvimento em projetos institucionais durante o Ensino Médio. O trecho revela um destaque para a experiência vivida ao compor o Grêmio Estudantil da Escola João XXIII, no qual é apresentado os benefícios recebidos como resultado de sua participação. Para a jovem, a atuação em tal atividade possibilitou muitos ganhos, como a conquista de novos vínculos amistosos, responsabilidades e conhecimentos adquiridos através de seu comprometimento. A jovem demonstra, ainda, ter um perfil bastante afetuoso que lhe permite estabelecer amizades com facilidade.

A análise refletida do trecho acima mostra a participação no Grêmio Estudantil como um dos principais elementos destacados por Maria em sua experiência no Ensino Médio. É possível notar que a atuação no projeto foi algo tão significativo, que os demais aspectos estão diretamente relacionados a esse fato. A universitária admite ser uma

pessoa dedicada, por isso, buscou representar os interesses dos estudantes diante da direção da escola. Para ela, integrar o projeto foi uma experiência muito positiva, pois envolver-se ativamente na instituição de ensino, a fim de defender direitos e deveres dos estudantes, possibilitou benefícios enfatizados na frase “eu ganhei muita é responsabilidade nessa época e me acarretou também um é muito conhecimento”, indicando a conquista de novas aprendizagens, além do enriquecimento educacional e da formação para a vida social e política, através do início de um caminho de liderança vivido em pequenos estágios, desde a função de tesoureira até a presidência da organização colegiada.

A universitária também destaca os vínculos desenvolvidos com os colegas e professores, especialmente, no Ensino Médio. A frase “sempre tive muitos amigos até hoje tenho muitos amigos”, descreve o perfil de uma jovem com facilidade para desenvolver amizades e cultivá-las, caracterizando, ainda, uma postura atual. Diante da popularidade no ambiente escolar, Maria sentiu-se confiante para candidatar-se a um cargo no Grêmio estudantil, fato que lhe possibilitou, além dos conhecimentos e responsabilidades apresentados anteriormente, “conhecer muita gente né é: muitos professores”. Tais palavras indicam a expansão dos relacionamentos interpessoais, principalmente, por estar em evidência devido sua atuação no projeto institucional. A jovem apresenta essa experiência enfatizando que foi um período marcante em sua vida, logo, carrega muitas lembranças positivas.

A segunda posição identificada nas narrativas das jovens boa-vistenses revela elementos que demonstram certa desatenção com os estudos, denominada de “escola em segundo plano”. No trecho abaixo, destacamos a percepção de Janaína, que apresenta sua experiência escolar no Ensino Médio da seguinte maneira:

12 **Janaína:** Hu::m (3) olha foi uma experiência boa assim só que eu deixei muito de  
 13 lado@ um pouco né os estudos no caso eu era mais empenhada no Ensino  
 14 Fundamental é::: eu não tive incentivo eu falo que eu não tive incentivo claro que eu  
 15 tinha que buscar por mim né mas (3) eu tinha que fazer as coisas na casa@ essas  
 16 coisas assim aí eu acabava deixando de lado aquilo entende.

Janaína revela uma interpretação positiva sobre a sua experiência no Ensino Médio, mas também aponta responsabilidades, externas ao ambiente de aprendizagem, que a obrigaram a colocar os estudos em um segundo plano. A jovem reconhece a dedicação apresentada durante o Ensino Fundamental, porém, indica que não foi

possível manter essa conduta até o último nível da Educação Básica. Para ela, faltou incentivo ao longo da caminhada escolar, especialmente nessa etapa, ao surgir novos compromissos referentes às atividades rotineiras de casa.

Na passagem acima, Janaína transmite um desânimo diante da experiência escolar no Ensino Médio, ainda que revele, inicialmente, uma percepção positiva. A frase “foi uma experiência boa assim só que eu deixei muito de lado@ um pouco né os estudos”, é uma das que comprovam essa análise, pois demonstra um leve descontentamento ao colocar a vida estudantil em um segundo plano. A jovem relata que “era mais empenhada no Ensino Fundamental” e, mais uma vez, confirma a ideia de insatisfação com a sua trajetória acadêmica, indicando que a dedicação apresentada nessa etapa não permaneceu nos anos posteriores. O excerto “é::: eu não tive incentivo eu falo que eu não tive incentivo”, descreve o sentimento de desencorajamento em um período de dúvidas, incertezas e anseios. Ao usar a expressão “claro que eu tinha que buscar por mim né mas (3) eu tinha que fazer as coisas na casa@”, Janaína admite compreender a sua responsabilidade como estudante, mas também expõe a dificuldade em conciliar a rotina escolar com as funções que lhe foram atribuídas em sua residência, provavelmente pelo fato de ser mulher. Esse fragmento evidencia, ainda, o dilema vivido por uma jovem e estudante, que sentiu o peso das obrigações que recaem sobre ela, sobretudo por ser do sexo feminino, ao precisar dividir o tempo precioso das atividades estudantis com as tarefas de casa, onde a primeira foi colocada em um lugar preterido, mas não por livre vontade.

Diante dessa narrativa, observamos uma prática muito comum no município de São Sebastião da Boa Vista e na sociedade como um todo, caracterizada pela atribuição das tarefas domiciliares, principalmente, à mulher. Desse modo, jovens do sexo feminino, costumam ser responsabilizadas por atividades que homens, da mesma faixa etária, raramente são incumbidos de realizar. Logo, frequentemente deparamo-nos com discursos machistas que tem início, ainda na infância/adolescência, a partir da separação de tais afazeres, onde as moças aprendem a cozinhar, arrumar a casa, lavar e passar roupas, dentre outros encargos que, com o tempo se tornam uma obrigação, enquanto os rapazes vivem de forma tranquila, sem quaisquer preocupações ou exigências relacionadas a essas aprendizagens, aproveitando o ócio e usando o tempo livre para brincar, jogar futebol e desfrutar de outras formas de lazer.

Por fim, ainda na segunda e última posição, destacamos a narrativa de Andrea, caracterizada por aspectos que demonstra algumas semelhanças com a percepção de Janaína. No fragmento abaixo, a jovem internacionalista descreve o seguinte:

51 **Andrea:** Foi olha pra mim foi muito boa eu era adolescente foi muito divertido porque  
 52 literalmente eu via a escola como um lugar de diversão (.) pra ficar jogando bola pra  
 53 ficar participando dos jogos que eu gosto muito de jogar futsal (2) pra ficar com os  
 54 meus amigos (2) não via como uma possibilidade de (2) de literalmente tá aprendendo  
 55 (.) de ir com vontade de aprender coisas novas não isso era só mesmo pra ver meus  
 56 amigos e ficar na bagunça.

Nessa narrativa, o espaço escolar é descrito como um ambiente de diversão e encontro, logo, os estudos foram colocados em um segundo plano. Andrea caracteriza a sua experiência no Ensino Médio a partir de uma visão bastante positiva. Para ela, a instituição de ensino tornou-se um lugar onde era possível reunir os amigos para “ficar na bagunça”, além de possibilitar a prática de esportes como futsal, atividade que a agradava muito. A internacionalista afirma, também, que não percebia a escola como um local de aprendizagens, em que seria possível obter novos conhecimentos, portanto, a frequente presença ali estava diretamente relacionada aos vínculos com os colegas de classe e aos momentos de lazer.

A interpretação refletida da passagem em destaque revela a ideia da instituição de ensino como um ponto de encontro para brincadeiras, conversas e outras formas de entretenimento. Andrea descreve um perfil sociável, caracterizado por uma estudante que buscava aproveitar os momentos com os amigos. Na frase “foi muito divertido porque literalmente eu via a escola como um lugar de diversão”, a jovem demonstra uma visão positiva sobre o espaço de aprendizagem, além da caracterização da experiência escolar no Ensino Médio como um período agradável, marcado por momentos de socialização e lazer. No trecho acima, Andrea revela o interesse por atividades esportivas e aponta a participação nos jogos estudantis, o gosto por futsal, além da companhia dos colegas para “ficar na bagunça” como elementos que lhe aproximavam da escola.

Por fim, observamos, ainda, que a experiência escolar de Andrea é marcada, especialmente, por aspectos associados aos momentos de distração com os colegas na instituição de ensino. Diante disso, em relação às aprendizagens, a jovem admite que não percebia a escola como “uma possibilidade de (2) de literalmente tá aprendendo (.) de ir com vontade de aprender coisas novas”, demonstrando desinteresse e indiferença

com o que estava sendo trabalhado dentro da sala de aula. Portanto, mais uma vez, é reafirmada a ideia de um espaço frequentado com a intenção de aproveitar a companhia dos amigos com brincadeiras e atividades extraclasse.

### **4.3. Balanço das trajetórias**

A análise das entrevistas realizadas junto às jovens boa-vistenses revelou diferentes percepções sobre as experiências escolares. Contudo, observamos que as narrativas também apresentam alguns aspectos semelhantes entre si. De um modo geral, a interpretação inicial, que buscou identificar elementos relacionados à experiência escolar sem destacar uma etapa de ensino específica, indicou três posições: a primeira, caracterizada por Bete e Janaína, se refere às dificuldades no percurso estudantil; a segunda, representada por Andrea e Carolina, demonstra ideias relativas às distrações no ambiente de aprendizagem; e a terceira, definida por Maria, indica fatores associados à obrigação de estudar e ao prazer, após se interessar pela vida acadêmica.

Na primeira posição, identificada como “dificuldades no percurso estudantil”, Bete e Janaína apresentam problemas enfrentados na instituição de ensino. É interessante observar que, inicialmente, ambas admitem uma boa experiência escolar, porém, em seguida, destacam situações que comprometeram os estudos. Bete não faz referência a uma etapa específica da escolarização. Por outro lado, Janaína enfatiza o período vivido no último nível da Educação Básica. Para Bete, houve obstáculos relacionados à aprendizagem em sua trajetória estudantil. A jovem aponta a dificuldade de concentração durante as aulas, fato que se tornou um impedimento para adquirir os conhecimentos estudados. Em contrapartida, Janaína descreve empecilhos associados às greves, ausência de professores e de livros, mas, apesar das adversidades, reconhece a compreensão de alguns conteúdos ensinados. Diante das narrativas das jovens, entendemos que “os estudantes de fato querem aprender e não apenas passar pela instituição escolar, sem agregar novos conhecimentos e aprofundar aqueles trazidos de suas realidades particulares” (STOSKI; GELBCKE, 2016, p. 49).

Assim, quando Bete descreve o descontentamento com a postura dos professores perante as suas dificuldades para compreender os conteúdos estudados na sala de aula ou no momento em que Janaína aponta a carência de docentes na instituição como um obstáculo em sua trajetória no Ensino Médio, percebemos uma experiência que também

é marcada, de acordo com Stoski e Gelbcke (2016), pela negligência, por parte da escola, do direito de aprendizagem dos estudantes que a frequentam, através do despreparo do corpo docente ou da infraestrutura da instituição. Bete demonstra insatisfação com os professores desatentos sobre as limitações dos estudantes e Janaína reclama a ausência de educadores na escola. No caso dessa última, os problemas crescem à medida que se aproxima as provas de vestibulares, uma vez que os aspectos destacados se referem ao último nível da Educação Básica, período que exige um estudo dobrado, especialmente, quando se trata de uma escola pública do interior do Estado. Logo, a falta de professores para disciplinas específicas se torna um problema que pode prejudicar, inclusive, a trajetória após o Ensino Médio.

A segunda posição, denominada “distrações”, é caracterizada por elementos que envolvem situações dentro e fora da sala da aula. Nas narrativas analisadas, observamos que Andrea não aponta uma etapa da escolarização, mas em alguns momentos demonstra estar se referindo à trajetória no Ensino Médio. Por outro lado, o relato de Carolina enfatiza, especificamente, essa etapa estudantil. Ambas descrevem aspectos relacionados à aprendizagem. Para Andrea, os conteúdos partilhados na instituição eram fáceis, logo, não havia necessidade de exercer tanto esforço para aprendê-los. Diante da incomplexidade dos assuntos, a jovem adotou um comportamento desatento e indiferente durante as aulas. Em contrapartida, Carolina revela que chegou ao 1º ano empolgada, mas não demorou a sentir as dificuldades diante do excesso de conteúdos. Por isso, no 2º ano, empenhou-se bastante para aprender os conhecimentos estudados, conseguindo atingir um período escolar tranquilo. Porém, no 3º ano, viveu alguns conflitos emocionais que a distraíram e ocasionaram a disposição da escola em um segundo plano. Assim, as experiências narradas por Andrea e Carolina nos levam a concordar com Sposito (2004) ao afirmar que o 1º ano é percebido como um momento de orgulho e deslumbramento após ter vencido a primeira barreira da escolaridade. O 2º ano se configura como um momento vivido de forma mais crítica, onde tem início um desencantamento, configurado a partir de uma “moratória breve” na instituição de ensino, onde os amigos, a sociabilidade e o lazer tornam-se mais importantes que as escolhas que deverão ser realizadas no 3º ano. Podemos observar que parte desse processo aconteceu com as duas jovens.

Nessa posição também identificamos aspectos que caracterizam a relação com os docentes na instituição de ensino. As narrativas analisadas não revelam a presença de vínculos amistosos com os professores tanto na experiência escolar de Andrea quanto de Carolina. Andrea, ao falar desses, demonstra uma percepção negativa e lembra de conflitos vividos com uma educadora específica, após explanar sua percepção acerca dos métodos utilizados pela mesma em sala de aula, situação que ocasionou o impedimento do acompanhamento das atividades da disciplina. No que se refere a Carolina, a jovem não aponta elementos particulares que indiquem bons ou maus relacionamentos com o corpo docente. Desse modo, conforme Dayrell e Jesus (2017), quando os estudantes manifestam desinteresse e trazem para debate possíveis maneiras de organizar o Ensino Médio, podem estar nos alertando a uma demanda maior que “se expressa na dificuldade em articular seus interesses pessoais com a estrutura do cotidiano escolar, enfrentando obstáculos para se motivarem, para atribuírem um sentido à experiência escolar” (DAYRELL; JESUS, 2016, p. 417). Nesse caso, ao expor sua visão no intuito de alcançar aulas que desviassem o foco dos livros, Andrea sofreu consequências, entre as quais, foi vedada do acesso às aulas de Biologia. Logo, o direito à educação lhe foi negado. Desse modo, é importante ressaltar que “a escola democrática é aquela onde o professor ensina e educa todos os alunos, incluídos os de quem não gosta e os que não gostam dele” (CHARLOT, 2008, p. 29).

Por fim, a segunda posição aponta, ainda, elementos caracterizados a partir da relação com a instituição de ensino. Para Andrea, o espaço escolar era percebido como um lugar de diversão, brincadeiras e socialização. Essa ideia é interpretada também no relato de Carolina. A jovem, reconhece a mudança de postura, especialmente, no último ano da Educação Básica. Assim, descreve um comportamento distraído nesse período e revela que faltava nas aulas ou passava as tardes no pátio com os amigos. Diante dessa ideia e em concordância com Carrano e Dayrell (2013), a escola é reconhecida como “uma instituição central na vida dos jovens. É um espaço-tempo de convivência e aprendizado, onde eles passam parte significativa de seus cotidianos. A escola é lugar de fazer amigos, compartilhar experiências, valores e delinear projetos de vida” (p. 48). Nesse sentido, Andrea e Carolina demonstram boas lembranças referentes aos momentos vividos ali. No entanto, Carolina também aponta conflitos emocionais associados aos vínculos afetivos e familiares, além de questionamentos e dúvidas quanto

ao futuro. Observamos que a conduta de distração e menosprezo pelas atividades escolares, adotados no 3º ano, foi uma consequência de tais inquietações. Logo, entendemos que "a juventude se constitui como um momento delicado de escolhas, de definições, no qual o jovem tende a se defrontar com perguntas como: Para onde vou? Qual rumo devo dar à minha vida?" (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 256), e essas questões são essenciais para os estudantes, as quais a escola poderia contribuir de alguma forma. Contudo, Carolina demonstra o sentimento de solidão e angústia, diante das incertezas relacionadas ao futuro. Portanto, é possível que se refira, também, a ausência de direcionamentos e apoio.

No que se refere a terceira posição, denominada "obrigação e prazer", identificamos elementos relacionados, inicialmente, à imposição da frequência na instituição de ensino e, mais adiante, ao entusiasmo após experimentar a vida estudantil. Maria descreve problemas associados ao bullying e lembra das agressões sofridas no Ensino Fundamental. Em sua narrativa, observamos que o ato de precisar ir à escola tornou-se um sacrifício, logo, a jovem recorda esse período a partir de um olhar negativo. Para Maria, considerando os conflitos encontrados no ambiente de aprendizagem, estudar deixou de ser uma prioridade, uma vez que era humilhada pelos colegas de classe. Assim, a presença nesse espaço se dava, apenas, devido a exigência e não por desejar estar ali. À vista disso, de acordo com Carpenter e Ferguson (2011), "o bullying afeta diretamente o desenvolvimento escolar de uma criança. Por ser constantemente maltratada, concentra suas forças em encontrar alternativas para escapar do sofrimento" (p.124). Portanto, diante da narrativa de Maria, refletimos em como o bullying transforma, de maneira negativa, a vida e a ideia dos estudantes acerca da escola e de si mesmos. Ao rememorar as experiências escolares, Maria aponta tal conflito, demonstrando que carrega marcas desse período e que essas não são positivas.

Por outro lado, no Ensino Médio a percepção acerca da escola foi modificada. Maria aponta o interesse pelas atividades escolares e o encantamento por seus professores como elementos que marcaram a experiência nessa etapa. Em sua narrativa, identificamos a ênfase dada a um docente específico, devido ao perfil atencioso que proporcionou muitas aprendizagens e boas lembranças. Segundo Weller (2014), apesar das dificuldades encontradas nas instituições públicas de ensino, é possível encontrar profissionais engajados e preocupados com o futuro dos jovens, "são professores que

buscam ampliar o horizonte de possibilidades de seus estudantes, encorajando-os e estimulando-os na busca de oportunidades melhores” (WELLER, 2014, p. 147). Nessa perspectiva, Maria lembra com admiração e carinho a última etapa da Educação Básica e demonstra um olhar positivo sobre os educadores, em função das boas relações desenvolvidas no espaço de aprendizagem.

Além dessas interpretações, ao buscar respostas para os sentidos atribuídos à experiência escolar vivida, especificamente, no Ensino Médio, observamos que as jovens boa-vistenses revelam semelhanças nas trajetórias estudantis. Logo, ao analisar as narrativas, identificamos duas posições: a primeira, definida por Bete e Maria, apresenta elementos relacionados aos vínculos desenvolvidos no ambiente de aprendizagem e às inspirações para a vida profissional; e a segunda, caracterizada por Janaína e Andrea, aponta fatores que colaboraram para a disposição da escola em um segundo plano.

No que se refere a primeira posição, denominada “relações amistosas e inspiração profissional”, identificamos elementos associados aos vínculos afetivos formados na instituição de ensino. As narrativas analisadas revelam que tanto Bete quanto Maria carregam somente lembranças positivas dessa etapa. Bete recorda as amizades com os colegas de classe e professores do Ensino Médio. Para ela, os docentes tiveram um papel muito importante em sua trajetória, pois, além dos ensinamentos, a inspiraram profissionalmente. Do mesmo modo, Maria também aponta esses aspectos como fatores essenciais em sua experiência escolar. Diante dessas interpretações, percebemos a escola como um espaço repleto de sentidos e significados para os estudantes, como um lugar de “encontro e sociabilidade, mas também do ponto de vista da sua função em termos de produção e transmissão de saberes e conhecimentos úteis à vida, à continuidade dos estudos e ao trabalho, ela é vista positivamente pelos jovens (LEÃO; DAYREL; REIS, 2011, p. 260). Nesse sentido, Maria destaca, ainda, os ganhos adquiridos a partir da atuação no Grêmio estudantil e admite que a participação no projeto possibilitou benefícios como a conquista de novas amizades e conhecimentos. Logo, compreendemos que a escola tem um lugar especial na vida dos estudantes, uma vez que é um espaço onde “os jovens alunos podem refletir sobre suas escolhas, seus valores e expectativas na vida. Ela pode ser uma referência para eles, um suporte com o qual podem contar para se orientar na construção de suas trajetórias de vida” (CARMO; LEÃO, 2014, p. 33).

A segunda posição, chamada de “escola em segundo plano”, é caracterizada por elementos que envolvem fatores e situações acontecidas fora da sala de aula, mas que interferem, de forma direta, no que ocorre dentro desse espaço. De um modo geral, Janaína e Andrea admitem uma experiência escolar positiva. A análise das narrativas revela que ambas descrevem situações em que os estudos foram colocados em um lugar preterido, mas por motivos diferentes. Para Janaína, isso aconteceu devido à dificuldade em conciliar a rotina estudantil com as atribuições impostas em sua residência. A jovem sentiu, de acordo com Perez (2001), o peso das responsabilidades domiciliares, o qual recai sobre a população do sexo feminino e representa uma sobrecarga excessiva, além do obstáculo para as possibilidades de participação integral e em condições igualitárias, em seu caso, no âmbito escolar. Janaína indica que não apenas ajudava, mas era encarregada de afazeres que tornavam sua rotina onerosa, considerando o período estudantil em que se encontrava. A jovem também reclama a ausência de incentivo escolar e demonstra sentir-se desamparada, tanto por parte da instituição de ensino quanto familiar.

Em contrapartida, Andrea revela uma trajetória que, também, demonstra a escola disposta em um segundo plano, porém, nesse caso, os motivos estão associados a visão da instituição de ensino como um lugar de diversão, encontro e socialização. Nessa perspectiva, de acordo com Dayrell (2007), os espaços físicos da instituição foram transformados em sociais, considerando os significados representados para a jovem. Logo, "a turma de amigos é uma referência na trajetória da juventude: é com quem fazem os programas, “trocam ideias”, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um “eu” e um “nós” distintivos (DAYRELL, 2007, p. 1111). Assim, Andrea afirma que não percebia a escola como um espaço de aprendizagem e sua presença ali estava diretamente relacionada aos momentos passados junto aos colegas.

## V. EXPERIÊNCIAS NAS TRAJETÓRIAS APÓS O ENSINO MÉDIO

Este capítulo apresenta as interpretações sobre as narrativas das jovens egressas do Ensino Médio do município de São Sebastião da Boa Vista, considerando as diferentes trajetórias seguidas e buscando identificar as singularidades das experiências que marcaram as escolhas após essa etapa.

Diante dessa intenção, entendemos que não é possível prever como estaremos daqui a três, cinco ou dez anos. Podemos imaginar ou alimentar expectativas relativas a alguns desejos, mas não dá para saber de fato o que irá acontecer. Assim, para o estudante do último nível da Educação Básica, certas indagações relacionadas ao futuro surgem em forma de preocupação, especialmente quando se trata de moradores de um pequeno município localizado no interior do Estado, com alternativas limitadas para educação, emprego, lazer e outras. No capítulo III desta pesquisa, quando apresentamos o lócus e o corpus da pesquisa indicamos possíveis trajetórias seguidas pelos estudantes boa-vistenses após o Ensino Médio. Respeitando esses percursos, buscamos caracterizá-los, mais detalhadamente, a partir da percepção daquelas que viveram a transição entre a conclusão da Educação Básica e a chegada do momento de tomar decisões.

### 5.1. Persistência, impasses e dificuldades

As participantes desta pesquisa seguiram caminhos diferentes após a conclusão do Ensino Médio. Contudo, apresentam o ponto de partida inicial, marcado na Escola João XXIII, como um aspecto semelhante em suas trajetórias biográficas, embora revelem experiências singulares que nos demanda classificá-las em quatro posições. A primeira, nomeada de “prolongamento estudantil”, é descrita a partir do trecho a seguir:

- 112 Y: O que você fez logo após a saída do Ensino Médio?  
 113 **Andrea:** Eu fiquei cinco anos eu acho que foram cinco anos até eu conseguir entrar  
 114 na faculdade estudando por conta própria em casa (.) fazendo cronograma de Enem  
 115 (.) assistindo videoaulas (.) lendo livros buscando na internet esse tipo de coisa.

Andrea descreve uma trajetória caracterizada a partir da continuidade dos estudos. No trecho em destaque, a jovem afirma que, após a conclusão da Educação Básica, iniciou uma rotina estudantil, “por conta própria”, que durou cerca de cinco anos. Em sua

narrativa, é apresentado os métodos utilizados no intuito de ingressar no Ensino Superior. Nessa perspectiva, a internacionalista buscou auxílio de videoaulas e livros baixados na internet, assim como fez revisão de conteúdo do ENEM.

A interpretação refletida do trecho em destaque revela uma trajetória de longevidade escolar, caracterizada pela continuidade dos estudos após o Ensino Médio. Andrea descreve um período marcado pela persistência diante do desejo de ingressar no Ensino Superior, identificado na frase “eu fiquei cinco anos eu acho que foram cinco anos até conseguir entrar na faculdade”. Esse fragmento indica, também, um percurso estudantil não-linear, pois há um tempo considerável entre a saída da Educação Básica e a aprovação na universidade. Contudo, podemos observar que isso não ocorreu por vontade da jovem, mas possivelmente por deficiências em seu processo de escolarização. No entanto, a internacionalista demonstra que as reprovações nos exames de seleção das universidades não a desmotivaram.

Ciente da necessidade de reforçar os conhecimentos, a fim de obter êxito nos exames das universidades, e das limitações no âmbito educacional do município de São Sebastião da Boa Vista, Andrea estabeleceu uma rotina estudantil em sua residência, na qual revela que estudou “por conta própria”, ou seja, sozinha, através de videoaulas e livros encontrados com o auxílio da internet. Ao afirmar que elaborou um “cronograma do Enem”, indica ter feito uso de uma técnica muito utilizada por estudantes pré-vestibulandos, baseada na revisão de conteúdo das avaliações de anos anteriores. Desse modo, Andrea demonstra que travou uma luta em busca da aprovação na universidade e que obteve sucesso, uma vez que, atualmente, encontra-se formada no Ensino Superior.

A segunda posição, identificada como “rotina de estudo e trabalho”, é caracterizada por narrativas de jovens que demonstram experiências com alguns aspectos semelhantes à trajetória de Andrea, porém, apresentam, também, elementos distintos por não se dirigir ao Ensino Superior. A passagem abaixo revela o percurso seguido por Bete logo após a conclusão dos estudos no Ensino Médio.

35 **Bete:** Quando eu saí do Ensino Médio eu entrei eu comecei a trabalhar como  
36 vendedora de roupa só que mesmo eu trabalhando aqui comecei um curso em Belém  
37 éééé curso técnico em radiologia aí foi que eu vim eu trabalhava aqui e ia pra Belém  
38 estudar foi assim que eu consegui manter ééé o curso lá.

A trajetória biográfica de Bete é caracterizada pela experiência de uma rotina dividida entre estudo e trabalho. A jovem revela que, ao sair do Ensino Médio, começou a atuar como vendedora de roupas e, a partir disso, pôde financiar um curso de qualificação profissional. Na narrativa acima, Bete revela que, empregada no município de São Sebastião da Boa Vista, viajava, frequentemente, para desenvolver as atividades do curso em Belém.

Bete apresenta uma trajetória marcada por determinação, empenho, dedicação e coragem. A sua narrativa demonstra a persistência de uma jovem egressa do Ensino Médio que, ao desejar uma qualificação além da Educação Básica e diante das limitações no município de São Sebastião da Boa Vista, percebeu a necessidade de inventar uma estratégia para financiar um curso técnico. Nessa perspectiva, Bete ingressou no mercado de trabalho e atuou como vendedora de roupas na Ilha de Marajó. Na frase “mesmo eu trabalhando aqui comecei um curso em Belém”, descreve a tática utilizada para adquirir o título de técnica em radiologia, caracterizada pela permanência em seu local de origem com a realização de viagens frequentes para a capital do Estado, no intuito de desenvolver as atividades relacionadas ao curso.

A passagem acima apresenta um impasse vivido por inúmeros estudantes recém-saídos do Ensino Médio: o desejo de prolongar a escolarização e a dificuldade de acessar e/ou permanecer em um curso de qualificação ou formação profissional. Perante essa situação, muitos jovens encaminham-se para o mercado de trabalho a fim de custear os estudos. A trajetória de Bete é um exemplo disso. Para ela, o emprego foi um dos principais elementos que a possibilitou cursar o técnico em radiologia. Contudo, precisamos considerar, ainda, a coragem em dividir o dia a dia entre a região marajoara e a capital do Estado. O fragmento “eu trabalhava aqui e ia pra Belém estudar”, indica muito mais do que uma rotina proporcionada por um emprego flexível, uma vez que comprova a perseverança diante da vontade de qualificar-se profissionalmente, assim como demonstra determinação, tendo em vista as viagens extenuantes e gastos com alimentação e hospedagem. Para além desses fatores, a narrativa de Bete expõe, também, a necessidade de um olhar mais atento sobre o futuro das juventudes boavistenses e a demanda de cursos que atendam aqueles que não dispõem de condições financeiras para subsidiar a vida estudantil em áreas distantes de São Sebastião da Boa Vista.

Apresentando uma trajetória com alguns aspectos semelhantes à Bete, identificamos a narrativa de Janaína. No trecho abaixo, a jovem descreve a experiência vivida após a conclusão dos estudos no Ensino Médio.

41 **Janaína:** Eu (.) fui tentar estudar pro Enem né pra mim passar no ano no outro ano só  
 42 que não consegui (.) porque não=não fui não=não tive grana (2) eu fui pra Belém só  
 43 que eu não tive grana pra me manter não tive grana aí eu tive que voltar (2) aí eu não  
 44 fiz nada durante todos esses anos no caso (2) eu passei 1 ano em Belém eu tentei  
 45 estudar pra eu tentei trabalhar pra estudar mas não consegui porque:: (.) no caso não  
 46 consegui me manter no trabalho e:: estudar porque era muito cansativo (2) aí eu voltei  
 47 (2) e aí eu tô sem fazer é::: um eu tô sem estudar no caso (2) só trabalhando tô  
 48 pensando=tô pensando em estudar mas vai ter que ser de forma a distância porque  
 49 não tem como eu me deslocar no caso pra estudar (2) mas eu tenho=tenho muita  
 50 vontade.

Janaína descreve uma trajetória marcada pela tentativa de continuar os estudos e a dificuldade em conciliá-lo com o trabalho. A jovem afirma que, logo após a conclusão do Ensino Médio, mudou-se para Belém e buscou uma atividade remunerada, a fim de custear a vida estudantil na capital do Estado. Contudo, não se adaptou a rotina exaustiva e retornou à região marajoara no ano seguinte. É importante destacar que, durante a entrevista, Janaína indicou, no questionário, que frequentou o curso de Licenciatura em Pedagogia em uma instituição particular, em São Sebastião da Boa Vista, mas o abandonou, ainda no 1º semestre, ao ter dificuldades para custeá-lo. Assim, ingressou no mercado de trabalho e, até o momento da entrevista, não conseguiu retornar ao curso e prolongar a escolarização. Entretanto, admite o desejo de iniciar a vida acadêmica, de preferência em uma faculdade a distância, tendo em vista os problemas relacionados ao deslocamento.

A interpretação refletida da trajetória narrada por Janaína revela experiências relativas a desejos, tentativas, impasses, percalços e interrupções. A jovem descreve um percurso seguido por uma parcela significativa de estudantes boa-vistenses: a mudança para a capital do Estado no intuito de ingressar no Ensino Superior. Desse modo, após a conclusão da Educação Básica, Janaína buscou dar continuidade aos estudos. A frase “eu (.) fui tentar estudar pro Enem né pra mim passar no ano no outro ano”, indica os planos de preparação, durante um ano, para a avaliação que viabiliza a entrada na universidade. Nesse fragmento, observamos, também, a necessidade de reforçar os conhecimentos antes da submissão a um processo seletivo. Com esse objetivo, a jovem migrou para a capital do Estado.

Em Belém, Janaína viveu algumas adversidades, principalmente relacionadas à rotina. No excerto “eu tentei trabalhar pra estudar mas não consegui porque::: (.) no caso eu não consegui me manter no trabalho e::: estudar”, a jovem revela que, buscou um emprego a fim de financiar a vida em outro município e, assim, poder continuar os estudos, porém, sentiu dificuldades para dividir o dia a dia entre as atividades estudantis e as laborais. Logo, esteve diante de um dilema que impede muitos brasileiros de prolongarem a escolarização: dedicar-se ao estudo ou focar no trabalhar? No entanto, o primeiro fator dependia diretamente do segundo. No caso de Janaína, conciliar a mudança para longe do aconchego familiar com o cotidiano dividido entre trabalho e estudo tornou-se uma tarefa difícil, pois “era muito cansativo”. Então, a jovem indica na frase “não tive grana aí eu tive que voltar” o retorno à São Sebastião da Boa Vista, porém, é possível notar que essa decisão não foi tomada por vontade, mas pela necessidade.

Ao analisarmos a trajetória de Janaína, observamos que há uma semelhança com a de muitos estudantes, principalmente, aqueles oriundos de camadas populares, que necessitam, na maioria das vezes, ingressar no mercado de trabalho para financiar um curso de formação ou qualificação profissional. Diante da dificuldade de conciliar a rotina que se torna extenuante, há quem interrompa os estudos e foque somente na atividade remunerada, com o intuito de, um dia, em uma situação financeira mais estável, retomar a vida estudantil. As experiências vividas por Janaína comprovam essa realidade. O prolongamento da escolarização ainda é um desejo estimado, observado no fragmento “eu tenho=tenho muita vontade”. Entretanto, empregada no município de São Sebastião da Boa Vista, a jovem demonstra a compreensão das limitações identificadas na região, logo, na frase “tô pensando=tô pensando em estudar mas vai ter que ser de forma a distância porque não tem como eu me deslocar”, revela a intenção de prolongar os estudos para além da Educação Básica, considerando, a priori, uma faculdade na modalidade a distância, tendo em vista a impossibilidade de mudança.

A terceira posição, identificada como “constituição familiar”, apresenta a narrativa de uma trajetória que se difere das demais participantes deste estudo. Maria descreve um caminho de novas experiências, marcadas, especialmente, pela maternidade. A jovem resume o percurso até aqui da seguinte maneira:

111 **Maria:** Eu viajei (2) eu formei família (4) eu (2) trabalhei (2) construí minha casa  
 112 construí uma vida na verdade porque foi bastante tempo né até eu comecei a  
 113 faculdade tem uns dois anos se eu não me engano eu meu filho já eu já tinha filho  
 114 quan- quando eu voltei a estudar eu até resolvi estudar antes aí eu engravidei e não  
 115 tinha como meu filho era pequeno falei não vou adiar mais dois anos quando ele  
 116 cresceu um pouquinho mais eu voltei.

No trecho acima, a trajetória após a conclusão da Educação Básica é caracterizada por uma série de mudanças que influenciaram diretamente na vida particular e estudantil de Maria. A jovem apresenta um aspecto singular, dentre as demais entrevistadas: a experiência com a maternidade. Em sua narrativa, a universitária descreve um percurso relacionado a viagens, constituição familiar, trabalho, além da aquisição de uma residência. No entanto, ao completar o questionário, assim como em outro momento da entrevista, Maria indicou a mudança para Belém, logo após o Ensino Médio, onde frequentou um curso preparatório para o vestibular por poucos meses, porém, alguns impasses a obrigaram a retornar à São Sebastião da Boa Vista. Algum tempo depois, a jovem planejou buscar, mais uma vez, o prolongamento da escolarização no Ensino Superior, mas interrompeu os estudos, devido a gravidez, retomando-os após dois anos do nascimento da criança.

A trajetória de Maria revela aspectos diferentes daquelas narradas pelas demais participantes deste estudo, porém, por outro lado, se assemelha a percursos seguidos por inúmeras jovens boa-vistenses. Maria descreve a experiência com viagens e o ingresso no mercado de trabalho, mas a ênfase é dada à constituição familiar, especialmente à gravidez e ao nascimento do filho. Para ela, há um longo período entre a saída do Ensino Médio e o ingresso na universidade. É importante destacar que o intervalo referido diz respeito a aproximadamente cinco anos. Assim, na frase "construí uma vida na verdade porque foi bastante tempo" a jovem demonstra que o fato de ter formado uma família com filho, adquirido uma casa, em um tempo relativamente normal, considerando os costumes da população de São Sebastião da Boa Vista, bem como todas as responsabilidades obtidas a partir dessas vivências, percebe um espaço de tempo muito maior.

Na passagem em destaque, Maria descreve a tentativa de continuar a vida estudantil, após a conclusão da Educação Básica. O fragmento "eu até resolvi estudar antes aí eu engravidei e não tinha como meu filho era pequeno" aponta a maternidade como o principal motivo para a interrupção dos estudos. Essa narrativa demonstra,

também, as dificuldades enfrentadas por jovens mulheres que, ao se tornarem mães, muitas vezes, necessitam abdicar de alguns planos e sonhos

No caso de Maria, identificamos uma suspensão temporária da carreira acadêmica, provavelmente pela ausência de apoio, por não ter com quem deixar o filho, pela preocupação ou falta de confiança e, mais ainda, pelo aumento das responsabilidades e desafios. A universitária demonstra ter postergado o prolongamento da escolarização mais de uma vez, pois na frase “falei não vou adiar mais dois anos”, admite que decidiu aguardar, de novo, para buscar um curso de graduação. Assim, através do excerto “quando ele cresceu um pouquinho mais eu voltei”, observamos que, após quase cinco anos da conclusão do Ensino Médio, Maria iniciou o Ensino Superior.

Por fim, a quarta e última posição, denominada “dilemas, desejos e planos” apresenta uma narrativa que aponta diversos aspectos relacionados à vida pessoal, estudantil, familiar, entre outros. Representada por Carolina, trata-se de uma trajetória contada em detalhes tão significativos que sentimos a necessidade de dividir as interpretações em três momentos. No trecho abaixo, a jovem descreve o início do percurso após a conclusão da Educação Básica.

38 **Carolina:** Eu terminei em 2020 e aí tipo pensei assim ah eu vou descansar o ano que  
 39 vem e eu vou pensar em coisas depois eu não vou pensar eu tô cansada dessa coisa  
 40 (tipo) eu=eu=eu quero trabalhar primeiro aí eu quero ter um dinheiro e eu não vou  
 41 fazer faculdade é::: pública porque eu acho muito cansativo eu pensei comigo assim  
 42 é eu acho muito cansativo porque::: eu já parece que não tinha resultado pra mim  
 43 sabe parece que eu queria trabalhar porque eu achava que era muito mais produtivo  
 44 porque assim por exemplo meus pais (2) eles nunca se tipo assim eles sempre falaram  
 45 é:: olha eles são evangélicos falavam assim olha vocês têm que ir pra igreja vocês  
 46 têm que se esforçar toda uma questão assim vocês têm que se esforçar na igreja tipo  
 47 assim deixavam assim essa parte de estudo de lado sabe aí meio que isso me  
 48 entristecia um pouco porque eu pensava caramba parece que eles só pensam em=em  
 49 sabe em=em vida espiritual mas eles não pensam tanto na material e isso me deixava  
 50 meio chateada aí talvez por isso eu tenha deixado um pouco dessa coisa de estudar  
 51 de lado.

A trajetória biográfica de Carolina é caracterizada a partir de alguns aspectos específicos. Nessa passagem, inicialmente, observamos a descrição de um pensamento acerca dos planos para a vida após a conclusão da Educação Básica. A jovem indica projetos relacionados a uma temporada de descanso, porque considera a necessidade de relaxar, tendo em vista a vivência de um período extenuante; assim como a inserção no mercado de trabalho, pois entende que seria “muito mais produtivo”; e, por fim, a ideia de ingresso no Ensino Superior em uma faculdade particular, em razão de acreditar que

o estudo na universidade pública é “muito cansativo”. Em seguida, Carolina revela o descontentamento sobre a postura dos pais diante da escolarização. Para ela, sempre houve uma importância maior dada à religião, logo, discursos como “vocês têm que se esforçar na igreja”, demonstravam, na percepção da jovem, a supervalorização da espiritualidade e o desinteresse pela vida material, situação que a entristecia bastante. De acordo com Carolina, a ausência de incentivos, especialmente, por parte da família, colaborou para a disposição da escola em um segundo plano.

Carolina concluiu a Educação Básica e, como a maioria dos estudantes, viveu alguns dilemas relativos à desejos, planos, relacionamentos, entre outros. Na passagem em destaque, podemos identificar a descrição de uma pessoa exausta que narra a trajetória, inicialmente, a partir de um pensamento, no qual um dos primeiros passos está relacionado a uma temporada para relaxar. Desse modo, a frase “pensei ah eu vou descansar o ano que vem e eu vou pensar em coisas depois eu não vou pensar eu tô cansada”, indica certo desgaste em ser uma jovem, recém-saída do Ensino Médio, que viveu uma rotina estudantil intensa. Carolina não considera a necessidade imediata da continuidade dos estudos, logo, o segundo projeto refletido diz respeito ao ingresso no mercado de trabalho. O fragmento “eu quero trabalhar primeiro aí eu quero ter um dinheiro”, revela a preferência por atividades remuneradas, pois “achava que era muito mais produtivo”, fato que demonstra a crença em um retorno financeiro mais rápido.

Ainda narrando a trajetória a partir dos pensamentos acerca dos planos para a vida após o Ensino Médio, Carolina admite que a ideia de prolongar a escolarização no Ensino Superior não foi dispensada. Todavia, no fragmento “eu não vou fazer faculdade é:: pública porque eu acho muito cansativo”, compreende a universidade pública como uma instituição exigente nos aspectos formativos, logo, indica o receio de vivenciar, novamente, uma rotina árdua de estudos. Nessa perspectiva, na frase “parece que não tinha resultado pra mim sabe parece que eu queria trabalhar”, demonstra a preocupação com o desejo de ingressar no mercado de trabalho e uma possível necessidade de conciliar o dia a dia com as atividades estudantis e laborais. Após essa reflexão dos projetos elaborados, a jovem destaca fatores associados ao apoio da família. Para ela, o fato de ter “deixado um pouco dessa coisa de estudar de lado”, está relacionado, também, à postura dos pais diante da escolarização. No excerto “eles sempre falaram é:: olha eles são evangélicos falavam assim olha vocês têm que se esforçar na igreja”, Carolina

expressa o descontentamento com a conduta apresentada por seus genitores perante a supervalorização da religião e o desinteresse sobre os assuntos educacionais. Segundo a sua percepção, “parece que eles só pensam em=em sabe em=em vida espiritual mas eles não pensam tanto na material”, situação que a entristece.

No trecho em destaque, Carolina apresenta uma trajetória caracterizada por cansaço, desejos, planejamentos e incertezas. Podemos observar que a jovem demonstra estar fadigada, mas a exaustão não se refere apenas a rotina estudantil encerrada há pouco tempo. Além dessa, observamos um sentimento relacionado à ausência de incentivo e apoio moral e psicológico, à decepção e ao desejo de ter alguém que a auxiliasse diante das angústias e questionamentos. Na passagem a seguir, Carolina descreve as marcas de sua experiência de forma mais detalhada. Vejamos:

52 **Carolina:** Eu sempre pensava assim eu tinha uma amiga que a mãe dela obrigava ela  
53 a fazer curso aí ela falava ah a mamãe me obriga e eu (.) eu não quero eu não quero  
54 ainda fazer isso eu quero fazer outras coisas primeiro aí: eu ficava pensando caramba  
55 eu queria que a mamãe me obrigasse a fazer essas coisas porque eu queria sabe ter  
56 alguém que eu visse que tava se importando comigo por mais assim que fosse por  
57 mais assim que eu ficasse chateada ah a minha mãe me obriga o meu pai me obriga  
58 mas assim eu queria ter aquela experiência assim não meus pais querem sabe  
59 querem que eu me forme e nunca isso foi falado muito aqui em casa tanto é que se tu  
60 perguntar pros meus outros irmãos eles vão te responder eles sempre preocuparam  
61 com=com a gente mas não com a parte de estudo sabe com a parte sempre assim de  
62 educar mas não assim muito acho que talvez porque eles tiveram uma vida assim bem  
63 difícil no início né aí eu não sei se isso influenciou no=na criaç- na=na assim no=no  
64 pensar deles sobre criar um filho e aí desde então eu fiquei na verdade eu nunca parei  
65 assim muito pra analisar pra falar eu sempre assim ficava assim eu não queria muito  
66 falar sobre isso porque eu pensava assim que qualquer pessoa que eu conhecia  
67 sempre me dizia ah ou a minha mãe vai pagar uma faculdade ou a minha mãe sempre  
68 me=me impulsiona a fazer alguma coisa aí eu pensava assim não a minha família  
69 parece que nunca teve nunca foi muito interessada aí talvez por isso aí eu sempre  
70 pensei não como meu pai sempre trabalhou muito desde jovem né aí eu pensei não  
71 eu vou seguir também eu vou primeiro trabalhar e nessa coisa de trabalhar.

Ao refletir sobre a trajetória após a Educação Básica, Carolina enfatiza a relação familiar diante da escolarização. Inicialmente, utiliza o exemplo de uma amiga para afirmar que, assim como ela, gostaria de ser cobrada, por parte dos pais, quanto a aspectos referentes aos estudos, pois seria uma maneira de demonstrar que se importam com a vida e futuro da filha. Nessa perspectiva, a jovem admite o desejo de poder dizer “meus pais querem sabe querem que eu me forme”, mas revela que o ensino escolar nunca foi uma questão discutida em sua residência, embora reconheça a preocupação desses acerca do bem-estar dos filhos. Para ela, as dificuldades enfrentadas por seus genitores durante um certo período, influenciaram na percepção sobre a educação de

uma criança. Podemos observar que esse assunto envolve uma experiência tão particular e repleta de significados que Carolina não gosta de conversar a respeito, porém, acredita que a ideia de ingressar no mercado de trabalho após a conclusão do Ensino Médio é resultado, também, do percurso experienciado, especialmente, por seus pais.

No trecho acima, há uma narrativa que expõe alguns conflitos vividos por uma jovem moradora de um pequeno município do interior do estado do Pará, mas é provável que caracterize, também, a experiência de juventudes de outras regiões. Carolina descreve o relacionamento com os pais e apresenta fatores que colaboraram para a ausência de diálogos sobre determinados assuntos, especialmente no que se refere a carreira estudantil. A jovem admira a postura da mãe de sua amiga diante da preocupação com o futuro da filha, a qual pressiona para que realize cursos, e admite “eu queria que a mamãe me obrigasse a fazer essas coisas porque eu queria saber ter alguém que eu visse que tava se importando comigo”, indicando o desejo de receber apoio para executar projetos relativos à qualificação e/ou formação profissional. Essa frase revela, ainda, o descontentamento com a indiferença dos pais perante a educação escolar, assim como o sentimento de solidão e desamparo. Para além dessas interpretações, demonstra a angústia de uma jovem que tem vontade de prolongar os estudos no Ensino Superior, mas sofre com a ausência de incentivo, orientação e, principalmente, reconhecimento familiar, confirmado no excerto “eu queria ter aquela experiência assim não meus pais querem saber que eu me forme”, em que aponta o desejo de poder falar sobre as perspectivas de outrem para com a sua carreira estudantil e profissional.

Ao analisar a trajetória de Carolina, através da passagem em destaque, identificamos que há uma ênfase dada a diferentes aspectos, mas a postura dos pais diante da carreira acadêmica é o que influencia em toda a experiência narrada. A jovem revela que o ensino escolar nunca foi tema das conversas em família e, na frase “eles sempre preocuparam com a gente mas não com a parte de estudo sabe”, admite a atenção e o cuidado concedido ao bem-estar dos filhos, mas, também, o menosprezo com a escolarização. Todavia, embora demonstre um olhar entristecido sobre o comportamento da família acerca desse assunto, no fragmento “talvez porque eles tiveram uma vida assim bem difícil no início né aí eu não sei se isso influenciou na criação assim não no pensar deles sobre criar um filho”, aponta uma possível

justificativa para tal conduta. Carolina acredita que o desinteresse dos pais pela educação é resultado das dificuldades vividas no passado. Por um lado, a jovem busca compreendê-los, mas não invalida os efeitos ocasionados por essa situação, logo, afirma, apenas que evita falar a respeito das impressões.

Diante dessa interpretação, lembramos que Carolina é uma jovem de família bastante humilde, liderada por pessoas que não concluíram a Educação Básica por diversos fatores, dentre eles, possivelmente, a carência de oportunidades e a necessidade de priorizar outras áreas da vida. Contudo, precisamos considerar que, apesar de não incentivarem, através de palavras, a dedicação à escola e crença na carreira estudantil, seus pais exerceram os papéis de responsáveis, a partir da realização da matrícula da filha, compra de material didático, uniformes, assim como a acordaram inúmeras vezes e se preocuparam para que não faltasse às aulas. Desse modo, entendemos que, de alguma forma, percebiam na educação um caminho de possibilidades, logo, talvez essa seja uma linguagem que, até o presente momento, não foi percebida pela filha.

Para Carolina, a postura familiar a influenciou na percepção sobre a carreira estudantil. No excerto “como meu pai sempre trabalhou muito desde jovem né aí eu pensei não eu vou seguir também eu vou primeiro trabalhar”, a jovem resume o percurso de vida do pai, a partir da dedicação exclusiva às atividades remuneradas, e admite o plano de seguir o mesmo caminho, ingressando no mercado de trabalho. Esse projeto, e outras reflexões, são descritos, ainda, ao concluir a narrativa acerca da sua trajetória após o Ensino Médio, na passagem abaixo:

81 **Carolina:** Então eu penso mas no momento o meu foco é mais trabalho acho que por  
82 essa questão de:: (2) não sei também sentimento de incapacidade de ver as coisas  
83 como elas são e ver que não era assim como eu imaginei que fosse que é sempre foi  
84 bem difícil assim acho que é mais um (2) uma coisa assim de não se sentir encorajada  
85 a fazer acho que é meio que falta de um empurrão não que eu não queira eu não sei  
86 se é um pensamento muito ah tem aquela coisa quem quer corre atrás né mas eu não  
87 sei talvez seja um pouco disso ou não sei se preguiça mesmo se é uma coisa que não  
88 me foi dada desde que eu era criança ou se eu sempre fui preguiçosa mesmo não  
89 sei@.

Carolina conclui a narrativa descrevendo o plano de ingressar no mercado de trabalho. Para ela, esse projeto é resultado, também, da percepção sobre a vida em diferentes contextos, além das dificuldades que observa. A jovem demonstra carregar um “sentimento de incapacidade” associado ao de “não se sentir encorajada”, bem como ao

desejo de ter alguém que a incentive e ajude diante das dúvidas e incertezas. No trecho acima, Carolina levanta diversas hipóteses para explicar e justificar a sua situação atual: jovem recém-saída do Ensino Médio que não estuda nem trabalha, e acredita que seja uma consequência relacionada, também, à preguiça.

A narrativa de Carolina comprova alguns conflitos vividos pelas juventudes nesse período marcado pela chegada do momento de fazer escolhas. A jovem entende a situação em que se encontra e até deseja algo além da Educação Básica, mas indica fatores que impossibilitaram certos movimentos. Diante dos impasses observados, Carolina admite o plano inicial relacionado ao ingresso no mercado de trabalho. A frase “acho que por essa questão de: (2) não sei também sentimento de incapacidade de ver as coisas como elas são e ver que não era assim como eu imaginei que fosse”, demonstra a percepção de uma estudante recém-saída do Ensino Médio, que se deparou com dificuldades no percurso após essa etapa e, sem apoio, precisou aceitar, a princípio, um futuro parecido com o de seus pais; expõe, também, o resultado de uma autoestima abalada por tal experiência, logo, acredita não ser capaz de alcançar uma vida diferente; além dessas interpretações, é possível reconhecer a descrição de uma pessoa com vontade de buscar outras oportunidades, no entanto, a falta de incentivo e suporte se tornou um impedimento.

O percurso seguido por Carolina após o Ensino Médio não tem sido tão fácil. É uma trajetória repleta de impedimentos, dúvidas, embora revele desejos e planos. Diante dessas experiências, mesmo que em um curto intervalo de tempo, considerando o período vivido desde a conclusão dos estudos até o presente momento, a jovem demonstra que vem lutando, aparentemente sozinha, mas sofre com a ausência de apoio, incentivo e orientação. Carolina afirma “não se sentir encorajada” e acredita que o cenário vivido atualmente talvez seja resultado da “falta de um empurrão”, apesar de não rejeitar a ideia de estar relacionada, também, à preguiça. Por fim, Carolina é uma jovem que ambiciona um futuro diferente, mas, antes de tudo, anseia por alguém a quem confiar seus medos, que dê suporte e auxilie na busca por seus objetivos. Em síntese, Carolina deseja novas experiências, mas precisa ter a certeza de que, perante as dificuldades no caminho, poderá encontrar ajuda e conforto, ao lado dos pais, para repor as energias e recomeçar, quantas vezes forem necessárias.

## 5.2. Balanço das trajetórias

Neste capítulo, analisamos as narrativas das jovens boa-vistenses, buscando identificar as singularidades das experiências nas trajetórias biográficas que marcaram as escolhas realizadas após a conclusão do Ensino Médio, no município de São Sebastião da Boa Vista. Desse modo, os percursos seguidos pelas entrevistadas revelam uma série de experiências repletas de sentidos e significados, logo, encontramos aspectos que constituem quatro posições: a primeira, representada por Andrea, se refere ao prolongamento da escolarização; a segunda, definida por Bete e Janaína, expõe uma rotina dividida entre estudo e trabalho; a terceira, caracterizada por Maria, indica fatores relacionados a formação familiar; e a quarta, descrita por Carolina, demonstra ideias pertinentes a conflitos e anseios.

Na primeira posição, identificada como “prolongamento estudantil”, Andrea descreve a trajetória vivida entre a Educação Básica e o ingresso no Ensino Superior. Ao concluir o Ensino Médio, a jovem permaneceu no município de São Sebastião da Boa Vista e buscou reforçar os conhecimentos para os exames de seleção das universidades, logo, criou uma rotina de estudos, por conta própria, na qual debruçou-se entre livros e videoaulas, a fim de revisar os conteúdos. Andrea relata um período marcado por dedicação e empenho, considerando que “entre a decisão de prestar o vestibular e o momento de inscrição há um longo caminho a ser percorrido, acompanhado de um grande investimento pessoal” (ZAGO, 2006, p. 230), porém, “diante da relação altamente competitiva por uma vaga na universidade pública, o acesso ao Ensino Superior nestas instituições representa, para o estudante, um grande desafio” (ZAGO, 2005, p. 4). Desse modo, apesar de não expor tantos detalhes acerca da experiência na época, Andrea demonstra ter vivenciado alguns impedimentos, uma vez que foi aprovada, apenas, após cinco anos.

Andrea é uma estudante oriunda de escola pública do interior do estado do Pará que, ao concluir a Educação Básica, buscou o prolongamento da escolarização, porém, conforme Weller (2014), “o percurso dos que desejam ingressar na universidade bem como dos que esperam encontrar um emprego com carteira assinada logo após a conclusão do Ensino Médio nem sempre ocorre de forma linear” (p. 144). A jovem entrevistada é um exemplo dessa realidade, pois entre a saída do Ensino Médio e a aprovação no Ensino Superior houve um intervalo de cinco anos. Durante esse período,

Andrea tentou alcançar uma vaga em instituições públicas, entretanto, não obteve sucesso, logo, optou por cursar uma faculdade particular. Assim, a narrativa de Andrea se trata de uma trajetória de persistência, marcada pelo desejo de ingressar no Ensino Superior, e lutas travadas com as exigências de conteúdos, reprovações, vagas limitadas e inúmeros outros aspectos que impediam a concretização do seu objetivo. Para além dessa análise, pertence a uma jovem que, apesar das dificuldades, não desistiu de prolongar os estudos e driblou todos os desafios para hoje ser bacharela em Relações Internacionais.

A segunda posição, denominada de “rotina de estudo e trabalho”, é caracterizada por trajetórias biográficas relacionadas a um cotidiano dividido entre atividades estudantis e laborais. Ao concluir o Ensino Médio, Bete conseguiu um emprego e pôde custear as despesas com a formação profissional, por meio de um curso técnico. Janaína também buscou uma atividade remunerada, mas seu intuito era o de financiar os gastos com a preparação para os exames admissionais das universidades. Logo, constatamos que ambas se encaminharam, de forma imediata, para o mercado de trabalho em função de uma necessidade, da “urgência enquanto problema; ou seja, o sentido do trabalho seria antes o de uma demanda a satisfazer” (GUIMARÃES, 2004, p. 12). No caso de Bete, a jovem permaneceu no município de São Sebastião da Boa Vista, trabalhando na área comercial, e realizava viagens frequentes para Belém, a fim desenvolver as atividades do curso. Em contrapartida, Janaína mudou-se para a capital do Estado e tentou trabalhar e estudar, porém, “conciliar a dupla condição de estudante e trabalhador é fator decisivo no desafio da escolarização” (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 1441), então, diante de algumas dificuldades, principalmente relacionadas ao cansaço e ao fator financeiro, Janaína se viu obrigada a retornar para a região marajoara.

Bete e Janaína apresentam uma trajetória caracterizada por continuidades, impasses e adiamentos. Após a Educação Básica, ambas desejaram o prolongamento dos estudos, seja por meio de uma formação técnica ou acadêmica. Entretanto, no caso de Janaína, algumas dificuldades impediram a concretização do plano. Atualmente, a jovem trabalha como funcionária pública no município de São Sebastião da Boa Vista e realiza outras atividades para complementar a renda. Diante dos obstáculos vividos em Belém, optou por priorizar o emprego, mas não despreza o interesse em obter formação no Ensino Superior, logo, a retomada da vida estudantil pode estar associada aos

sentidos atribuídos ao “processo de escolarização e que estão relacionados a projeções futuras e reformulações de projetos de vida” (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 1450). Bete, em outro momento, também indicou a vontade de cursar uma graduação. A jovem concluiu o curso técnico em radiologia, mas nunca exerceu a função, permanecendo como vendedora na mesma loja que viabilizou o financiamento da sua qualificação profissional.

Por fim, Bete e Janaína apresentam trajetórias que se relacionam, seja pelo ingresso imediato no mercado de trabalho, por viver distintos obstáculos para manter-se na capital do Estado ou pelo desejo de uma formação acadêmica. Ambas são jovens egressas do Ensino Médio boa-vistenses que, diante das limitações no município de São Sebastião da Boa Vista, tentaram buscar oportunidades em outra área, driblando dificuldades, impedimentos e sonhando com um futuro diferente; são mulheres que anseiam pela inserção no Ensino Superior e demonstram força e persistência cotidianamente, dedicando-se ao trabalho com o intuito de, um dia, poder retomar a vida estudantil e financiar um percurso de longevidade escolar.

A terceira posição, nomeada como “constituição familiar”, é definida por uma trajetória caracterizada a partir de aspectos relacionados a maternidade. A narrativa de Maria aponta, inicialmente, uma interrupção dos estudos, após a conclusão da Educação Básica. A jovem conta que viveu experiências relativas a viagens, trabalho e ao decidir iniciar um curso de graduação, descobriu que estava grávida. Diante das novas responsabilidades, optou por adiar o prolongamento da escolarização. Assim, de acordo com Urpia e Sampaio (2011) a chegada de uma criança na vida de mulheres que buscam carreira acadêmica traz alguns desafios, especialmente relacionados a necessidade de conciliar maternidade e estudo. Desse modo, “são muitas as demandas acadêmicas que competem com as demandas rotineiras da maternagem: alimentar, cuidar, brincar, levar para a creche etc” (URPIA; SAMPAIO, 2011, p. 159). Como podemos observar, Maria priorizou o nascimento do filho, mas não desconsiderou a ideia de ingresso no Ensino Superior.

A narrativa de Maria nos faz refletir sobre a obrigação de escolher entre maternidade e carreira profissional, especialmente nos primeiros anos de vida da criança. Há mulheres que conseguem permanecer na faculdade durante o período de gestação e retornar logo após o nascimento do filho, porém, precisamos considerar que,

possivelmente, contam com uma rede de apoio garantindo a tranquilidade enquanto desenvolvem as atividades acadêmicas. No caso de Maria, é provável que a escolha pelo adiamento da graduação tenha ocorrido devido à ausência de suporte nos meses iniciais da nova rotina, mas também à insegurança em deixar o primogênito nas mãos de terceiros. Em seu relato, a jovem afirma que suspendeu temporariamente a escolarização, desejando iniciar um curso de graduação somente quando o filho completasse, no mínimo, dois anos de idade. Segundo Bitencourt (2017), “a vida acadêmica exige tempo e dedicação, logo conciliar essa fase com os cuidados dos filhos pode ocasionar a construção de diversos dilemas” (p. 11). Assim, Maria pode ter ponderado isso e muitos outros aspectos até decidir que se dedicaria exclusivamente a maternidade, deixando a carreira em segundo plano.

Diante dessa análise, entendemos que se trata da trajetória de uma jovem que, ao se tornar mãe, sentiu necessidade de interromper os planos para se dedicar a maternidade, mas não desprezou a ideia de retomá-los, assim que possível. Maria, atualmente, é acadêmica do curso de Ciências Contábeis e concilia uma rotina dividida entre o filho, os estudos, as atividades domiciliares, o trabalho com a sua loja virtual e o cuidado de si mesma; é uma jovem “dividida entre ser uma profissional competente e corresponder ao que ainda se espera de uma mulher como mãe” (AMAZONAS; VIEIRA; PINTO, 2011, p. 323). Por fim, Maria é um retrato da mulher brasileira, que, apesar das dificuldades, viu na educação uma forma de mudar o rumo da sua vida e proporcionar um futuro melhor para o filho.

A quarta e última posição, definida como “dilemas, desejos e planos”, descreve a trajetória biográfica de uma jovem recém-saída do Ensino Médio que, em pouco tempo, viveu experiências repletas de significados particulares. Carolina revela que concluiu a Educação Básica no ano de 2020 e sentiu necessidade de descansar por um período, tendo em vista a rotina extenuante vivida nos últimos anos. A jovem expõe o percurso seguido até o presente momento a partir da indicação de planos, dentre eles a busca por um emprego, o qual aparece como projeto central em sua vida, uma vez que os outros serão possíveis, apenas, após a estabilidade financeira. Nessa perspectiva, ao optar por esse caminho, Carolina considerou a percepção sobre algumas situações recentes, bem como a trajetória seguida pelo pai. Logo, uma atividade remunerada seria um meio de

subsistência da necessidade, mas também a busca pela independência e autonomia, assim como o valor atribuído por seu genitor (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015).

Além desse projeto, Carolina demonstra o interesse em prolongar a escolarização a partir de uma formação no Ensino Superior, porém, aponta a ausência de incentivo familiar como um dos fatores que a desmotivam. De acordo com Lahire (1997), “o apoio moral, afetivo, simbólico se mostra tanto mais importante quanto sejam pequenos os investimentos familiares” (p. 172) e, diante do relato da jovem, compreendemos que, para ela, muito antes do suporte financeiro, há o desejo de dispor de encorajamento e impulso, principalmente por parte dos pais. No entanto, “os adultos da família, às vezes, vivem numa relação humilde com a cultura escolar” (LAHIRE; 1997, p. 172). É o caso de Carolina que, durante todo o percurso estudantil, percebeu o olhar desatento dos seus genitores, observando um desprezo pela carreira escolar e priorização de outras áreas da vida. Contudo, acredita que tal postura seja um reflexo das dificuldades enfrentadas no passado.

A narrativa de Carolina expõe os dilemas vividos por uma ex-estudante que, no momento, não estuda nem trabalha, mas tem perspectivas relacionadas tanto a empregos quanto a vida acadêmica. A jovem demonstra um olhar descontente sobre a sua condição atual e, apesar de apontar projetos, apresenta-se insegura ao refletir sobre a possibilidade de concretizá-los. Para ela, a ausência de uma pessoa que fortaleça suas ambições e a incentive na busca por novas experiências se torna uma barreira. Diante dessa interpretação, precisamos considerar que Carolina concluiu a Educação Básica no início da pandemia do Novo Coronavírus, logo, é provável que a incerteza quanto ao futuro, bem como a indecisão e os inúmeros problemas ocasionados por essa doença tenham abalado, também, a sua percepção sobre a vida, logo trata-se de uma jovem que tem como base suas características pessoais, mas também as informações, experiências e oportunidades proporcionadas pela família e cenário em que vive, portanto, “os contextos diferenciados ampliam ou restringem as possibilidades e definem vulnerabilidades diferenciadas” (CAMARANO et al, 2004, p. 6).

## VI. DIFICULDADES E IMPEDIMENTOS: AS EXPERIÊNCIAS APÓS O ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, apresentamos a interpretação dos segmentos narrativos das jovens boa-vistenses, nos quais buscamos identificar os fatores que dificultaram ou impediram o prolongamento dos estudos após o Ensino Médio no município de São Sebastião da Boa Vista.

Diante das narrativas destacadas até aqui, podemos afirmar que as jovens boa-vistenses, ao concluírem a Educação Básica, desejaram prolongar os estudos no Ensino Superior. Observamos, também, que a deficiência na área educacional do município de São Sebastião da Boa Vista é apenas um dos muitos problemas enfrentados pelas entrevistadas, assim como constatamos que a situação atual de algumas não é exatamente aquela planejada enquanto estudantes. A partir dessa interpretação, compreendemos que as experiências apresentadas nesta pesquisa tratam-se de histórias repletas de sentidos e significados; de lutas travadas em busca da concretização de um projeto; da necessidade de fazer escolhas e traçar estratégias perante um obstáculo; da tristeza de abandonar um sonho, dentre tantos outros aspectos que caracterizam a realidade de diversas juventudes.

### 6.1. Desafios para continuar estudando

Nesse sentido, os percursos seguidos pelas jovens boa-vistenses após o Ensino Médio revelam experiências particulares, mas também demonstram aspectos que se assemelham uns aos outros no que se refere a alguns obstáculos e impedimentos para prolongar a escolarização. Assim, classificamos as narrativas das entrevistadas em três posições. A primeira, denominada “dificuldades econômicas”, é descrita a partir do trecho abaixo:

39 **Y:** Você teve dificuldade para continuar os estudos?  
 40 **Bete:** As dificuldades foram muitas muitos perrengues na casa de outras pessoas é:::  
 41 ((Começou a chorar de novo, mas continuou falando)) dificuldades pra viajar (7) falta  
 42 de dinheiro a:: é::: perai tô nervosa (9) em relação as viagens é o custo muito alto (2)  
 43 é::: agora lá em morar na casa dos outros a dificuldade de (6) ((choro)) as dificuldades  
 44 foi de não ter onde dormir direito de não ter como estudar direito de comer de não  
 45 comer direito (5) é::: escolher entre estudar ou comprar comida (10) ((choro)) acho  
 46 que é isso.

Nessa passagem, Bete relata diferentes obstáculos enfrentados na tentativa de prolongar os estudos após a Educação Básica. Em sua narrativa, é enfatizado dois elementos principais: a moradia em casas alheias e a situação financeira. No que se refere ao primeiro, Bete viveu dificuldades ao hospedar-se com outra família, em um município distante de São Sebastião da Boa Vista. Para ela, foi um período complicado, especialmente, por não ter um espaço tranquilo para dormir e estudar. Em relação ao segundo fator, a jovem destaca problemas relativos aos custos com viagens, alimentação, entre outros aspectos relativos à vida distante do Marajó. Além desses empecilhos, observamos que, em outros momentos da entrevista, Bete justifica a escolha de uma qualificação por meio de um curso técnico, apontando o valor da mensalidade como fator principal e motivador, uma vez que, na época, era o que conseguiria financiar. Desse modo, mais uma vez, a situação financeira se mostra como impedimento de uma possível trajetória de longevidade escolar.

Como vimos no capítulo anterior, ao concluir o Ensino Médio, Bete buscou formação profissional por meio de um curso técnico em Belém, mas permaneceu residindo em São Sebastião da Boa Vista e realizava viagens frequentes para desenvolver as atividades do curso. No trecho em destaque, podemos observar uma jovem ainda bastante sensibilizada com todas as experiências vividas nesse período. As lembranças acerca dos problemas enfrentados no percurso estudantil, após a Educação Básica, são carregadas de sentimentos tristes, logo, Bete relata, entre choros e emoções, diferentes dificuldades, dentre elas, a estadia “na casa de outras pessoas”. Oriunda do interior do Estado, a jovem precisou hospedar-se com famílias alheias na capital e isso, possivelmente, foi o primeiro de muitos empecilhos em sua trajetória. Na frase “as dificuldades foi de não ter onde dormir direito de não ter como estudar direito”, expõe a realidade de uma estudante que sofreu com a ausência de uma moradia com o mínimo de conforto para aliviar o estresse do dia a dia, considerando o cotidiano extenuante dividido entre trabalho, viagens e estudo. Bete demonstra o descontentamento em não dispor de uma residência que atendesse as suas necessidades estudantis e particulares.

A narrativa acima revela alguns obstáculos enfrentados por inúmeros jovens que desejam prolongar a escolarização e necessitam migrar para áreas que disponibilizem formação técnica e/ou superior, devido às limitações no município de origem. No caso de Bete, a estadia na capital foi um período sofrido, marcado por problemas relacionados à

moradia, alimentação e outros fatores que dificultaram a sua formação estudantil e profissional. A jovem lembra, com bastante tristeza, de momentos em que precisava “escolher entre estudar ou comprar comida”, bem como dos gastos frequentes nas viagens com “custo muito alto”. Essas situações são constantes na trajetória de muitos estudantes boa-vistenses que, no intuito de viver experiências diferentes e buscar oportunidades melhores, saem de São Sebastião da Boa Vista e deparam-se com uma realidade árdua e cruel. Diante de tantos obstáculos, há aqueles que insistem, pelem e brigam pela permanência na capital, a fim de concluir o projeto elaborado. No entanto, uma parcela significativa se vê obrigada a abandonar o sonho e retornar à casa dos pais, onde deverão traçar novos planos e segui-los, ali mesmo. No caso de Bete, foi possível concluir o curso técnico em radiologia, mas o desejo de obter formação no Ensino Superior ainda permanece entre seus objetivos, embora como meta futura.

Nessa posição, também identificamos, em trechos destacados anteriormente, a experiência narrada por Janaína. A jovem descreve a mudança para a capital do Estado, no intuito de preparar-se para o vestibular. No entanto, para custear a vida em Belém precisaria trabalhar, logo, sentiu dificuldades para conciliar uma rotina dividida entre atividades estudantis e laborais. Desse modo, a situação financeira é percebida como um fator que a impediu de prolongar a escolarização, uma vez que, sem a possibilidade de subsidiar os estudos, se viu obrigada a retornar para São Sebastião da Boa Vista, onde ingressou numa faculdade particular, mas, novamente, não conseguiu financiar o curso de graduação, abandonando-o ainda no primeiro semestre.

Para além dessas experiências, identificamos, ainda na primeira posição, a percepção de Andrea. A jovem, em uma narrativa bastante curta, afirmou que o único problema observado estava relacionado ao período em que o pai ficou desempregado, o qual ocasionou uma situação financeira bastante complicada. No entanto, se trata de um obstáculo superado, pois foi possível concluir o curso de graduação em Belém. Contudo, é necessário lembrar que, no capítulo anterior, ao apresentar a trajetória seguida após a Educação Básica, Andrea descreveu um percurso associado a uma rotina de estudos que perdurou por cerca de cinco anos e resultou na aprovação em uma faculdade particular. Logo, essa situação nos leva a considerar, também, outros impedimentos relacionados aos déficits em seu processo de escolarização, uma vez que, tendo em vista um percurso de muitas reprovações nos exames das universidades, pode ser

considerado um fator que impossibilitou, durante alguns anos, o acesso ao Ensino Superior.

Diante das experiências narradas por essas jovens, observamos a presença de diferentes obstáculos que, algumas vezes, impedem uma trajetória de longevidade escolar. Podemos observar que há um preço muito alto pago por aquelas que desejam uma vida diferente, caracterizada pela crença em melhores oportunidades a partir da formação e qualificação profissional. Entretanto, não nos referimos apenas ao valor financeiro. Com essa interpretação, falamos sobre a necessidade de migrar para outras áreas e viver dificuldades relacionadas à distância da família, aos sentimentos de insuficiência e baixa autoestima, à falta de empatia com as demandas apresentadas enquanto estudantes oriundas de outro município, entre tantos outros já mencionados. As jovens participantes desta pesquisa são o retrato da realidade que nos cerca; das juventudes brasileiras que, em um dado momento, foram chamadas de futuro do país, mas que, ao precisar de apoio, sentiram-se limitadas; são estudantes que lutaram (e continuam lutando) dia após dia para conseguir o máximo de formação possível.

Na segunda posição, intitulada “maternidade”, identificamos aspectos que se diferem das trajetórias interpretadas anteriormente. Maria descreve dificuldades relacionadas ao nascimento do filho, afirmando o seguinte:

118 **Maria:** Sim tive dificuldades logo no começo eu pensei em desistir de novo eu falei  
 119 vou esperar o meu filho crescer mais eu falei mas o tempo tá passando né toda aquela  
 120 galera que estudava comigo tá todo mundo já é já formou e eu ainda continuo aqui  
 121 não eu tenho que continuar mesmo assim uma das coisas que eu fiz na verdade é tive  
 122 que desmamar meu filho bem cedo com dez meses eu tive que desmamar ele por  
 123 conta disso mas essa foi a dificuldade por conta de ser mãe mas hoje em dia já é de  
 124 boa ele já fica normal@ não me dá mais trabalho.

Nessa passagem, Maria aponta a maternidade como um fator que impediu o prolongamento da escolarização, em um determinado período. A jovem afirma que viveu dificuldades “por conta de ser mãe” e revela a necessidade de interromper o processo de amamentação do filho, quando esse tinha apenas dez meses de vida, para dar continuidade aos estudos no Ensino Superior, especialmente, após perceber que alguns dos colegas de classe do Ensino Médio estavam formados. Além desse obstáculo, Maria não expõe no trecho acima, mas, em outro momento, indica a mudança para Belém, após a Educação Básica, e o início de um curso preparatório para o vestibular. No entanto, alguns impasses a obrigaram a retornar para São Sebastião da Boa Vista.

A narrativa de Maria revela um obstáculo diferente daqueles apresentados anteriormente pelas demais entrevistadas, uma vez que caracteriza um dilema enfrentado por uma jovem mãe que, diante do desejo de prolongar a escolarização, viveu um impasse entre esperar o “filho crescer mais” e retomar a carreira estudantil. No trecho acima, Maria descreve a experiência com a maternidade e demonstra que, durante um período, “foi a dificuldade por conta de ser mãe” que a impediu de continuar os estudos, tendo em vista as novas responsabilidades e o desafio de conciliar o cuidado e a atenção dada à criança com as atividades acadêmicas. Podemos observar que a dúvida relacionada ao início de um curso de graduação estava associada, também, à insegurança, por precisar se afastar do primogênito, bem como ao sentimento de preocupação em deixá-lo sob o olhar de terceiros. Assim, na frase “logo no começo pensei em desistir de novo”, Maria indica que a vida acadêmica já havia sido deixada em segundo plano, em outro momento, no intuito de priorizar o filho.

Na passagem em destaque, Maria descreve a reflexão em torno da dúvida acerca da continuidade dos estudos e, na frase “o tempo tá passando né toda aquela galera que estudava comigo tá todo mundo já é já formou e eu ainda continuo aqui”, indica o sentimento de atraso perante os colegas do Ensino Médio que seguiram percursos distintos e viveram experiências diferentes. Nesse excerto, Maria demonstra, ainda, a percepção de estar parada, no mesmo lugar de anos atrás, enquanto os amigos que a acompanharam na escola caminharam e obtiveram grandes conquistas. É como se, em um determinado momento, a permanência no município de São Sebastião da Boa Vista e a constituição familiar, além da aquisição de uma residência e do trabalho com a loja virtual, não fossem vistos como progresso, diante das realizações dos amigos. Tal comparação aparece, na fala da jovem, como um incentivo que a levou a decidir pela retomada dos planos relacionados a vida acadêmica, os quais tiveram início a partir da interrupção da amamentação do filho, com apenas dez meses de vida, e o ingresso em uma faculdade particular. No entanto, apesar de ser um hábito corriqueiro, o ato de comparar as trajetórias após a Educação Básica nem sempre é entendido como um impulso, uma vez que os jovens tendem a questionar as escolhas realizadas, relembram sonhos e projetos elaborados quando eram estudantes, assim como acreditam que o fato de estarem em posições opostas àqueles que têm a mesma idade, significa que não avançaram e isso resulta em desestímulos.

Por fim, a última posição, identificada como “conflitos e inquietações”, apresenta aspectos relativos a diferentes situações que impediram o prolongamento dos estudos após o Ensino Médio. No trecho abaixo, Carolina detalha a interpretação acerca dos motivos que explicam a sua trajetória. Vejamos:

387 **Carolina:** Foi nessa fase né que eu te falei que a gente não tava bem eu e meu ex-  
 388 namorado assim por essas coisas engraçado que tudo isso sabe influencia na nossa  
 389 vida né eu pensei não isso nunca vai me atrapalhar a gente sempre vai sabe conciliar  
 390 as coisas né e tanto é que a gente não conseguiu né a gente (.) parece que  
 391 sempre=sempre assim gera um impacto na nossa vida então foi um pouco conturbada  
 392 porque assim eu já não tava mui- eu já tava querendo sabe sair do Ensino Médio  
 393 querendo trabalhar e esquecer um pouco mais disso e focar em outras coisas (.) aí  
 394 depois surgem outros problemas eu fiquei tipo eu fiquei doente isso mexeu muito com  
 395 a minha cabeça a minha irmã foi embora muitas mudanças sabe eu não sou  
 396 acostumada com mudanças parece que eu tenho medo sabe (.) é aquela coisa do  
 397 comodismo que entra e tudo isso influenciou (.) assim foi um pouco foi difícil na  
 398 verdade eu não pensei logo de cara assim eu não pensei logo nisso eu tava com foco  
 399 em outras coisas tanto é que a dois meses três meses que eu me libertei mais disso  
 400 sabe eu pensei assim comecei a olhar as coisas mais friamente eu pensei eu não  
 401 posso só é pensar nessa não posso achar que isso vai me ajudar ou que vai assim  
 402 me completar sabe assim que vai é:: me trazer sei lá que as coisas vão acontecer  
 403 magicamente né como eu pensava antes que tudo ia acontecer no momento certo e  
 404 que eu não ia precisar mover mãos pra fazer acontecer né (2) foi um pouco  
 405 conturbado assim porque foi difícil uma coisa veio a outra aí embaralhou toda a minha  
 406 cabeça e aí não sobrou sabe espaço pra eu pensar nisso problemas também  
 407 familiares assim tipo (.) não problemas sabe problemas assim dentro da casa mas  
 408 assim cobranças sabe cobranças em coisas que eu não queria ser cobrada por  
 409 exemplo eu adoraria ser cobrada de:: que eu preciso estudar tu tem que estudar assim  
 410 mas eu acho que não por maldade mas eu nunca fui cobrada disso eu acho que talvez  
 411 por essa por isso que eu não tenho continuado os estudos assim logo @foi por isso@.

Nessa passagem, Carolina aponta diferentes fatores que, possivelmente, impediram a continuidade dos estudos após a Educação Básica. A jovem descreve um período “um pouco conturbado” e relata uma fase complicada no relacionamento com o namorado. Diante dessa situação, seu único pensamento era o de concluir o Ensino Médio e ingressar no mercado de trabalho, a fim de se distrair e “focar em outras coisas”. Contudo, na época, foi acometida por uma doença que somada à migração da irmã para outro Estado e o misto de sentimentos ocasionados devido às experiências vividas, influenciaram bastante em sua vida, pois, considerando que, por longos anos, esteve em uma posição confortável, ao perceber tantas mudanças acontecendo ao seu redor, em um curto intervalo de tempo, sentiu-se amedrontada e insegura. Assim, Carolina revela que, perante os conflitos, não houve espaço para pensar em elaborar projetos relacionados ao futuro.

De acordo com Carolina, a vida afetiva e o foco nesses conflitos só foram dispostos em um segundo plano poucos meses antes de conceder a entrevista, quando percebeu

que o seu futuro estava sendo prejudicado. Logo, a jovem descreve a ideia de, até um certo momento, acreditar que as oportunidades iriam encontrá-la, sem a necessidade de realizar tantos esforços, assim como destaca, novamente, a relação familiar, enfatizando a cobrança dos pais a assuntos que não a agradavam. Para ela, seria mais significativo se essas exigências estivessem relacionadas à escolarização. Por fim, Carolina acredita que a experiência conturbada, iniciada ainda no Ensino Médio e que perdurou por alguns meses seguintes, colaborou para a interrupção dos estudos, até o momento.

A interpretação refletida da narrativa de Carolina revela que o prolongamento dos estudos, após a Educação Básica, foi impossibilitado por conflitos associados a relações amorosas e familiares, doenças, mudanças e um misto de sentimentos experimentados em um curto intervalo de tempo. No trecho destacado, Carolina relata um período difícil, caracterizado pelo término do relacionamento com o namorado. A jovem demonstra ter passado por uma desilusão que abalou diferentes esferas da sua vida, apesar de acreditar que isso nunca se tornaria um obstáculo. A frase “eu já tava querendo sabe sair do Ensino Médio querendo trabalhar e esquecer um pouco mais disso e focar em outras coisas”, indica o interesse em tentar se concentrar em atividades laborais que a ajudassem a dispor a melancolia em um segundo plano, porém, Carolina adoeceu e isso a prejudicou mais ainda, tendo em vista que o problema com a saúde se somou à mudança da irmã para outro Estado e resultou em muitas confusões emocionais. Diante de tantos acontecimentos, a jovem se sentiu amedrontada. No excerto “eu não sou acostumada com mudanças parece que eu tenho medo” admite o receio do desconhecido, da necessidade de adaptar-se à uma nova rotina ou à uma vida distinta. Para ela, “é aquela coisa do comodismo”, de viver longos anos em uma posição confortável, a qual foi ameaçada por problemas pessoais. Logo, com as preocupações, não foi possível pensar em planos para o futuro.

Podemos observar que esses conflitos tiveram início ainda no Ensino Médio e se arrastaram por meses após a conclusão dessa etapa. No trecho acima, não há indicação da presença de um apoio emocional ou psicológico, tanto por parte da família quanto da escola. Carolina era uma estudante com medo, confusa e sem perspectivas, logo, aliou-se a ideia de que “tudo ia acontecer no momento certo” e não seria necessário elaborar planos ou realizar grandes esforços para alcançar empregos, cursos, dentre outras oportunidades de crescimento. Contudo, ao perceber a realidade em que estava inserida,

a jovem sentiu um impacto que a despertou para a exigência de pensar no futuro. Assim, Carolina afirma que a experiência com diferentes situações conflituosas, bem como a relação com os pais, definida pelas cobranças a assuntos que a desagradavam e o desprezo por sua escolarização, colaboraram para a interrupção dos estudos, especialmente, por estar tão preocupada em sobreviver a esse período complicado e distrair-se dos estudos e ideias do que fazer no futuro.

## **6.2. Balanço das trajetórias**

As narrativas das jovens boa-vistenses revelam diferentes fatores que dificultaram ou impediram o prolongamento dos estudos após o Ensino Médio. Diante da interpretação das experiências vivenciadas pelas entrevistadas nos últimos anos, identificamos elementos que caracterizam três posições: a primeira, representada por Bete, Janaína e Andrea, se refere a problemas econômicos; a segunda, definida por Maria, expõe os desafios com a maternidade; e, por fim, a terceira, descrita por Carolina, demonstra impasses associados a conflitos emocionais.

Na primeira posição, denominada “dificuldades econômicas”, identificamos problemas associados ao financiamento da carreira estudantil. Para Bete, Janaína e Andrea, a oportunidade de prolongar a escolarização estava em Belém, portanto, seria necessário a adaptação à vida na capital. Bete indicou obstáculos com os custos das viagens, moradia, alimentação, entre outros. Janaína revelou que a mudança para uma área distante exigiu o ingresso imediato no mercado de trabalho, a fim de financiar os gastos com os estudos, entretanto, a rotina se tornou bastante cansativa, logo, a jovem se viu obrigada a interromper os projetos e retornar ao município de São Sebastião da Boa Vista. Para Corrochano (2013), “a realidade da grande maioria de jovens e adultos no mercado de trabalho brasileiro sempre esteve muito mais próxima da instabilidade, das idas e vindas e de um constante ‘se virar’ para conseguir ‘ganhar a vida’” (p. 27). É o caso de Bete e Janaína que, diante dos impedimentos, buscaram um emprego no intuito de bancar, também, uma possível trajetória de longevidade escolar, seja por meio de uma formação superior ou qualificação profissional.

Em relação a Andrea, houve um destaque, somente, aos problemas financeiros, enfrentados enquanto seu pai esteve desempregado. No entanto, lembramos que, após o Ensino Médio, a jovem viveu uma rotina de estudos para os exames de seleção das

universidades que perdurou por cerca de cinco anos e resultou na inserção em uma faculdade particular. Desse modo, consideramos que, possivelmente, alguns déficits em seu processo de escolarização se tornaram um empecilho que, durante um período, a impediu de ingressar no Ensino Superior. Nessa perspectiva, quando falamos sobre as dificuldades no prolongamento estudantil ou dos fatores que impossibilitam uma trajetória de longevidade escolar, nos referimos a aspectos para além do acesso à universidade. Falamos de um processo que tem início na elaboração dos projetos de vida, na escolha de uma profissão, no apoio financeiro, moral e/ou psicológico para concretizar os planos, bem como na ausência de políticas públicas que atendam jovens estudantes que concluíram a Educação Básica e desejam continuar a vida estudantil. Segundo uma pesquisa realizada pelo Observatório Universitário da Universidade Cândido Mendes, “25% dos potenciais alunos universitários são tão carentes que não têm condições de entrar no Ensino Superior, mesmo se ele for gratuito” (PACHECO; RISTOFF, 2004, p. 9). Essa informação nos leva a refletir sobre os inúmeros estudantes boa-vistenses, esforçados e aplicados, que um dia sonharam com um curso de graduação em uma universidade pública, mas não tiveram condições de sair de São Sebastião da Boa Vista para buscá-la.

Nos últimos anos, a região marajoara recebeu diferentes polos de faculdades particulares ofertando cursos semipresenciais e a distância, porém, muitos estudantes egressos do Ensino Médio boa-vistense, ao planejarem o ingresso no Ensino Superior, desejam um curso em áreas distantes. Assim, ao migrarem de São Sebastião da Boa Vista, buscam muito mais do que uma vaga na universidade, anseiam por oportunidades de crescimento pessoal e profissional, novas experiências e independência. São jovens que saem de casa cheios de sonhos e, algumas vezes, se veem obrigados a retornar devido a tantas dificuldades. Bete, Janaína e Andrea fazem parte do grupo que elaborou projetos de vida voltados para a continuidade dos estudos após a Educação Básica e precisou interromper ou buscar outros meios, como um curso técnico ou uma graduação instituição particular. Logo, entendemos que as experiências vividas pelas entrevistadas são repletas de sentidos individuais, uma vez que, conforme Larrosa (2011), “cada um faz ou padece sua própria experiência, e isso de um modo único, singular, particular, próprio” (p. 7). No entanto, embora constituídas por percursos diferentes, as trajetórias narradas demonstram aspectos semelhantes que se cruzam e se relacionam.

A segunda posição, intitulada “maternidade”, é caracterizada por aspectos relacionados a experiência de uma jovem mãe. Maria, ao ser indagada sobre as dificuldades para continuar os estudos após a Educação Básica, revelou que um dos maiores impedimentos, durante um determinado período, foi o fato de ser mãe. Para ela, diante dos desafios e responsabilidades com o nascimento do filho, tornou-se necessário adiar o prolongamento da escolarização. Nessa perspectiva, Urpia e Sampaio (2009) chamam a atenção para a entrada da mulher na universidade ou no mercado de trabalho e refletem sobre a não desobrigação do cuidado com a casa e dos filhos, ainda que tenham ocorrido algumas mudanças e, entre casais mais jovens, haja a divisão sexual das tarefas domiciliares. Para as autoras, muitas mulheres optam por jornadas parciais, flexibilização de horários e interrupções na vida acadêmica. No entanto, isso pode significar “uma desaceleração das atividades, e o retorno, em geral, acontece com dificuldades, seja quando a mulher se encontra na condição de profissional ou na condição de estudante universitária” (URPIA; SAMPAIO, 2009, p. 31). No caso de Maria, houve a suspensão dos planos estudantis, retomados apenas quando o primogênito estava com dois anos de idade.

Ao analisarmos a narrativa de Maria e buscarmos pelos fatores que dificultaram ou impediram a continuidade dos estudos, consideramos, também, o período em que houve a mudança para Belém no intuito de preparar-se, através de um curso pré-vestibular, para os exames de admissão das universidades. Maria indicou a vivência de alguns obstáculos na capital que a obrigaram a interromper os planos e retornar à Ilha de Marajó, onde seguiu outro percurso. Desse modo, podemos observar que a jovem apresenta uma trajetória que, segundo Camarano et al (2004), é caracterizada por uma transição não linear, pois não segue a lógica de sequência passo a passo. Para Maria, a retomada da carreira estudantil foi repensada ao perceber que muitos colegas do Ensino Médio estavam formados no Ensino Superior. A jovem revela a ideia de perceber-se, por um momento, no mesmo lugar há anos, atrasada e sem avanços. Essa impressão é mais frequente e perturbadora na vida de diversos grupos geracionais do que podemos imaginar. Larrosa (2002), fala sobre pessoas que usam o tempo como um valor ou uma mercadoria. No caso de Maria, e também de outros jovens, é como se não pudesse “perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás”

(LARROSA, 2002, p. 23). Para Maria, essa interpretação serviu como um impulso que a incentivou na busca por um curso de graduação, porém, muitos estudantes se desesperam e, a partir dessa sensação, há quem opte por um curso técnico ou faculdade particular.

Por fim, a terceira e última posição, denominada “conflitos e inquietações”, é definida a partir de uma série de situações vivenciadas, entre a conclusão do Ensino Médio e alguns meses seguintes. Carolina indica o término do relacionamento com o namorado somado a um problema de saúde, bem como o misto de sentimentos após a migração da irmã para outro Estado como fatores que impediram a continuidade dos estudos. Para ela, foram tantas preocupações ao mesmo tempo que pensar em projetos para o futuro tornou-se impossível. De acordo com Weller (2014), “nem sempre os jovens encontram apoio e condições necessárias para esse exercício de experimentação e identificação de possibilidades que podem tornar-se concretas, ou seja, que podem avançar de uma fase mais geral” (p. 141). Nesse sentido, Carolina descreve uma fase conturbada e revela a ausência de apoio emocional, psicológico e familiar, repetindo, frequentemente, durante a entrevista, o desejo de ter alguém que demonstrasse se importar com os seus sentimentos e/ou futuro. Logo, admite se sentir sozinha e expressa o medo e a insegurança diante das inúmeras mudanças ocorridas em sua vida nos últimos anos.

Além dos sentimentos confusos, preocupações, mudanças e crises vivenciadas nesse período, Carolina, mais uma vez, ressalta a postura dos pais perante a educação escolar. Para ela, isso também colaborou para o não prolongamento dos estudos, até o presente momento. A jovem revela a cobrança familiar sobre assuntos que a desagradavam e entristeciam e reafirma o desejo de ter essa atenção direcionada à sua vida estudantil. Assim, “a maior escolarização dos pais oferece uma certeza maior de como realizar a cobrança dos estudos e mesmo uma maior autoridade ao impor os controles necessários” (SCHÜNEMANN; ZUKOWSKI-TAVARES, 2018 p. 180), porém, como os pais de Carolina não tiveram uma trajetória de longevidade escolar e, ainda novos, viveram dificuldades que os obrigaram a trabalhar, possivelmente, não reconhecem o valor daquilo que não experimentaram, portanto, não conseguem dialogar com a filha sobre projetos voltados para a escolarização.

Em resumo, Carolina é uma jovem que viveu (e possivelmente ainda vive) um período de dúvidas, incertezas e questionamentos. É alguém que sofre ao desejar outras experiências e perceber o contexto em que está inserida. Trata-se de uma estudante recém-saída do Ensino Médio que elaborou planos sem orientação, apoio ou incentivo, especialmente dos pais, mas, até o momento, não conseguiu uma forma de viabilizá-los. Logo, demonstra um olhar insatisfeito sobre a própria trajetória estudantil, além das relações familiares e amorosa. Todavia, Carrano e Dayrell (2013) chamam a atenção para a juventude, como o período em que as demandas são outras e as decisões precisam ser realizadas individualmente e autônoma. Desse modo, os desejos e fantasias que constituem um projeto “são transformados em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida” (CARRANO; DAYRELL, 2013, p. 30). Assim, embora Carolina apresente muita insegurança e medo quanto ao futuro, o planejamento descrito em sua narrativa demonstram a vontade e a necessidade de buscar outro caminho. Portanto, acreditamos que a jovem está apenas descansando, conforme mencionado ao concluir o Ensino Médio, para, futuramente, retomar os demais projetos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de experiências e inquietações que me acompanharam há muitos anos, especialmente por ser estudante egressa do Ensino Médio do município de São Sebastião da Boa Vista. Minha trajetória estudantil não é tão diferente do percurso seguido pelas jovens aqui apresentadas, embora os acontecimentos tenham nos tocado de maneira particular. Assim como elas, também estudei na Escola João XXIII, vivi dificuldades e impedimentos, tive dúvidas e sofri com incertezas sobre o futuro e o desejo de alcançar um caminho diferente daqueles pré-determinados. Por longos anos, ainda adolescente, observei diversos grupos geracionais boa-vistenses e percebi inúmeras semelhanças nas trajetórias após a Educação Básica. Em um certo momento, cheguei a acreditar que as experiências vividas no ambiente de aprendizagem poderiam ser um dos principais elementos que influenciavam nas escolhas futuras, pois, para mim, havia um fator que interferia na escolarização das juventudes marajoaras e eu pretendia identificá-lo.

Diante dessa ideia, após ouvir muitos discursos da população de São Sebastião da Boa Vista sobre a relação dos estudantes com a educação escolar, nos quais, frequentemente, os consideravam desinteressados, acomodados, preguiçosos e tantos outros adjetivos, na primeira oportunidade que tive, durante a graduação, realizei um estudo buscando reconhecer os significados atribuídos pelos jovens boa-vistenses à instituição de ensino. Essa pesquisa sanou determinadas dúvidas, mas também me despertou para outras associadas aos percursos seguidos ao concluir a Educação Básica. Assim, surgiu um novo estudo, caracterizado pelo desejo de aprofundar o debate sobre os sentidos da experiência escolar, no Ensino Médio, considerando a percepção de jovens boa-vistenses que alcançaram diferentes caminhos, após essa etapa, visando identificar elementos que se destacam e repercutem até os dias de hoje em suas trajetórias.

Nessa perspectiva, este estudo objetivou compreender os sentidos da experiência escolar de jovens boa-vistenses, no Ensino Médio, no decurso de suas trajetórias biográficas após essa etapa. Para isso, foram identificados os elementos que se destacam na experiência escolar, analisadas as singularidades das experiências nas trajetórias biográficas que marcaram as escolhas após o Ensino Médio, e delineados os fatores que dificultaram ou impediram o prolongamento dos estudos.

Para alcançar esses objetivos, foi trilhado um percurso metodológico caracterizado por uma abordagem qualitativa reconstrutiva, com enfoque na Fenomenologia Social como auxílio na interpretação das experiências narradas pelas entrevistadas e a maneira como interpretam o mundo, a partir de perspectivas, motivações, percepções e desejos. Desse modo, reunimos informações através de entrevistas narrativas buscando a profundidade de aspectos específicos, desejando ouvir histórias e entender os sentidos nas ações relatadas. Para isso, utilizamos a técnica de amostragem Bola de Neve (*snowball sampling*), a fim de identificar as participantes. Por fim, exploramos as narrativas por meio do Método Documentário, visando reconstruir sentidos e significados, a partir da descrição, reflexão e compreensão das falas e das práticas das jovens boa-vistenses, interpretando ideias e experiências, transitando por um mundo repleto de sentidos e significados construídos ao longo de suas trajetórias biográficas.

No que se refere aos desafios encontrados ao longo desse percurso investigativo, destacamos a dificuldade em encontrar egressos do Ensino Médio em processo de preparação para as seleções de universidades. Aliás, desde as indicações iniciais, realizadas pela coordenadora pedagógica, já identificamos a ausência de nomes que representassem esse grupo de participantes. Apesar disso, podemos afirmar que tivemos um acesso relativamente fácil aos entrevistados, o que nos permitiu reunir informações importantes, desenvolvendo uma pesquisa de maneira tranquila e segura, mas principalmente possibilitando que os jovens boa-vistenses descrevessem experiências, relembRANDO suas trajetórias repletas de esperanças, lutas e emoções. Durante a reunião de informações, a curiosidade dos jovens em conhecer o estudo foi um fato que chamou a atenção. Assim, ao entrar em contato com os possíveis participantes, muitos fizeram inúmeros questionamentos, entretanto, alguns se recusaram a participar, assim como há quem tenha demonstrado grande satisfação em colaborar, especialmente após entender os objetivos que estavam nos movendo. Além disso, também destacamos o retorno imediato daqueles que, apesar de trabalharem o dia inteiro e ter pouco tempo livre, esforçaram-se para abrir um espaço na agenda e contribuir para essa pesquisa.

Explorar as narrativas das jovens boa-vistenses nos proporcionou uma viagem em um mundo repleto de sentidos e significados juvenis. As informações reunidas foram analisadas por meio do Método Documentário, logo, inicialmente, realizamos a interpretação formulada, na qual identificamos os principais assuntos surgidos,

selecionamos as passagens de acordo com a relevância temática e destacamos os trechos que apresentavam densidade interativa e metafórica especial; em seguida, desenvolvemos a interpretação refletida, através da análise da narrativa e das motivações expressas nas falas das participantes; por fim, a partir da análise comparativa, buscamos um tema comum e a maneira como foi discutido pelas jovens, a fim de comprovar e validar empiricamente o discurso, comportamento ou ação como típico do meio social.

Assim, chegamos a três modelos de orientação que refletem as visões de mundo das jovens boa-vistenses: o primeiro se refere a escola como um lugar de encontro e socialização que possibilita o desenvolvimento de grandes vínculos amistosos, bem como momentos agradáveis; o segundo diz respeito a interesses, desafios e dificuldades no processo de escolarização; e, por fim, o terceiro está relacionado às perspectivas, desejos, planos, impedimentos e dificuldades experimentadas nas trajetórias após a Educação Básica.

O primeiro modelo de orientação identificado foi denominado como “laços positivos” e se refere à instituição de ensino como um lugar de encontro e convivência. Essa interpretação pode ser percebida nas passagens sobre os elementos que se destacam na experiência escolar, nas quais as jovens boa-vistenses indicam diferentes fatores, mas vínculos amistosos, momentos de lazer, conversas, brincadeiras e descontração junto aos amigos aparecem na maioria das narrativas e demonstram ser acontecimentos que deixaram marcas, porque as participantes lembram com facilidade e um pouco de nostalgia. Assim, a ideia refletida é da existência de um equilíbrio na rotina estudantil em virtude dos laços afetivos desenvolvidos naquele local. Logo, entendemos que, possivelmente, as relações interpessoais se tornaram um dos motivos que atraíram as entrevistadas para o ambiente de aprendizagem.

No geral, as memórias constituídas pelos fatores destacados acima são bastante positivas e retratam uma rotina agradável ao lado dos amigos e docentes. Aliás, esses últimos também são mencionados frequentemente, mas observamos uma dualidade em tais vínculos, especialmente no Ensino Médio. No entanto, nesse modelo de orientação, consideraremos, apenas, as boas percepções e relações. Assim, ao analisar as narrativas referentes à experiência escolar, identificamos a existência de relacionamentos amistosos entre professores e estudantes dentro e fora do ambiente de

aprendizagem. As entrevistadas lembram conversas, conselhos, ensinamentos e outras situações passadas que marcaram suas trajetórias estudantis e, também, colaboraram para as perspectivas futuras. Observamos, ainda, a ênfase dada a um docente específico, por vezes descrito como um bom professor devido a utilização de métodos diferenciados, logo, as jovens boa-vistenses demonstram o sentimento de satisfação em participar das aulas, grupos de discussões e atividades, uma vez que se sentiam motivadas.

Em resumo, no primeiro modelo de orientação identificamos a presença de uma lembrança comum positiva sobre a experiência escolar das jovens boa-vistenses. Trata-se de memórias associadas às boas relações desenvolvidas na instituição de ensino, bem como dos momentos desfrutados junto aos amigos e professores. Diante dessa interpretação, consideramos que a socialização no pátio, corredores e salas de aula ou os intervalos com jogos, conversas e brincadeiras são acontecimentos coletivos vividos pelas entrevistadas e, possivelmente, por diversos estudantes brasileiros, pois há semelhança nas narrativas destacadas, porém, a experiência foi/é singular, porque a situação vivida passou e tocou cada uma de maneira particular. Nesse sentido, ao descreverem a vida estudantil no Ensino Médio, as entrevistadas recordam aquilo que teve/tem um significado especial em suas trajetórias. Logo, as marcas carregadas se referem aos encontros, amizades, cumplicidade e companheirismo, assim como às aprendizagens, conselhos, confiança e inspiração profissional.

O segundo modelo de orientação, nomeado “intenções e realidade”, é caracterizado por memórias associadas a interesses, desafios e dificuldades vividas no Ensino Médio. Também podemos identificá-lo em trechos que tratam dos elementos destacados na experiência escolar. Assim, embora as jovens boa-vistenses apontem aspectos positivos, especialmente associados à convivência e socialização no ambiente de aprendizagem, nas narrativas analisadas há, ainda, uma ênfase dada a acontecimentos, ocorridos dentro e fora da instituição de ensino, que dificultaram o processo de escolarização.

As narrativas refletem o impasse vivido entre o desejo de aprender e os diferentes impedimentos relacionados a infraestrutura física, material e humana da instituição. Podemos observar que, ao descreverem a experiência no Ensino Médio, embora apresentem uma visão positiva sobre determinados aspectos, como os destacados no

primeiro modelo de orientação deste estudo, as jovens entrevistadas lembram, também, de situações desagradáveis como paralizações dos servidores públicos, falta de livros didáticos e ausência de professores. Os trechos expostos indicam que as jovens tinham vontade de estudar e demonstravam disposição para aprender, porém, algumas situações as desmotivavam e impediam o acesso aos conhecimentos partilhados. Entre as narrativas, identificamos a descrição do perfil desatento de educadores com as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes, além da didática obsoleta que transformava a rotina estudantil em momentos extenuantes. De acordo com as entrevistadas, esses fatores colaboravam para o desinteresse, bem como a disposição da escola em um segundo plano, mesmo considerando-a um caminho de possíveis oportunidades futuras.

Para além dessas reflexões, o segundo modelo de orientação se refere, ainda, à fatores externos ao ambiente de aprendizagem, relacionados a ausência de apoio familiar e a atribuição de atividades domiciliares. Assim, o sentimento de solidão, da falta de uma pessoa que acreditasse e incentivasse a formação escolar e a necessidade de conciliar a rotina estudantil com as tarefas de casa, colaboraram para uma experiência tensa. Os relatos expostos nesta pesquisa indicam que a chegada ao Ensino Médio trouxe novas responsabilidades e desafios. Durante esse período, as jovens boa-vistenses viveram diferentes situações associadas a um período intenso de estudos, a exigência de uma dedicação maior ao que estava sendo trabalhado em sala de aula, bem como demandas associadas a relações e conflitos que interferiram na experiência escolar e provocaram um misto de sentimentos que resultou na desatenção com os estudos.

Todos esses acontecimentos foram vividos por jovens boa-vistenses, e possivelmente por estudantes de diversas outras regiões do país. Para as entrevistadas, a presença constante dos amigos e as boas relações com os professores transformaram a experiência escolar, mas não anularam o misto de sentimentos referentes aos dilemas, conflitos, dificuldades, impedimentos e demais preocupações dentro e fora da instituição. Logo, se tornaram marcas carregadas para além das suas trajetórias estudantis. Assim, a experiência no Ensino Médio é repleta de memórias e vestígios de um período singular que marcou talvez para sempre a vida das participantes apresentadas neste estudo, seja de forma positiva ou negativa. São situações que influenciaram na percepção sobre o ambiente de aprendizagem, o percurso escolar e até mesmo os possíveis caminhos

seguidos após a Educação Básica, porque os planos elaborados para o futuro, também são resultados de perspectivas criadas enquanto estudantes.

Por fim, o terceiro modelo de orientação, nomeado como “inconstância”, se refere a desejos, projetos, dificuldades e impedimentos vividos nos percursos seguidos após a conclusão da Educação Básica. Todas as jovens elaboraram projetos voltados para a continuidade dos estudos no Ensino Superior e a maioria buscou diferentes maneiras de concretizá-los, seja mudando para a capital do Estado a fim de frequentar um curso preparatório ou permanecendo em São Sebastião da Boa Vista e fazendo a própria rotina estudantil ou, ainda, ingressando no mercado de trabalho para custear as despesas no intuito de, futuramente, poder financiar uma graduação. No entanto, diante de alguns problemas econômicos, houve a necessidade de rever os planos.

As narrativas destacadas neste trabalho descrevem a realidade de estudantes concluintes do Ensino Médio do município de São Sebastião da Boa Vista e os dilemas para conseguir acesso e permanência na universidade. Podemos observar que, embora tenham seguido percursos diferentes, as jovens boa-vistenses apresentam algumas experiências semelhantes, dentre elas a dificuldade financeira para custear a vida na capital do Estado. Esse foi, e ainda é, o principal fator que impede uma trajetória de longevidade escolar. Logo, todas as entrevistadas precisaram, em algum momento, suspender a carreira estudantil e, aquelas que ingressaram no Ensino Superior, conseguiram retomá-la cerca de cinco anos depois da conclusão da Educação Básica. Assim, há também as que, diante de tantos obstáculos, sentiram a necessidade de priorizar o ingresso imediato no mercado de trabalho, mas a formação por meio de uma graduação permanece como projeto futuro.

Esse modelo de orientação indica que todas as participantes desta pesquisa apresentam um percurso estudantil não-linear, porém, isso não aconteceu por falta de vontade, mas por carência de oportunidades e apoio, refletido na dificuldade financeira, na ausência de uma moradia na capital do Estado, na necessidade de ingresso no mercado de trabalho, na responsabilidade e desafio com a maternidade ou na falta de incentivo e orientação sobre os caminhos a trilhar. Há inúmeras situações que perpassaram a vida das jovens boa-vistenses ao tentar buscar o prolongamento da escolarização. Desse modo, todas carregam muito mais do que sinais, são cicatrizes que ainda não sararam, pois, ao narrarem as experiências, apresentam memórias associadas

ao sentimento de frustração, tristeza, descontentamento e insatisfação, porém, tratam-se de acontecimentos coletivos, repletos de marcas individuais e singulares. Para além dessas interpretações, nos referimos a jovens mulheres que interromperam projetos muito desejados, recolheram as sobras de esperanças após o impacto dos obstáculos vividos e retornaram à Ilha de Marajó para recomeçar um novo percurso, permaneceram na luta e acreditando em um futuro com formação profissional por meio de uma graduação.

Portanto, assim como Larrosa (2002), também compreendemos a universidade como parte da escola, logo, ao analisarmos a experiência escolar e caracterizarmos os percursos seguidos pelas jovens boa-vistenses após a Educação Básica, entendemos que há diferentes sentidos atribuídos a todos os acontecimentos que passaram na vida das entrevistadas enquanto estudantes do Ensino Médio e também nas trajetórias biográficas, os quais, embora coletivos e diversos, antes de tudo, são singulares, individuais e próprios de cada uma. Nessa perspectiva, apesar das dificuldades observadas, representam uma esperança, relacionada ao que passou, mudou, transformou e, principalmente, ao que ainda virá.

Desse modo, os sentidos atribuídos à experiência escolar também influenciam nos percursos seguidos após a Educação Básica, porque a intenção de prolongar os estudos vem das expectativas criadas no espaço de aprendizagem, com um amigo ou um professor; vem dos conteúdos aprendidos com facilidade ou daqueles em que é necessário um pouco mais de esforço; vem, ainda, de incentivos e até mesmo da ausência deles, porque as jovens entendem que devem buscar por si mesmas, mas também por suas famílias. Assim, o desejo de adquirir uma trajetória de longevidade estudantil e a coragem de abandonar o aconchego dos pais para buscar um curso de nível superior não nasce do dia para a noite, mas é uma construção de tudo o que essas jovens viveram desde que iniciaram a vida escolar. Logo, há inúmeros sentidos na experiência escolar no Ensino Médio. São acontecimentos pessoais e particulares. São vestígios de uma vida marcada por relações, dificuldades, coragens, incertezas e determinações. Tratam-se de sonhos que, embora interrompidos, continuam nos pensamentos, como uma promessa futura.

Por fim, destacamos que a região marajoara, em especial o campo em que nos propusemos a aprofundar este estudo, possui uma infinidade de aspectos relevantes e

possíveis de serem investigados. São esses que revelam a riqueza e a diversidade encontradas em áreas distantes dos centros urbanos e, nesse caso, em um pequeno município acessado preferencialmente através de transportes fluviais. Desse modo, para aqueles que desejarem pesquisar sobre a temática aqui abordada, recomendamos que se mantenham firmes em suas buscas, que conversem e escutem seus sujeitos, que riem e se emocionem ao ouvir tantos relatos e, principalmente, que acreditem nos resultados, pois são muito valiosos e não só precisam, mas merecem ser compartilhados com todos.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Mirian; CASTRO, Mary Garcia (Orgs). **Ensino Médio: Múltiplas Vozes**. Brasília: UNESCO, MEC, 2003.

AMAZONAS; Maria Cristina Lopes de Almeida; VIEIRA, Luciana Leila Fontes; PINTO, Virgínia Cavalcanti. Modos de Subjetivação Femininos, Família e Trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2011, n. 31, v. 2, 314-327.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga; CARRERA, Ana Daniele Mendes; SOUZA, Alessandra de Almeida; SOUZA, Mayanne Adriane Cardoso de. A fenomenologia social e a investigação qualitativa da educação: reflexões iniciais. In: PIMENTEL, Adelma; MALCHER, Nazareth (Org.). **Diálogos interdisciplinares em saúde**. Belém: UFPA, 2019.

BITENCOURT, Silvana Maria. Maternidade e universidade: desafios para a construção de uma igualdade de gênero. **41º Encontro Anual da ANPOCS**. GT13 Gênero, Trabalho e Família. Caxambu, 23 a 27 de outubro de 2017.

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o Método Documentário. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 286-311, jun/dez, 2007.

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O Método Documentário na Análise de Grupos de Discussão. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**: Teoria e Prática. Petrópolis: Vozes, 2011.

BOHNSACK, Ralf. **Pesquisa social reconstrutiva**: Introdução aos métodos qualitativos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan/jun, 2021.

CAMARANO, Ana Amélia; MELLO, Juliana; PASINATO, Maria Tereza; KANSO, Solange. **Caminhos para a vida adulta**: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARMO, Helen Cristina do; LEÃO, Geraldo. Os jovens e a escola. In: ALVES, Maria Zenaide; CORREA, Licinia Maria; MAIA, Carla Linhares. **Juventude Brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CARPENTER, Deborah; FERGUSON, Christopher J. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterfly, 2011.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educação e Pesquisa**, v.41, p.1439-1454, 2015.

CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez. (Org.). **Formações de professores do ensino médio, etapa I – caderno II: o jovem como sujeito do ensino médio**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. Os ideais da formação humanista e o sentido da experiência escolar. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, vol. 43, n. 4, p. 1023-1034, out./dez. 2017.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao Ensino Superior. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013.

CORTI, Ana Paula. Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. In: CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DAYRELL, J. A Juventude e Suas Escolhas: as relações entre projeto de vida e escola, In: VIEIRA, M. M. et al. (Orgs.). **Habitar a Escola e as Suas Margens: Geografias Plurais em Confronto**. Porto Alegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2013.

DAYRELL, Juarez; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, Ensino Médio e os processos de exclusão escolar. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr./jun., 2016.

DUBET, François; MARTUCCELLI, Danilo. **En la escuela: Sociología de la experiencia escolar**. Buenos Aires: Losada, 1996.

GOMES, Angélica Paula Ferreira. **Juventude e Ensino Médio: trajetórias, desafios e perspectivas de futuro de estudantes de São Sebastião da Boa Vista**. 2018. 155f. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Sociais e Educação (Licenciatura Plena em Pedagogia). Centro de Ciências Sociais e da Educação. Universidade do Estado do Pará. Belém, 2018.

GUIMARÃES, Nadya. “Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil”, in ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Áreas Territoriais**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15761-areas-dos-municipios.html?edicao=27729&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 11 out. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-sebastiao-da-boa-vista/panorama>>. Acesso em: 11 out. 2021.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sistema IBGE de Recuperação Automática — SIDRA**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=sidra%20popula%C3%A7%C3%A3o&start=0>>. Acesso em: 11 out. 2021.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Catálogo de Escolas**. Ministério da Educação. Disponível em: <<https://inepdata.inep.gov.br/analytics/saw.dll?dashboard>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Afiliada, 1997.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, jan/fev/mar/abr, n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, nº. 2, p.4-27, jul./dez. 2011.

LEÃO, Geraldo; CARMO, Helen Cristina do. Os jovens e a escola. In: CORREA, Lycinia Maria; ALVES, Maria Zenaide; MAIA, Carla Linhares. **Juventude Brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez T.; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. **Cadernos Cedes**, Campinas, vol. 31, n. 84, p. 253-273, maio/ago, 2011.

MONFREDO, Romeu C.; **Resumo Histórico de São Sebastião da Boa Vista**. Pará: [s.n], 1979.

NETTO, Livian Lino; BARREIRO, Cristhianny Bento. Modos de ser jovem na escola: um estudo de caso etnográfico. **Movimento Revista de Educação**, ano 3, n. 4, p. 184-210, 2016.

PACHECO, Eliezer; RISTOFF, Dilvo I. **Educação superior**: democratizando o acesso. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, Série Documental. Textos para discussão n. 12, 2004.

PARÁ. Secretaria de Educação (SEDUC). **Consulta Escola**. Disponível em: <[http://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta\\_matricula/RelatorioMatriculas.php?codigo\\_ure=20&codigo\\_municipio=45250](http://www.seduc.pa.gov.br/portal/escola/consulta_matricula/RelatorioMatriculas.php?codigo_ure=20&codigo_municipio=45250)>. Acesso em 11 out. 2021.

PEREIRA, Beatriz Prado; LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do Ensino Médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 193-216, jan./mar. 2016.

PEREIRA, Daniela de L. C. **Relações interpessoais**: conflitos e ambiente escolar. 2018. 113f. Dissertação (Mestrado) — Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Instituto de Educação. Lisboa, 2018.

PEREZ, Lícia. Os desafios para o século XXI. In: GALEAZZI, I.M.S. (Org) **Mulher e Trabalho**. Publicação Especial do Convênio da Pesquisa e Desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (PEDRMPA) v. 1, 2001.

RAVAGNOLI, Neiva C. S. R. A entrevista narrativa como instrumento na investigação de fenômenos sociais na Linguística Aplicada. **The Specialist**, v. 39, n. 3, p. 1-14, 2018.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa Biográfica e Entrevista Narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Orgs). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**: Teoria e Prática. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 210-222.

SEVERO, Ricardo Gonçalves. Sociologia do conhecimento e o método documentário: instrumento qualitativo para análise sociológica. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 48, n. 1, p. 304-317, jan/jul, 2017.

SEVERO, Ricardo Gonçalves. Aportes da socioanálise e do Método Documentário para a Educação: o uso da pesquisa e do método e sua aplicação em uma escola como ferramenta de apoio para elaboração de políticas públicas. **Muiraquitã**, UFAC, v. 8, n. 1, p. 200-221, 2020.

SPOSITO, Marília Pontes. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPOSITO, Marília Pontes (Org.). **Juventude e Escolarização (1980-1998)**. Brasília-DF, MEC/Inep/Comped, 2002, p. 7-33.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. A Experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência. **Perspectiva**, Florianópolis, v.22, n.2, p.345-380, jul./dez. 2004.

SPOSITO, Marília Pontes. A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006). In: SPOSITO, Marília Pontes (Org). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, volume 1. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009, p. 17-56.

SCHÜNEMANN, Haller Elinar Stach; ZUKOWSKI-TAVARES, Cristina. Estratégias das famílias populares de apoio à escolarização. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 12, n. 1, p. 169-183, jan./abr. 2018.

STOSKI, Patricia; GELBCKE, Vanessa Raianna. Juventudes e escola: os distanciamentos e as aproximações entre os jovens e o Ensino Médio. IN: SILVA, Monica Ribeiro da; OLIVEIRA, Rosangela Gonçalves de (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio: Sentidos e significados da experiência escolar**. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2016, p. 33-51.

TAVARES, Breitner Luiz. Método Documentário e a Análise das Orientações Geracionais da Juventude. **Caderno CRH**, Salvador, v. 25, n. 66, p. 587-600, set/dez, 2012.

URPIA, A. M. O; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, vol. 3, n. 2, p. 30-43, 2009.

URPIA, A. M. O; SAMPAIO, S. M. R. Mães e universitárias: transitando para a vida adulta. In: SAMPAIO, S. M. R. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]**. Salvador: EDUFBA, 2011.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez, 2014.

WELLER, Wivian et al. Karl Mannheim e o Método Documentário de Interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. XVIII, n. 2, jul./dez, p. 375-396, 2002.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 7, nº 13, p. 260-300, jan/jun, 2005.

WELLER, Wivian; Jovens no Ensino Médio: Projetos de Vida e Perspectivas de Futuro. In: CARRANO, Paulo; DAYRELL, Juarez; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e Currículos em Diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

WELLER, Wivian; OTTE, Janete. Análise de narrativas segundo o método documentário. **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 325-340, maio/ago, 2014.

WELLER; Wivian; ZARDO, Sinara Pollom. Entrevista narrativa com especialistas: aportes metodológicos e exemplificação. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 131-143, jul/dez, 2013.

WELLER, Wivian; BASSALO, L. M. B. A insurgência de uma geração de jovens conservadores: reflexões a partir de Karl Mannheim. **Estudos avançados**, v. 34, n. 99, 2020.

ZAGO, Nadir. **A condição do estudante**: Um estudo sobre o acesso no Ensino Superior. GT - Educação e Sociedade. SBS - XII Congresso Brasileiro de Sociologia, Belo Horizonte, 2005.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no Ensino Superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-370, mai/ago, 2006.

ZAGO, NADIR. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. **Revista Brasileira de Educação** [online], v. 21, n. 64, p. 61-78, 2016.

ANEXOS



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CÓDIGOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS**

(Modelo criado pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack)<sup>19</sup>

<b>Código</b>	<b>Significado</b>
Y:	abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utilizam-se Y1 e Y2)
Am / Bf:	abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se “m” para entrevistados do sexo masculino e “f” para pessoas do sexo feminino. Numa discussão de grupo com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utilizam-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subsequentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativa-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm, Carlos)
?m ou ?f:	utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo)
(.)	um ponto entre parêntesis expressa uma pausa inferior a um segundo
(2)	o número entre parêntesis expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)
ë	utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação
;	ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz
.	ponto: forte diminuição do tom da voz
,	vírgula: leve aumento do tom da voz
?	ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz
exem-	palavra foi pronunciada pela metade
exe:::mplo	pronúncia da palavra foi esticada (a quantidade de : equivale o tempo da pronúncia de determinada letra)

<sup>19</sup> De acordo com Weller (2006)

assim=assim	palavras pronunciadas de forma emendada
exemplo	palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas
°exemplo°	palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos
<b>exemplo</b>	palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito
(example)	palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parênteses
( )	parênteses vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parênteses varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase)
@exemplo@	palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba
@(2)@	número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala
((bocejo))	expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((pessoa entra na sala e a entrevista é brevemente interrompida))
//hm//	utilizado apenas na transcrição de entrevistas narrativas-biográficas para ou
//@(1)@//	indicar sinais de feedback (“ah”, “oh”, “mhm”) ou risos do entrevistador.

## APÊNDICES



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE I**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidada(o) a participar da pesquisa intitulada “O sentido da experiência escolar dos jovens boa-vistenses”, de responsabilidade da pesquisadora Angélica Paula Ferreira Gomes, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – PPGED/UEPA, sob a orientação da professora Dra. Lucélia de Moraes Braga Bassalo.

Este estudo tem como objetivo principal compreender como se manifesta, nos sentidos da experiência escolar atribuídos pelos jovens boa-vistenses, o papel do professor para a constituição de seus projetos de vida. Para tanto, buscamos identificar como essa experiência contribuiu, no que se refere as relações pedagógicas com os professores, para as suas trajetórias após o Ensino Médio, delinear de que forma tal experiência colaborou para a continuidade, ou não, dos estudos, bem como analisar como as práticas escolares e a rotina escolar ajudaram em suas escolhas profissionais.

A nossa proposta é ouvir a sua opinião, e a de outros ex-estudantes, sobre a passagem pela escola de Ensino Médio e as experiências vividas em termos de acesso, permanência, relação com os colegas de classe, professores, ambiente de aprendizagem, conteúdos escolares, atividades, práticas pedagógicas, bem como a contribuição de tudo isso para o seu futuro.

Você colabora participando de uma entrevista que será transcrita, garantindo-se o total sigilo dos seus dados pessoais e demais informações que possam reconhecer sua identidade. Sua participação não irá gerar qualquer tipo de despesa nem compensação financeira, assim como este estudo não oferece riscos morais, psicológicos, de saúde e de vida.

Portanto, ao assinar este termo você concorda com todos os dados descritos acima e declara que foi informada(o) e compreendeu perfeitamente os objetivos e a forma como será realizada esta pesquisa e a sua participação. Assume também estar ciente do

compromisso da pesquisadora em utilizar os dados, considerando o anonimato dos participantes, bem como o material reunido somente para estudos e eventos de divulgação científica (congressos, revistas, artigos, dentre outros) nacionais e internacionais.

Nome do participante: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Pesquisadora responsável: Angélica Paula Ferreira Gomes

E-mail: angel.pfg@gmail.com

Belém, \_\_de \_\_\_\_\_ de 2022.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE II**  
**LISTA PARA INDICAÇÃO INICIAL DE POSSÍVEIS SUJEITOS**

<b>Formados no Ensino Superior</b>	<b>Universitários ou Pré-vestibulandos</b>	<b>Técnicos ou estudantes de Curso Técnico</b>	<b>Trabalhadores</b>	<b>Não Estudam Nem Trabalham</b>

Nome do participante: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Pesquisadora responsável: Angélica Paula Ferreira Gomes

E-mail: angel.pfg@gmail.com

Belém, \_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.



- Você se considera:

Amarela(o)                       Branca(o)                       Indígena  
 Parda(o)                       Preta(o)

- Religião

Nenhuma                       Católica                       Evangélica  
 Outra. Nesse caso, qual? \_\_\_\_\_

➤ **Informações escolares**

- Ano de conclusão do Ensino Médio: \_\_\_\_\_

- Você frequentou algum curso preparatório para o vestibular?

Não                       Sim. Nesse caso, por quanto tempo? \_\_\_\_\_

- Você foi aprovado, está cursando ou concluiu algum curso superior?

Não  
 Fui aprovado, mas não cursei  
 Sim, em uma universidade pública, mas desisti no \_\_\_\_\_ semestre  
 Sim, em uma universidade particular, mas desisti no \_\_\_\_\_ semestre  
 Sim, concluí no ano de \_\_\_\_\_  
 Sim, estou cursando o \_\_\_\_\_ semestre em universidade pública  
 Sim, estou cursando o \_\_\_\_\_ semestre em universidade particular

- Sobre a pergunta anterior, qual é o curso?

Respondi “não” à pergunta anterior  
 Curso \_\_\_\_\_

- Você frequentou algum curso de qualificação profissional?

Não  
 Sim, concluí no ano de \_\_\_\_\_  
 Sim, mas desisti

- Sobre a pergunta anterior, qual é o curso?

Respondi “não” à pergunta anterior



- Seus pais são:  
 Casados  Separados  
 Outro. Nesse caso, qual? \_\_\_\_\_
- Qual a ocupação do seu pai? \_\_\_\_\_
- Qual a ocupação da sua mãe? \_\_\_\_\_
- Qual é a renda mensal da sua família?  
 Até 1 salário mínimo (R\$ 1.100,00)  
 Até 2 salários mínimos (R\$ 2.200,00)  
 Até 3 salários mínimos (R\$ 3.300,00)  
 Quatro ou mais salários mínimos (R\$4.400,00)
- Quantas pessoas vivem dessa renda mensal?  
 Duas pessoas  Três pessoas  Quatro pessoas  
 Outro. Nesse caso, quantas? \_\_\_\_\_
- A casa em que sua família reside é:  
 Alugada  Própria  Cedida
- A casa em que sua família reside está localizada na:  
 Zona rural  Zona urbana

➤ **Informações profissionais**

- Você desenvolve alguma atividade remunerada?  
 Não  
 Sim, em tempo parcial (até vinte horas semanais)  
 Sim, em tempo integral (mais de trinta horas semanais)  
 Sim, mas se trata de trabalho eventual
- Sobre a pergunta anterior, qual é a sua situação de trabalho?  
 Estou desempregada(o)  
 Formal (com carteira assinada)  
 Informal (sem carteira assinada)

Estagiária(o)

Funcionária(o) pública(o)

Autônoma(o)

• Com que idade você começou a trabalhar?

Antes dos 14 anos                       Entre 14 e 16 anos

Entre 17 e 18 anos                       Após 18 anos                       Nunca trabalhei

• Qual é sua renda mensal?

Não tenho nenhuma renda mensal

Menos do que meio salário mínimo (Até R\$ 550,00)

De meio até um salário-mínimo (Entre R\$ 550,00 e R\$ 1.100,00)

De um até 2 salários mínimos (Entre R\$ 1.100,00 e R\$ 2.200,00)

Mais de dois salário mínimos



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE IV**

**TÓPICO-GUIA DA ENTREVISTA NARRATIVA PARA JOVENS FORMADOS NO  
 ENSINO SUPERIOR, UNIVERSITÁRIOS OU PRÉ-VESTIBULANDOS**

<b>BLOCO TEMÁTICO</b>	<b>PERGUNTA</b>	<b>OBJETIVO</b>
Pergunta inicial	Você pode falar sobre as suas experiências na escola?	Conhecer a trajetória escolar do jovem boa-vistense.
Ensino Médio	Pensando no Ensino Médio, como foi a sua experiência nessa etapa?	Identificar as marcas que esse jovem carrega do Ensino Médio.
Relação professor-estudante	Como era a sua relação com os professores no Ensino Médio?	Descrever a relação professor-estudante no Ensino Médio boa-vistense.
Projetos de vida	Quais eram os seus projetos de vida no Ensino Médio? Você está realizando ou foram adiados?	Identificar os projetos de vida desse jovem no Ensino Médio.
Escolha profissional	Como foi para você escolher esse curso?	Identificar os fatores que determinaram a escolha do curso.
Papel do professor	De que forma você acha que os professores do Ensino Médio colaboraram para os seus projetos de vida?	Identificar o papel do professor na elaboração dos projetos de vida desse jovem.
Ensino Superior	O que você acha que tornou possível a sua continuidade dos seus estudos no Ensino Superior?	Identificar fatores que possibilitaram o prolongamento dos estudos desse jovem no Ensino Superior.

Saída do Ensino Médio	O que você fez entre a saída do Ensino Médio e o ingresso na universidade? Você teve alguma dificuldade para continuar os estudos?	Identificar caminhos percorridos pelo jovem boa-vistense após o Ensino Médio.
Família	Qual a opinião da sua família sobre a continuidade dos estudos após o Ensino Médio? Você teve apoio para continuar estudando?	Descrever a percepção familiar desse jovem sobre a continuidade dos estudos após o Ensino Médio.
Outros	Tem algum assunto que não foi falado, mas que você acha importante colocar nesta pesquisa?	Incentivar a discussão de temas não discutidos e que sejam relevantes.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE V**

**TÓPICO-GUIA DA ENTREVISTA NARRATIVA PARA JOVENS TÉCNICOS OU ESTUDANTES DE CURSO TÉCNICO**

<b>BLOCO TEMÁTICO</b>	<b>PERGUNTA</b>	<b>OBJETIVO</b>
Pergunta inicial	Você pode falar sobre as suas experiências na escola?	Conhecer a trajetória escolar do jovem boa-vistense.
Ensino Médio	Pensando no Ensino Médio, como foi a sua experiência nessa etapa?	Identificar as marcas que esse jovem carrega do Ensino Médio.
Relação professor-estudante	Como era a sua relação com os professores no Ensino Médio?	Descrever a relação professor-estudante no Ensino Médio boa-vistense.
Projetos de vida	Quais eram os seus projetos de vida no Ensino Médio? Você está realizando ou foram adiados?	Identificar os projetos de vida desse jovem no Ensino Médio.
Saída do Ensino Médio	O que você fez logo após a saída do Ensino Médio? Você teve alguma dificuldade para continuar os estudos?	Identificar caminhos percorridos pelo jovem boa-vistense após o Ensino Médio e os possíveis desafios para a continuidade dos estudos.
Papel do professor	De que forma você acha que os professores do Ensino Médio colaboraram para os seus projetos de vida?	Identificar o papel do professor na elaboração dos projetos de vida desse jovem.
Escolha profissional	O que levou você a fazer um curso técnico?	Identificar os fatores considerados por esse jovem para as

		escolhas profissionais.
	Como foi para você escolher esse curso?	Identificar os fatores que determinaram a escolha do curso.
Família	Qual a opinião da sua família sobre a continuidade dos estudos após o Ensino Médio? O que ela acha de você fazer um curso técnico?	Descrever a percepção familiar desse jovem sobre a continuidade dos estudos após o Ensino Médio.
Outros	Tem algum assunto que não foi falado, mas que você acha importante colocar nesta pesquisa?	Incentivar a discussão de temas não discutidos e que sejam relevantes.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE VI**

**TÓPICO-GUIA DA ENTREVISTA NARRATIVA PARA JOVENS TRABALHADORES**

<b>BLOCO TEMÁTICO</b>	<b>PERGUNTA</b>	<b>OBJETIVO</b>
Pergunta inicial	Você pode falar sobre as suas experiências na escola?	Conhecer a trajetória escolar do jovem boa-vistense.
Ensino Médio	Pensando no Ensino Médio, como foi a sua experiência nessa etapa?	Identificar as marcas que esse jovem carrega do Ensino Médio.
Relação professor-estudante	Como era a sua relação com os professores no Ensino Médio?	Descrever a relação professor-estudante no Ensino Médio boa-vistense.
Projetos de vida	Quais eram os seus projetos de vida no Ensino Médio? Você está realizando ou foram adiados?	Identificar os projetos de vida desse jovem no Ensino Médio.
Papel do professor	De que forma você acha que os professores do Ensino Médio colaboraram para os seus projetos de vida?	Identificar o papel do professor na elaboração dos projetos de vida desse jovem.
Saída do Ensino Médio	O que você fez logo após a saída do Ensino Médio?	Identificar caminhos percorridos pelo jovem boa-vistense após o Ensino Médio e os possíveis desafios para a continuidade dos estudos.
Trabalho	O que levou você a procurar um trabalho?	Identificar fatores que levaram ao ingresso no mercado de trabalho sem

		qualificação profissional.
Família	Qual a opinião da sua família sobre a continuidade dos estudos após o Ensino Médio? Você teve apoio para continuar estudando?	Descrever a percepção da família desse jovem sobre a continuidade dos estudos após o Ensino Médio.
Oportunidades no município	Como você vê a vida do jovem boa-vistense em termos de oportunidade para estudo e emprego aqui no município?	Descrever a percepção desse jovem acerca das oportunidades em São Sebastião da Boa Vista.
Outros	Tem algum assunto que não foi falado, mas que você acha importante colocar nesta pesquisa?	Incentivar a discussão de temas não discutidos e que sejam relevantes.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – CCSE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**APÊNDICE VII**

**TÓPICO-GUIA DA ENTREVISTA NARRATIVA PARA JOVENS QUE NÃO ESTUDAM  
 NEM TRABALHAM**

<b>BLOCO TEMÁTICO</b>	<b>PERGUNTA</b>	<b>OBJETIVO</b>
Pergunta inicial	Você pode falar sobre as suas experiências na escola?	Conhecer a trajetória escolar do jovem boa-vistense.
Ensino Médio	Pensando no Ensino Médio, como foi a sua experiência nessa etapa?	Identificar as marcas que esse jovem carrega do Ensino Médio.
Relação professor-estudante	Como era a sua relação com os professores no Ensino Médio?	Descrever a relação professor-estudante no Ensino Médio boa-vistense.
Projetos de vida	Quais eram os seus projetos de vida no Ensino Médio? Você está realizando ou foram adiados?	Identificar os projetos de vida desse jovem no Ensino Médio.
Papel do professor	De que forma você acha que os professores do Ensino Médio colaboraram para os seus projetos de vida?	Identificar o papel do professor na elaboração dos projetos de vida desse jovem.
Saída do Ensino Médio	O que você fez logo após a saída do Ensino Médio? Por quais motivos você não continuou os estudos?	Identificar caminhos percorridos pelo jovem boa-vistense após o Ensino Médio e os possíveis desafios para a continuidade dos estudos.

Família	Qual a opinião da sua família sobre você fazer faculdade ou trabalhar?	Descrever a percepção da família desse jovem sobre estudo e emprego.
Motivos da situação atual	Quais as causas para você não estar trabalhando nem estudando atualmente?	Identificar os motivos para que esse jovem não esteja estudando nem trabalhando.
Futuro	O que você deseja ou planeja para o seu futuro?	Conhecer as perspectivas para o futuro do jovem que não estuda nem trabalha.
	Você recebe apoio de alguém em relação aos seus planos para o futuro? De quem e como?	Identificar se esse jovem tem apoio para desenvolver seus planos.
Outros	Tem algum assunto que não foi falado, mas que você acha importante colocar nesta pesquisa?	Incentivar a discussão de temas não discutidos e que sejam relevantes.



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo  
66113-200 Belém – PA  
<http://ccse.uepa.br/mestradoeducacao>